

BIANCA SILVA MÉDICE DE OLIVEIRA

**O VALOR DA ASCENSÃO SOCIAL: O BRASIL DO SÉCULO XIX  
DIANTE DO ESPELHO EM *PAPÉIS AVULSOS*, DE MACHADO DE  
ASSIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS – BRASIL

2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

Oliveira, Bianca Silva Médice de, 1992-  
O48v O valor da ascensão social : o Brasil do século XIX diante  
2018 do espelho em *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis / Bianca  
Silva Médice de Oliveira. – Viçosa, MG, 2018.  
vii,127f. ; 29 cm.

Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.  
Referências bibliográficas: f.125-127.

1. Literatura brasileira. 2. conto. 3. ascensão social. 4.  
*Papéis Avulsos*. I. Universidade Federal de Viçosa.  
Departamento de Artes e Humanidades. Mestrado em Letras.  
II. Título.

CDD 22 ed. B869.3


BIANCA SILVA MÉDICE DE OLIVEIRA

**O VALOR DA ASCENSÃO SOCIAL: O BRASIL DO SÉCULO XIX DIANTE  
DO ESPELHO EM *PAPÉIS AVULSOS*, DE MACHADO DE ASSIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 09 de março de 2018.

  
\_\_\_\_\_  
Marcos Rogério Cordeiro Fernandes

  
\_\_\_\_\_  
Adécio de Sousa Cruz

  
\_\_\_\_\_  
Angelo Adriano Faria de Assis  
(Orientador)

*O que a literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo no meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor.*

*William Faulkner*

## AGRADECIMENTOS

Ao final de mais uma grande etapa concluída, este momento de agradecimento se mostra muito especial e difícil, uma vez que falarei a respeito dos que estiveram ao meu lado durante esta árdua jornada que agora se encerra para que outros ciclos se iniciem.

Agradeço a Deus, que em sua infinita misericórdia nunca deixou que me faltasse a força necessária para seguir firme os meus objetivos, mesmo diante das dificuldades que surgiram pelo caminho.

Agradeço aos meus pais, Altencir e Rosane, por todo amor, apoio e compreensão durante estes dois anos, e, principalmente, por me ensinarem a não desistir e a persistir sempre de forma honesta na busca da concretização dos meus sonhos. A eles, a minha imensa gratidão por acreditarem em mim e sempre estarem ao meu lado. Não há palavras que possam descrever o amor, respeito e admiração que sinto pelos meus pais. Sem eles, a concretização deste momento não seria possível, portanto, essa vitória também é de deles.

Ao meu irmão Gabriel, que muitas vezes, ao longo deste tempo, com uma pequena mensagem, foi capaz de alegrar o meu dia e me ajudar a dar continuidade em meus estudos. Ele é um presente em minha vida.

Agradeço ao meu namorado Gabriel, pela compreensão, paciência e por sempre me motivar a seguir os meus objetivos. Muito obrigada por estar ao meu lado, ouvir e compreender minhas angústias. Obrigada pelo grande companheirismo e por fazer com que este caminho se tornasse mais leve.

À minha amiga Franciane, por caminhar ao meu lado nesses dois anos, partilhando alegrias, dificuldades e anseios. Por colaborar na escrita deste trabalho através de suas leituras e revisões. Obrigada pela grande amizade!

À minha amiga Rainhany, pelo apoio, preocupação, alegrias e conhecimentos partilhados nos estudos de língua inglesa. Obrigada pelo carinho desde o primeiro dia em que nos conhecemos.

Ao meu orientador Angelo Adriano Faria de Assis, pela orientação e por acreditar na concretização do meu trabalho, mesmo diante das dificuldades.

Ao professor Adélcio de Sousa Cruz, profissional que tanto admiro, e que muito me incentivou a dar continuidade em meus estudos. Muito obrigada pelo apoio desde a graduação, por aceitar prontamente fazer a leitura deste trabalho,

bem como, pelos valiosos apontamentos feitos durante a minha qualificação, que muito contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Aos grandes professores que tive o privilégio de encontrar pelo caminho, que me inspiraram na escolha da profissão professor e me proporcionaram a base necessária para que este trabalho se concretizasse. Muito obrigada à professora Margarida Maria Soares, que durante o meu Ensino Médio abriu os meus olhos para a grandeza presente em cada linha do texto literário. Ao grande professor Edson Ferreira Martins, que muito admiro e que durante a graduação me incentivou e partilhou comigo alguns de seus grandes conhecimentos.

À Adriana Gonçalves, que com extrema competência, dedicação e carinho, me ajudou sempre de forma solícita a concluir as responsabilidades provenientes do curso.

À Universidade Federal de Viçosa, por me acolher durante todos estes anos e me proporcionar momentos incríveis, que jamais serão esquecidos.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I .....	6
A FORTUNA CRÍTICA: UMA REVISÃO .....	6
1.1 “Irredutível às receitas”: o surgimento do gênero conto .....	6
1.2 Machado de Assis contista.....	13
1.3 O movimento Realista.....	20
1.4 A escrita Machadiana: um estilo próprio .....	24
1.5 Um breve levantamento dos estudos relacionados à Literatura Comparada.....	35
CAPÍTULO II.....	44
O BRASIL DO SÉCULO XIX SOB O OLHAR MACHADIANO .....	44
2.1 O Brasil oitocentista: a sociedade em cena .....	44
2.2 Nacionalismo literário e Machado de Assis.....	50
2.3 O fazer ficcional machadiano como representação da sociedade: desvendando o processo histórico.....	62
CAPÍTULO III.....	73
A ASCENSÃO SOCIAL NOS CONTOS MACHADIANOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA .....	73
3.1 A “Teoria do medalhão” e “O espelho”: aliando a individualidade aos preceitos sociais.....	73
3.2 “O segredo do bonzo” e “A Sereníssima república”: a arte de enganar como mecanismo de convencimento .....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	125

## RESUMO

OLIVEIRA, Bianca Silva Médice de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2018. **O valor da ascensão social: o Brasil do século XIX diante do espelho em *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis.** Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis.

O presente trabalho pretende analisar a representação literária da sociedade brasileira do século XIX, apresentada na coletânea de contos *Papéis Avulsos* (1882), de Machado de Assis, compreendendo a grande ligação do escritor com a história e o seu interesse em desvendar o processo histórico. Desta maneira, a fim de discutir a importância da relação dialética entre indivíduo e a realidade que o cerca, busca-se investigar e interpretar as características de uma sociedade em que questões como o interesse e a busca pela ascensão social se revelam como o lado prático e decisivo da vida, disfarçadas pelo idealismo e pela hipocrisia. Pretende-se, também, apresentar as características de Machado de Assis enquanto contista, onde se apresenta um escritor e crítico que observa e questiona a realidade de seu tempo, bem como, pensa a relação entre literatura e sociedade. Machado é, por isso, um dos maiores analistas de sua própria cultura.



## ABSTRACT

OLIVEIRA, Bianca Silva Médice de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2018. **The value of social ascension: Brazil from 19th Century in front of a mirror in *Papéis Avulsos*, from Machado de Assis.** Advisor: Angelo Adriano Faria de Assis.

The present work has as an objective to analyze the literary representation of Brazilian society from 19th Century, presented in the tales collection *Papéis Avulsos* (1882) from Machado de Assis, understanding a great connection of the writer with the history and his interest in unveil the historical process. Thus, in order to discuss the importance of the dialectic relation between individual and the reality that surrounds him, we seek to investigate and interpret the characteristics of a society in which questions such as the interest and the search for the social ascension reveals itself as a practical and decisive side of life, disguised by the idealism and hypocrisy. It's intended also, to present Machado de Assis's characteristics as a storyteller, showing himself as a writer and critic that observes and questions the reality of his time, such as the way he thinks the relation between literature and society, therefore one of the biggest analysts of his own culture.

## INTRODUÇÃO

Existem inúmeros estudos voltados para as questões sociais presentes na obra machadiana, sobretudo relacionados aos romances de antes e depois de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Entendemos que os contos, mesmo em grande número, são menos abordados, embora não possuam menor importância, uma vez que apresentam questões cruciais e características da sociedade brasileira.

Através da literatura podemos ter acesso às características de determinada época e ao modo como as pessoas pensavam o mundo ao seu redor, o que torna possível percebermos anseios e valores, sendo fonte de indícios para se pensar como e por que as pessoas se comportavam de determinadas maneiras. Joaquim Maria Machado de Assis, enquanto um espectador crítico da sociedade brasileira consegue retratar em seus contos diversos aspectos sociais referentes ao Brasil do século XIX, sendo considerado pela crítica como um dos criadores do gênero. Gotlib chama a atenção para a perspicácia com que Machado representa as nuances da alma humana em seus contos que “traduzem compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas”<sup>1</sup>.

Machado de Assis participa diretamente do estabelecimento da narrativa curta no Brasil. Assim, iremos observar nesta pesquisa o contexto em que o autor encontra-se inserido e as produções presentes naquele momento com o intuito de evidenciar o século XIX enquanto um período de grande importância para o Brasil, pois foi uma época de busca pela estabilização política e de afirmação da identidade nacional.

Em um de seus artigos, o *Instinto de Nacionalidade*, Machado de Assis chama a atenção para a forma do conto em um contexto em que as produções do gênero ainda eram restritas, fato que se deve às dificuldades características da narrativa curta, que, segundo ele, “[é] gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas

---

<sup>1</sup> GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 1985, p. 77.

vezes credor”<sup>2</sup>. Assim, presente em um contexto em que a escassez na produção do gênero se faz presente, Machado rompe com esse processo e consegue ir além dos limites estabelecidos. O autor publicou mais de duzentos contos, mostrando possibilidades de se trilhar novos caminhos na produção da narrativa curta através, por exemplo, dos traços estilísticos livres. Também atuou de forma incisiva enquanto crítico literário, demonstrando grande preocupação em relação à falta de uma crítica literária no Brasil. De acordo com ele,

[...] se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla e elevada, correspondente ao que ela é em outros países. Não a temos [...] a falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, e se desenvolva aos altos destinos que se esperam<sup>3</sup>.

Temos, então, entre os anos de 1873 e 1882, um escritor Machado de Assis que se volta para a produção de textos inovadores no que diz respeito à estrutura e voltados para a representação de uma sociedade cuja busca por prestígio social aparece como um das características dominantes. Machado de Assis é um escritor muito sagaz na observação da sociedade e das relações sociais de sua época. A coletânea de contos *Papéis Avulsos*, lançada em 1882, composta por um conjunto de 12 contos, aparece ao lado do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), como um marco na carreira do autor. A partir de então, o pessimismo, o espírito crítico e a profunda reflexão sobre a sociedade brasileira se tornarão as principais características de suas obras, juntamente com os traços estilísticos da forma livre.

O escritor carioca faz de suas narrativas um veículo que desenvolve sua própria interpretação do processo histórico da sociedade brasileira do século XIX, apresentando sua visão acerca das mudanças sociais e políticas presentes na Brasil. Propõe em seus contos reflexões acerca das práticas recorrentes na época, de forma irônica, representando as mazelas presentes na natureza humana. Através de um olhar que perpassa as questões sociais, acaba por revelar uma

---

<sup>2</sup> ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 806.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 804.

sociedade pautada nas relações de interesse, em que o homem é movido pela busca constante pelo reconhecimento diante da sociedade.

Assim, através da presente pesquisa, pretendemos investigar a representação literária da sociedade brasileira do século XIX apresentada em *Papéis Avulsos* (1882), buscando compreender a grande ligação de Machado com a História e seu interesse em desvendar o processo histórico. Dessa maneira, busca-se investigar e interpretar as características de personagens que representam uma das facetas de uma sociedade em que questões como o interesse e a busca por ascensão social se revelavam como o lado prático e decisivo da vida, disfarçadas pelo idealismo e pela hipocrisia.

Para tanto, o primeiro capítulo da presente pesquisa estará voltado para uma revisão bibliográfica a respeito do surgimento do conto na literatura brasileira com suas características e seu processo de reconhecimento enquanto gênero literário. Logo após, apresentaremos o escritor Machado de Assis em relação ao seu tempo e espaço histórico, investigando o seu percurso literário, sua formação enquanto contista, bem como, a fortuna crítica relacionada à sua vida e obras, com ênfase na coletânea de contos *Papéis Avulsos* (1882).

Posteriormente, nos voltaremos para o surgimento do movimento Realista e suas características, uma vez que o escritor Machado de Assis é incluído, tradicionalmente, no grupo de escritores realistas por ter escrito grande parte de suas obras, como *Papéis Avulsos* (1882), na segunda metade do século XIX. Nesse período dialogou de forma crítica com questões presentes em um contexto onde representar o real da forma mais verídica possível era o que se almejava alcançar. Entretanto, a escrita machadiana não se restringe às escolas literárias e acaba por transcender o chamado a escola do Realismo. Desta forma, pretendemos investigar qual o posicionamento do escritor em relação às obras e aos escritores realistas, para que possamos, em seguida, analisar como se dá a construção da escrita machadiana de forma que a mesma se apresenta como tendo um estilo próprio de composição.

Por fim, falaremos a respeito da crítica voltada para os estudos de literatura comparada, uma vez que a pesquisa também se vale de um estudo comparado, que procura analisar como se dá a representação de uma sociedade brasileira onde a busca pelo reconhecimento social se mostra decisiva e

desencadeadora das ações principais das personagens dos contos a “Teoria do Medalhão”, “O espelho”, “O segredo do bonzo” e “A sereníssima república”.

O segundo capítulo estará voltado para como se dá a representação do Brasil do século XIX através do olhar machadiano. Primeiramente, falaremos a respeito das características históricas, sociais e políticas que compunham o Brasil oitocentista, buscando investigar um cenário escravocrata, em que o autor escreve mostrando-se um escritor inserido na vida social e política do seu país. Em seguida, falaremos a respeito da visão do escritor em relação ao nacionalismo literário em desenvolvimento no Brasil do século XIX, onde a tradição portuguesa possuía grande influência no ideal de nação brasileira. Desta forma, para pensarmos em nacionalismo literário e Machado de Assis, nos voltaremos para o texto *Instinto de Nacionalidade*, onde o escritor e crítico fala sobre a literatura já produzida no Brasil e chama a atenção para a necessidade da criação de uma literatura independente.

Por último, voltaremos o olhar para como ocorre a construção da narrativa ficcional machadiana enquanto representação da sociedade brasileira do século XIX. Assim, pensaremos no escritor como um representante das mudanças históricas presentes do contexto em que se encontra inserido e analisaremos como as mesmas se apresentam em algumas produções consideradas da primeira fase do escritor, como *Helena* (1876), bem como nos escritos de segunda fase, onde daremos ênfase ao romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) a fim de chegarmos, posteriormente, ao surgimento da obra *Papéis Avulsos* (1882). Desta maneira, buscaremos discutir a relação de Machado de Assis com as mudanças históricas do período e sua busca por compreender o processo histórico, representando em suas narrativas o contexto nacional vigente e trazendo as verdades e mazelas que compunham uma sociedade que ainda iniciava o seu caminho rumo a um possível progresso.

No terceiro capítulo analisaremos como ocorre a representação da sociedade brasileira do século XIX na obra *Papéis Avulsos*, com ênfase nos contos a “Teoria do Medalhão”, “O espelho”, “O segredo do Bonzo” e “A sereníssima república”, onde questões como a necessidade de se alcançar a ascensão social mostra-se decisiva e desencadeadora das ações principais dos personagens que compõem as narrativas. Desta forma, buscaremos evidenciar como se faz presente a valorização dos preceitos sociais em detrimentos dos

anseios pessoais do indivíduo, bem como o culto ao falso saber, às meras aparências, atuando enquanto mecanismos utilizados para se chegar ao almejado reconhecimento perante a sociedade.

Assim, o estudo proposto se mostra instigante e pertinente para o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa, uma vez que contribui para o horizonte dos estudos literários relacionados à “literatura, cultura e sociedade”, possibilitando investigar como o texto literário é capaz de representar e questionar as características sociais e históricas de determinada sociedade.

## CAPÍTULO I

### A FORTUNA CRÍTICA: UMA REVISÃO

#### 1.1 “Irredutível às receitas”: o surgimento do gênero conto

O conto aparece como a forma mais antiga de expressão da literatura de ficção presente, até mesmo, entre os povos que não possuíam conhecimento em relação à linguagem escrita. Em relação à origem dos contos, sabe-se que remonta aos tempos primitivos, em que as histórias reuniam as pessoas propiciando interação entre grupos ou tribos. Os chamados ‘casos’ eram transmitidos oralmente através de narrações. Embora seja complexo datar o início dessa prática, para alguns, os contos considerados mais antigos são os egípcios, que surgiram por volta dos 4000 a.C. Nádía Battella Gotlib aponta para as fases da evolução do conto como um percurso pertencente à nossa própria história, que se construiu a partir da resistência mesma dessas histórias em relação ao tempo:

O da história de Caim e Abel, da Bíblia, por exemplo. Ou os textos literários do mundo clássico greco-latino: as várias histórias que existem na Ilíada e na Odisséia, de Homero. E chegam os contos do Oriente: a *Pantchatantra* (VI aC), em sânscrito, ganha tradução árabe (VII dC) e inglesa (XVI dc); e as *Mil e uma noites* circulam da Pérsia (século X) para o Egito (século XII) e para toda a Europa (século XVIII)<sup>4</sup>.

No século XIV, o conto ganha o registro escrito e o contador busca uma narrativa com suas características específicas, sem que haja a perda do tom da narrativa oral. Posteriormente, no século XVII, aparecem as *Novelas ejemplares*<sup>5</sup>, de Cervantes, e, no fim deste século, Charles Perrault surge com os *Contos de Mamãe Gansa*<sup>6</sup>. O conto obtém um grande desenvolvimento no século XIX, impulsionado por fatores como o apego à cultura medieval, à pesquisa do popular e do folclórico e à expansão da imprensa, tendo sido a partir daí que eles começaram a ser publicados em revistas e jornais. Este foi também o momento da

---

<sup>4</sup> GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática:1985, p. 6.

<sup>5</sup> Uma série de novelas curtas escritas por Miguel de Cervantes entre 1590 e 1612. Publicada em 1613 em uma coleção em Madrid por Juan de la Cuesta.

<sup>6</sup> Publicado em 1697. Foram introduzidos nos contos os conceitos morais, maneiras de interpretar o mundo e discussões familiares com o intuito de passar ensinamentos às crianças.

criação do conto moderno, cujos requisitos principais de sua composição são a busca de um único efeito preconcebido através da cena final, tendo como principais nomes representantes do gênero os irmãos Grimm e Edgar Allan Poe.

Podemos perceber todo um processo até a afirmação do conto enquanto gênero: antes, a sua criação e transmissão oral. Depois, seu registro escrito. E posteriormente, o narrador assumiu a função de contador, criador, escritor, afirmando, então, o seu caráter a partir do gênero literário e da força da ‘contação’ de histórias que permanece com o passar do tempo. Gotlib chama a atenção para a importante função do contador:

A voz do contador, seja oral ou escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo com se conta – entonação de voz, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões -, que é passível de ser elaborado pelo contador, nesse trabalho de conquistar e manter a atenção [...] <sup>7</sup>.

Edgar Allan Poe, escritor norte-americano, aparece como figura de grande destaque na escrita do conto. Foi o primeiro a elaborar uma teoria do conto enquanto gênero ficcional, evidenciando que ele pode ser o veículo máximo de expressão de talento de um escritor.

Poe<sup>8</sup> aponta para a importância da relação entre a extensão do conto e o efeito que a leitura do mesmo pode proporcionar ao leitor. Apresenta a capacidade do autor de contos em alcançar os seus objetivos de forma efetiva, propiciando ao leitor, durante a leitura atenta, que a alma do mesmo permaneça sob o controle do escritor, sem haver a possibilidade de que o leitor seja afetado por influências exteriores. Isso não ocorre no processo de leitura de outros gêneros como o romance, pois, segundo Poe, devido à sua maior extensão, acaba por possibilitar um ambiente suscetível às interferências externas. Para o escritor, a extensão curta do conto aparece como uma característica positiva da narrativa. Como coloca Gotlib sobre uma característica básica da composição do conto, “[t]rata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. E tudo que não estiver

---

<sup>7</sup> GOTLIB, Nádya Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática:1985, p. 13.

<sup>8</sup> POE, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.



diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido”<sup>9</sup>.

Poe destaca também a importância de o escritor atentar-se para o efeito que deseja provocar em seu leitor, seja de espanto, medo ou encanto, de forma que, desde o início de formulação do enredo, tenha em mente possíveis desfechos para a narrativa. Todos os acontecimentos devem estar articulados à base da narrativa e o autor deve criar mecanismos que mantenham a atenção do leitor voltada para o texto. Para Poe, toda composição é produzida através de um processo de planejamento; ela não é uma criação ao acaso.

Ao final do século XIX e início do XX, temos os estudos de Matthews<sup>10</sup>, que compara o conto com a novela. Para o estudioso, o conto assemelha-se ao teatro clássico francês, cujas estruturas se restringem em uma ação, um lugar e tempo determinado. Enquanto a novela apresenta uma série de episódios, a narrativa curta do conto, por sua vez, deve possuir apenas um personagem, bem como um evento e uma emoção pertencentes a uma situação restrita. Através de seu relato sobre a estrutura do conto, Matthews define a singularidade do gênero como um elemento que possibilitou o desenvolvimento de sua produção no âmbito literário.

A linha normativa, apresentada acima, gerou questionamentos acerca da produção de narrativa curta, uma vez que todo um manual padronizado foi criado sobre o que seria o conto correto e aceito no mercado. Gotlib chama a atenção para a artificialidade na produção do gênero nos Estados Unidos, por exemplo, nas primeiras décadas do século XX. Seguindo os padrões de Henry S. Canby, em 1915, acompanhava-se toda uma cartilha pronta para a produção dos contos, que obteria sucesso no âmbito da comercialização.

[...] fórmulas que Henry S. Canby, em 1915, descreve ironicamente como: um diálogo no início; um desenvolvimento até o clímax; um final inesperado; e uma sentença final, de sentimento ou epigramática. Isto, com a obsessão por duas regras básicas: 1. eliminar tudo que não contribuisse diretamente para a caracterização da personagem e ação; 2. detectar apenas os pontos altos, sem detalhes inúteis<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática:1985, p. 35.

<sup>10</sup>MATTHEWS, Brander. *La filosofía del cuento*. In: PACHECO, Carlos; LINARES, Luis. (orgs). *Del cuento y sus alrededores: aproximaciones a una teoría del cuento*. 2. ed. Caracas: Monte Avila Editores, 1997.

<sup>11</sup> GOTLIB, Op. Cit., p. 61.

Assim, havia, pois, uma necessidade de libertação das regras impostas e exigidas pelo mercado que limitavam a produção.

No Brasil, cabe destacar como um marco da escrita de contos *A Noite na Taverna*<sup>12</sup> publicada em 1855, de Álvares de Azevedo, que apresentava todo o caráter romântico presente na prosa do escritor. Encontra-se presente na obra um relato de sete episódios através de personagens presentes em um mesmo ambiente alucinatório. Fábio Lucas destaca a importância da obra no cenário da literatura brasileira:

Pode-se considerar *A Noite na Taverna* tanto como uma novela de sete episódios, quanto como uma coletânea de sete contos. Na verdade, inaugura uma tradição em nossa literatura [...] ao estabelecer uma unidade de personagens, de tema ou de atmosfera, formada por agregados narrativos de relativa autonomia [...] Os cenários de *A Noite na Taverna* são imaginários, não se prendem à vida do poeta, à sua pátria, à História. Escapam-lhes o chão contextual e a superfície vivencial. As personagens estão em estado de embriaguez e, por isso, depõem sobre situações desvairadas, cujo foco temático é a paixão carnal, criminosa ou incestuosa, sempre pervertida<sup>13</sup>.

Em toda narrativa de Álvares de Azevedo é possível encontrar a ligação entre amor e morte como o processo de afirmação da ordem da vida:

O tema do prazer ali está irremediavelmente ligado à morte, como se o erotismo fosse função da perpetuação da espécie tão-somente, ficando a morte como consequência natural do êxtase amoroso. O amor, assim, torna-se afirmação da morte, representa um elo por onde passa a corrente da vida. Mas seu destino é perecer, uma vez realizado. No estado inconsciente é que afloram as sugestões profundas da aliança vida/morte. *A Noite da Taverna* encarna bem o espírito romântico<sup>14</sup>.

Herman Lima, por exemplo, publica o livro *Variações do conto*<sup>15</sup>, em que apresenta uma teorização a respeito da estrutura do conto que também aparece com rigidez. Cabe salientar que Machado de Assis, na mesma época, escrevia

<sup>12</sup> AZEVEDO, Álvares de. *Noite na taverna*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

<sup>13</sup> LUCAS, Fábio. O conto no Brasil moderno. In: \_\_\_\_\_. *O livro do seminário ensaios Bienal Nestlé de Literatura Brasileira*. São Paulo: LR Editores Ltda. 1982, p. 114-115.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 115.

<sup>15</sup> LIMA, Herman. *Variações sobre o conto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

seus contos com maestria, de forma a fugir das imposições, evidenciando a diferença de pensamentos em relação à estrutura do conto entre os autores, e configurando-se como um segundo marco na escrita contística no Brasil. Desse modo, o escritor contribuía para a modernização do conto através de uma linguagem que já ensaiava as mudanças que viriam futuramente. Fábio Lucas destaca o que denomina um dos principais elementos da escrita machadiana que evidencia seu estilo próprio: a oralidade.

A oralidade nas obras de Machado de Assis é um elemento importante, sendo antes urbana e cerebral do que manifestação de um relato mítico de sociedades de tradição não escrita. É afinada em tom menor, discreto e confidencial. Tem-se geralmente a impressão de se estar ouvindo contar e, não, lendo uma estória, a despeito de sua concepção escrita. Para isso, funciona bem o vocabulário simples – sempre muito preciso – na elaboração do texto<sup>16</sup>.

O autor supracitado aponta também para a diferença entre o conto e o romance, destacando a possibilidade de o conto captar a individualidade:

A dimensão do conto e suas características o fizeram distinguir-se de outra grande forma de narrativa, o romance. Enquanto este, devido às complexidades das ações e desenvolvimento dos personagens, torna-se o estuário da multiplicidade de relações que o faz homólogo à própria sociedade, que se vê transcrita repetidas vezes no relato romanesco, aquele tende a captar aspectos oriundos da individualidade<sup>17</sup>.

A reflexão sobre o conto brasileiro moderno está ligada, também, inicialmente, a Mário de Andrade, pois ele se contrapõe ao chamado conto de marcação teatral, aquele que se nutre da oralidade para desgarrá-la do cotidiano. Para Luiz Costa Lima<sup>18</sup>, Mário de Andrade conduz os acontecimentos ao leito multiforme do cotidiano. Machado de Assis também aparece como peça fundamental para o desenvolvimento e afirmação deste gênero, já que, “[...] em vez de singularizar-se o banal, matéria do ‘causo’, trata-se de conduzi-lo ao leito

<sup>16</sup> LUCAS, Fábio. O conto no Brasil moderno. In: \_\_\_\_\_. *O livro do seminário ensaios Bienal Nestlé de Literatura Brasileira*. São Paulo: LR Editores Ltda. 1982, p. 116-117.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 105.

<sup>18</sup> COSTA LIMA, Luiz. O conto na modernidade brasileira. In: \_\_\_\_\_. *O livro do seminário ensaios Bienal Nestlé de Literatura Brasileira*. São Paulo: L R Editores Ltda. 1982, p. 175-218.

multiforme do cotidiano de que provém, como maneira e estímulo para melhor penetrar neste”<sup>19</sup>.

Temos assim, quanto à definição do que seja o conto, o que Gotlib apresenta como os diferentes pontos de vistas dos estudiosos:

Há os que admitem uma teoria. E há os que não admitem uma teoria específica. Isto quer dizer que uns pensam que a teoria do conto filia-se a uma teoria geral da narrativa. E nisto têm razão. Como pensar o conto desvinculado de um conjunto maior de modos de narrar ou representar a realidade?<sup>20</sup>.

Mário de Andrade, em seu ensaio “Contos e contistas”, publicado na obra *O empalhador de passarinhos*<sup>21</sup>, em 1938, atribui a Maupassant e a Machado de Assis a descoberta da forma do conto, que, segundo ele, se apresenta indefinível, insondável e irredutível a receitas. A partir daí, levantamos o questionamento: O que é conto? Segundo Andrade: “[a]lguns dos escritores do inquerito se têm preocupado com este inábil problema de estética literária. Em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto”<sup>22</sup>.

Outro aspecto de grande relevância trata-se da duração do conto. De acordo com Gotlib, não se pode chamar de curta uma estória devido ao seu número de palavras e nem o seu enredo pode ser considerado inferior a outros presentes em gêneros, como o romance, por possuir uma menor duração. Devemos atentar para a produção de impacto no leitor, em que o mesmo consiga mergulhar na estória apresentada e o escritor atinja o diferencial na escritura do conto, apresentando os momentos principais e essenciais da trama:

[...] o conto pode ter até uma forma mais desenvolvida de ação, isto é, um enredo formado de dois ou mais episódios. Se assim for, suas ações, no entanto, são independentes, enquanto que no romance dependem intrinsecamente do que vem antes e depois. O conto é, pois, conto, quando as ações são apresentadas de um modo diferente das apresentadas no romance: ou porque a ação é inerentemente curta, ou porque o autor escolheu omitir algumas de suas partes. A base diferencial do conto é, pois, a contração: o contista condensa a matéria para apresentar os seus

<sup>19</sup> COSTA LIMA, Luiz. O conto na modernidade brasileira. In:\_\_\_\_\_. *O livro do seminário ensaios Bienal Nestlé de Literatura Brasileira*. São Paulo: L R Editores Ltda. 1982, p. 177.

<sup>20</sup> GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática: 1985, p. 8.

<sup>21</sup> ANDRADE, Mário de. Contos e contistas. In:\_\_\_\_\_. *O empalhador de passarinho*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002, p. 9-12.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 9.

melhores momentos. Pode haver o caso de uma ação longa ser curta no seu modo de narrar, ou então ocorrer o inverso<sup>23</sup>.

Na segunda metade do século XX começam a surgir novos estudos em relação ao conto apresentando uma reflexão que associa a composição literária dos contos ao contexto de produção. Para Julio Cortázar<sup>24</sup>, uma forma de se entender o conto é através de uma analogia com o romance, o cinema e a fotografia. A aproximação do conto com a fotografia se dá através de um limite físico presente em ambos. Tanto o conto quanto a fotografia fazem parte de um recorte da realidade, em que através de um fragmento selecionado pelo escritor e pelo fotógrafo apresentam uma realidade bem mais ampla.

É necessário que o contista explore o acontecimento de forma que não apareçam na narrativa elementos sem relevância, e que este acontecimento vá além, propiciando a tensão necessária exigida por um bom conto. Para Cortázar, também, o plano temático não é o único elemento determinante para a qualidade de uma obra. O autor precisa escolher as estratégias literárias que possibilitem a produção de uma obra que seja uma manifestação artística e convide o receptor a mergulhar na narrativa, acompanhando o texto desde as suas primeiras linhas.

De acordo com Gotlib, embora existam inúmeros elementos referentes à constituição do considerado “bom” conto, “[...] parece que o destino de sucesso ou fiasco depende menos destes elementos que do modo como são tratados pelo contista. Ou seja: o que decide se um conto é bom ou ruim é o procedimento do autor, e não propriamente este ou aquele elemento isolado”<sup>25</sup>. A qualidade do conto encontra-se como o elemento definidor do dito ‘bom conto’.

As concepções teórico-críticas expostas sobre o conto aparecem com o intuito de apresentar o surgimento do gênero com suas respectivas características de grande relevância, de forma a evidenciar o valor da narrativa literária curta. Cada conto encontra-se diretamente ligado com a já mencionada “estória”, que possui como característica principal a contação breve. Machado de Assis contribuiria, portanto, para o processo de modernização do conto brasileiro, através de uma linguagem que anunciava modificações que ocorreriam de forma efetiva posteriormente.

---

<sup>23</sup> GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática: 1985, p. 64.

<sup>24</sup> CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

<sup>25</sup> GOTLIB, Op. Cit., p. 68.

## 1.2 Machado de Assis contista

Inicialmente, torna-se de grande relevância apresentar alguns aspectos da trajetória machadiana para posteriormente abordarmos assuntos importantes para interpretações da obra *Papéis Avulsos*<sup>26</sup>. Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839. Filho de Maria Leopoldina Machado e Francisco José de Assis, neto de escravos e pardo. Ainda criança, vivenciou o falecimento de sua irmã e, posteriormente, perdeu a mãe para a tuberculose. No ano de 1854, seu pai casou-se com Maria Inês da Silva.

O contexto social da cidade do Rio de Janeiro em que Machado vivia passava por transformações e o processo de urbanização começava a se desenvolver. Em 1850 foi decretada a lei Eusébio de Queirós, que extinguiu o tráfico negreiro. Ainda assim, os escravos formavam a grande parte da população. Paralelamente, europeus chegavam em grande número na cidade.

Ao conhecer o editor Francisco de Paula Brito<sup>27</sup>, em 1854, Machado começa a trabalhar como revisor e sua estreia como escritor ocorre no mesmo ano com um soneto publicado no jornal *Periódico dos Pobres*. Logo no ano seguinte, é inaugurado o Teatro Ginásio Dramático, que passa a divulgar o teatro realista francês e tem grande importância na vida de Machado, pois este se torna crítico e dramaturgo.

Machado acaba por desenvolver seu próprio estilo, rejeitando ideologias e enquadramentos em escolas literárias, como o Romantismo e o Realismo. Sem nunca ter viajado para fora do Brasil, no ano de 1864, publica seu primeiro livro de poesias, *Crisálidas*. Em 1866 já se tornava um escritor conhecido, atuando como dramaturgo, crítico, poeta e cronista. Casa-se em 12 de novembro de 1869 com Carolina Augusta Xavier de Novais e, no ano seguinte, começa a sofrer com os ataques epiléticos.

Em seguida, os intelectuais começam a passar pela mudança da década de 1870 com o final da Guerra do Paraguai. O sistema escravocrata entrava em

---

<sup>26</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000.

<sup>27</sup> Francisco de Paula Brito nasceu no Rio de Janeiro, em 2 de dezembro de 1809, e faleceu em 15 de dezembro de 1961. Atuou como tipógrafo, fundador da sociedade denominada Petalógica, ativista político, poeta e tradutor.

declínio e os questionamentos relacionados entre Monarquia e República, Romantismo e Realismo, por exemplo, perpassavam os escritos da época, incluindo os de Machado. Sua primeira coletânea de contos é lançada em 1870, denominada *Contos Fluminenses*.

Através da grande imprensa – com seus veículos diários, semanais – é que o conto ganha legitimidade. Machado de Assis trabalhou em muitos jornais para o desenvolvimento de sua obra e próprio sustento, atuando como um contista militante na imprensa do Rio de Janeiro e, eventualmente, na de outras cidades. Escreveu 218 contos em sua carreira de escritor; destes, apenas oito foram publicados exclusivamente em livro, tendo sido os demais inicialmente publicados na imprensa. Dos 210 contos publicados na imprensa, 85 estão no *Jornal das Famílias*, 53 na *Gazeta de Notícias*, 43 em *A Estação*, totalizando 181. Os 37 contos restantes dispersam-se em 12 publicações diversas.

Os livros publicados por Machado entre 1864-1908, constituídos por contos, dividem-se em *Contos Fluminenses* (1870), *Histórias da Meia-Noite* (1873), *Papéis Avulsos* (1882), *Histórias sem Data* (1884), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1899), *Relíquias da Casa Velha* (1906). Cabe destacar que as duas últimas obras mencionadas não são constituídas apenas por contos.

*Papéis Avulsos*<sup>28</sup> reúne textos produzidos entre 1875 e 1882, e aparece como um marco ao lado do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Os 12 contos que o compõe são críticos e denunciadores de um estado insustentável do ponto de vista da ética liberal. Nesse sentido, Machado foi mestre nas letras, tanto quanto nas relações sociais.

São vários os estudos voltados para a escrita do conto machadiano e para as inovações apresentadas a partir de 1880. John Gledson<sup>29</sup> chama a atenção para transformações ocorridas no conto machadiano entre 1870 e 1880, onde Machado passa a buscar novas maneiras de composição para os seus contos. O estudioso chama a atenção, também, para o fato de essas mudanças não permitirem um enquadramento do escritor nos padrões rígidos de composição do gênero conto. Segundo Gledson, é como se Machado “tivesse que criar uma forma própria para

<sup>28</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. v. 12. Belo Horizonte: Garnier, 2000.

<sup>29</sup> GLEDSON, John. A história do Brasil em Papéis Avulsos. In: \_\_\_\_\_. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

cada conto: diálogo, pastiche, sátira, contos longos, médios, curtos”<sup>30</sup>. Gledson enfatiza a aproximação de *Papéis Avulsos* com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma vez que ambas apresentam um forte cunho satírico. Aponta, também, para as diversas temáticas abordadas em *Papéis Avulsos* que virão a ser retomadas em outras obras posteriormente e coloca como uma das características principais da coletânea a “ironia”.

É possível destacar que Machado inicia a escrita de seus contos em um contexto em que a tradição do gênero não era presente no Brasil, havendo um número restrito de produções. O autor utiliza de inúmeros procedimentos em suas composições, tornando-se complexo, pois, enquadrá-lo e classificá-lo. Quando se pensa no conto machadiano, logo temos questões voltadas para as nuances da alma humana, em que o contista representa a realidade seguida de questionamentos, de forma que o leitor penetre em sua leitura e o texto também o leia. Desta forma, ocorre uma sublime interação entre leitor, texto literário e autor. Através de seus questionamentos e intrigas bem arquitetados, Machado chama o seu leitor desde o início de suas obras de contos para penetrar no texto, como ocorre em *Papéis Avulsos* desde a advertência ao colocar o livro a frente do leitor “o livro está nas mãos do leitor”. O plano do autor mostra-se indefinido de forma a seduzir o leitor: “[e]ste título *Papéis Avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor colidiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa”<sup>31</sup>. Cabe ao leitor tirar as suas próprias conclusões.

Alfredo Bosi também apresenta reflexões acerca da escrita do conto machadiano, em que se destaca, nas duas primeiras antologias, a temática da busca de um matrimônio como meio de conquista de bens e onde se pode perceber, posteriormente, um processo de mudança com a inserção das chamadas máscaras sociais. Inicialmente, temos nos *Contos Fluminenses* e nas *Histórias da Meia noite* personagens que vivem em condições de carência, vendo o matrimônio como uma forma de supri-la. “É preciso, é imperioso supri-la, quer pela obtenção de um patrimônio, fonte por excelência dos bens materiais, quer pela consecução dos bens materiais, quer pela consecução de um matrimônio com um parceiro

<sup>30</sup>GLEDSON, John. A história do Brasil em *Papéis Avulsos*. In: \_\_\_\_\_. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 47.

<sup>31</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Editora Garnier, 2000, p. 15.



mais abonado”<sup>32</sup>. Podemos perceber o desequilíbrio social e as diferenças de classes como fatores determinantes nas relações. Assim, entra-se no processo que Bosi denomina de pré-história da máscara, em que o fingimento e a mentira aparecem como mecanismos essenciais para a concretização do objetivo matrimonial. Quando a máscara do interessado e beneficiado não se torna mais necessária, o beneficiador vê-se diante de tamanha frustração e decepção. Segundo Bosi: “[i]ngratidão e traição desenham-se como efeitos estruturais de certas relações sociais assimétricas. Daí o ar de necessidade, de quase naturalidade, que assumem em muitos dos enredos machadianos”<sup>33</sup>.

Bosi chama a atenção para o que denomina como “máscara”, onde o homem participa de um jogo de aparências para se enquadrar em sociedade e envolve-se na busca constante por ascender-se socialmente, evidenciando a relação dialética existente entre indivíduo e a realidade que o cerca. De acordo com Bosi, “[a] partir das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e dos contos nos *Papéis Avulsos* importa-lhe cunhar a fórmula sinuosa que esconda (mas não de todo), a contradição entre parecer ser, entre a máscara e o desejo, entre o rito claro e público e a corrente escusa da vida interior [...]”<sup>34</sup>. Machado evidencia a frustração do sujeito que busca impor a sua autonomia, uma vez que se distanciar da maioria que compõe a sociedade torna-se um risco em um meio onde a sobrevivência está ligada diretamente a seguir as imposições das instituições.

O sujeito se vê diante das imposições do meio, envolvendo-se em uma trama onde acaba por curvar-se aos preceitos sociais, como aparece na narrativa “O Espelho”, em que o personagem Jacobina representa umas das características da modernidade: a necessidade de aliar a individualidade aos preceitos sociais, mostrando a importância do prestígio social como elemento transformador do indivíduo aos olhos alheios e ao próprio olhar.

O escritor trabalha a linguagem em dois movimentos: o movimento de representação e o de invenção, ou seja, entre um movimento em direção ao real, ao mundo, e outro em relação ao próprio meio de representação, voltado para a linguagem. Os contos presentes em *Papéis Avulsos* apresentam a relação entre vida social e literatura, um retrato de aspectos da vida, as identidades do sujeito e

---

<sup>32</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 76.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 77.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 84.

sua relação com o outro. O indivíduo passa a prender-se a um jogo de aparências como única forma de enquadrar-se em sociedade, como ocorre em outros contos presentes, também, em *Papéis Avulsos*, como “Teoria do Medalhão” e “O Segredo do Bonzo”.

Machado de Assis mostra-se no conto como um escritor que pensa a relação entre literatura e sociedade, levando em conta aspectos culturais, sendo um dos maiores analistas de sua própria cultura. Assim, mostrou, muitas vezes, a literatura como um modo particular de representação do mundo, através de um olhar crítico retratando os problemas socioculturais que o país enfrentava e que perpassam o tempo. Segundo Bosi, o principal objetivo de Machado está voltado para as questões relacionadas ao comportamento do homem em sociedade.

O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras, silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império. A referência local e histórica não é de somenos; e para a crítica sociológica é quase-tudo. De todo modo, pulsa neste quase uma força de universalização que faz Machado inteligível em línguas, culturas e tempos bem diversos do seu vernáculo lusocarioca e do seu repertório de pessoas e situações do nosso restrito oitocentos fluminense burguês<sup>35</sup>.

A escrita de Machado destaca-se, também, no que diz respeito à forma precisa com que aponta para todas as questões, principalmente as mais rotineiras, através de uma visão singular e habilidosa que transformou a temática de seus contos em retratos das condições da natureza humana em uma sociedade de valores corrompidos, onde o hábito de viver em meio às aparências torna-se decisivo. John Gledson aponta para a visão precisa do escritor em relação aos aspectos miúdos presentes na sociedade, isto é, aquilo que se pode chamar de sua miopia histórica. Segundo o próprio Machado:

Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto. Enquanto o telégrafo nos dava notícias tão graves como a taxa francesa sobre a falta de filhos e o suicídio do chefe da polícia paraguaia, coisas que entram pelos olhos, eu apertei os meus para ver coisas miúdas, coisas que

---

<sup>35</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 11-12.

escapam ao maior número, coisas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam<sup>36</sup>.

Aproximando-se dos contos presentes em *Papéis Avulsos* (1882), como a “Teoria do medalhão”, “O segredo do Bonzo”, “O espelho” e, “A sereníssima república” observamos que a vida em sociedade passa a exigir máscaras que, posteriormente, tornam-se universais. Retomando Bosi: “[a] máscara é, portanto, uma defesa imprescindível, que vem de longe, de muito longe, como apelo do urso e a cabana de paus arrumadas pelo selvagem para se proteger do sol, do vento, da chuva”<sup>37</sup>. A máscara aparece justificada pelo desenvolvimento da civilização, através da escrita realista do narrador, que explorou através de suas narrativas as características de uma sociedade em desenvolvimento. Bosi volta-se, também, para a chamada “aparência dominante” que passa a ser decisiva nas relações entre os sujeitos, como ocorre nos contos “O segredo do Bonzo”, “Teoria do Medalhão” e “A Sereníssima República”.

Às vezes Machado se diverte mostrando os cuidados e as penas que uma família, um grupo e até um povo inteiro se infligem a si próprios para se abrigarem no porto seguro da ordem externa. O trabalho da educação residirá, talvez, neste esforço: conduzir o homem à crença nas opiniões correntes, que são um nada, mas um nada garantido, isento dos revezes da contradição<sup>38</sup>.

Machado exprime o reconhecimento da supremacia exercida pela forma social burguesa e o realismo de sua narrativa permanece atento às máscaras e às leis sociais, isto é “a aceitação pós-romântica da impotência do sujeito quando o desampara o olhar consensual dos outros”<sup>39</sup>. A busca por dinheiro e *status* aparece presente instintivamente no homem e, para vencer, é necessário correr na busca exclusiva por seus interesses individuais e não deixar a “máscara” cair. Assim, temos dois níveis de consciência na obra machadiana: um ideológico, voltado para o comportamento social em que o sujeito é comandado pelo “instinto de conservação”; e outro contra-ideológico, no qual se vê o tom de

<sup>36</sup> ASSIS apud GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e História*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 295.

<sup>37</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 87.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 92.

<sup>39</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p.101.

pseudoconformismo em relação à realidade social. Para Bosi, as razões machadianas não se prendem aos limites do sim e do não, “nem utópica nem conformista”<sup>40</sup>, culminando no processo denominado de humor. De acordo com o crítico, a perspectiva machadiana está voltada para a “contradição que se despista, o terrorista que se finge diplomata. É preciso olhar para a máscara e para o fundo dos olhos que o corte da máscara permite às vezes entrever”<sup>41</sup>.

O narrador machadiano acaba por chamar o leitor para suspeitas em relação à sociedade. Ainda de acordo com Bosi “[...] a forte suspeita de que a sociedade é um encontro de signos ora transparentes, quando a palavras exprime a realidade vivida, ora opacos, quando a palavras dissimula: o que é um modo de dizer que as pessoas misturam sinceridade e engano nas suas relações com os outros e consigo mesmas”<sup>42</sup>.

Antonio Candido também apresenta um estudo voltado para a obra machadiana entre os anos de 1880 e 1900, onde aponta para traços arcaizantes na escrita de Machado, que diferentemente de outros escritores da época “cultivou livremente o elíptico, o incompleto, fragmentário [...]”<sup>43</sup>. Para o crítico, Machado consegue estabelecer “um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial”<sup>44</sup>, transformando o arcaísmo apontado por Candido em traço moderno.

O estudioso chama a atenção, também, para a transformação do homem em objeto do homem, que aparece como um dos malefícios relacionados à presente falta de liberdade do sujeito, tanto econômica quanto espiritual. Candido acaba por destacar a variedade tipológica da escrita machadiana, não sendo possível enquadrá-lo em um grupo característico específico. Assim, temos um diálogo com os estudos de Gledson já mencionados. Desta forma, percebe-se a grande relevância de um estudo voltado para a coletânea de contos *Papéis Avulsos*, uma vez que nela encontramos inúmeros exemplos relacionados às temáticas levantadas e aspectos variáveis presentes na construção dos contos.

---

<sup>40</sup> Ibidem, p. 125.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 125.

<sup>42</sup> Ibidem, p. 116.

<sup>43</sup> CANDIDO, Antônio. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários Escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre azul, 2004, p. 22.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 23.

Pode-se destacar, também, os estudos de José Guilherme Merquior<sup>45</sup>, em que o crítico aponta mudanças presentes na escrita machadiana através de *Papéis Avulsos*. Segundo Melquior, o “conto filosófico” é predominante na obra. Assim, contos como “O Espelho” acabam por revelar nuances da alma humana através de conflitos identitários e apresenta a impossibilidade do sujeito viver sem máscaras. *Papéis Avulsos* aparece representando a transição de uma visão romântica presente nos primeiros contos e romances machadianos para um viés pessimista, em que os valores deturpados do homem são colocados de forma sarcástica em evidência.

Em 1883, Machado de Assis e sua esposa se mudam para uma casa na rua do Cosme Velho, nas Laranjeiras. Assume a diretoria do Comércio do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1889 e, neste mesmo ano, é eleito presidente da Academia Brasileira de Letras. Sua esposa, Carolina, vem a falecer em 20 de outubro de 1904. Machado morre, aos 69 anos de idade, no dia 29 de setembro de 1908.

Visto os inúmeros estudos críticos e abordagens relacionados à obra machadiana, cabe destacar que o presente trabalho pretende voltar-se para a recorrência de personagens na obra *Papéis Avulsos* que se concentram na busca por ascender-se socialmente, pautando-se em falsos discursos e nas falsas aparências, sendo dominados pelas imposições sociais. Tal ideia aparece presente em contos como a “Teoria do Medalhão”, “O Espelho”, “O segredo do Bonzo” e “A Sereníssima República”.

### 1.3 O movimento Realista

O conceito de realismo surge como um movimento e apresenta-se enquanto “estética realista” na metade do século XIX, mais precisamente na Europa, como expressão artística caracterizada pela busca de uma aproximação com a realidade vigente em oposição ao olhar romântico antecessor. A publicação do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, em 1857, aparece como um marco da estética realista. É de grande importância, também, chamar a atenção para alguns escritores realistas, além de Flaubert, como Maupassant e Zola, que

---

<sup>45</sup> MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

aparecem como grandes nomes da geração ficcional realista francesa, assim como Dostoiévsk e Tolstói, na Rússia. Afrânio Coutinho destaca a significação do conceito de realismo:

A palavra realista deriva de real, oriundo do adjetivo do baixo latim *realis*, *reale*, por sua vez derivado de *res*, coisa ou fato [...] é palavra que indica a preferência pelos fatos e a tendência a encarar as coisas tais como na realidade são. Em literatura, Realismo opõem-se habitualmente a idealismo (e a Romantismo) em virtude da sua opção pela realidade tal como é e não como deve ser [...]<sup>46</sup>.

Neste momento, o mundo passava por várias mudanças. Pode-se destacar a relação entre a revolução de 1848 na França, com a escrita realista. A monarquia francesa é restaurada por Luís XVIII após a queda de Napoleão. Com a morte no ano de 1824 de Luís XVIII, Carlos X assume o poder e acaba impondo uma política de caráter autoritário e conservador, em que os liberais passam a ser perseguidos. Unem-se burguesia e as camadas mais pobres com o intuito de retirar Carlos X do poder, e o mesmo abdica de seu cargo em 1830. Posteriormente, Luís Felipe assume o posto e inicia-se um legado repleto de corrupção. Uma grande crise econômica se inicia em 1842, onde burguesia e proletariado unem-se novamente formando um movimento contra as tropas do governo. Luís Felipe acaba abdicando de seu cargo em 24 de fevereiro de 1848, e um governo provisório é instaurado, sendo formado por republicanos, bonapartistas e socialistas. Ocorrem eleições em 23 de abril de 1848 e os republicanos vencem os socialistas, passando a perseguir os contrários. A população reage e, com isso, ocorrem inúmeras mortes. Através de um golpe de estado em 1851, Luís Bonaparte torna-se imperador.

Assim, vemos que os realistas franceses tinham grandes questões a serem analisadas. Massaud Moisés destaca a relação direta entre a revolução de 1848 e o realismo: “[...] o Realismo será filho da revolução de 1848 – ou antes, os acontecimentos de 1848, revelando-o a si próprio, lhe darão consciência de ser”<sup>47</sup>. No Brasil, surgem reivindicações buscando reformas sociais, diminuição da jornada de trabalho e o voto universal. O dinheiro passa a mediar todas as relações

<sup>46</sup> COUTINHO, Afrânio. Realismo, Naturalismo, Parnasianismo. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs). *A Literatura no Brasil: Era Realista, era de Transição*. Volume 4. São Paulo: Global, 2002, p. 9.

<sup>47</sup> MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001, p. 13.

na vida pública e privada, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX, com a consolidação do capitalismo industrial.

Surgindo entre 1850 e 1900, primeiramente, através das artes europeias, como a pintura francesa, a estética realista acaba por acompanhar o desenvolvimento impulsionado por um contexto em que o sujeito passa a ter uma nova noção da realidade, que se aproxima do domínio e da utilização do conhecimento científico. A ciência passa a relacionar-se diretamente com a vida em sociedade e os estudos de Darwin começam a desenvolver-se no que diz respeito ao processo de evolução das espécies. A biologia torna-se responsável pelas concepções voltadas para os métodos científicos, que culminavam em um processo caracterizado pela evolução e progresso.

O materialismo e o determinismo acabam por caracterizar a estética literária realista que surgira. Os escritores da época buscavam refletir em suas obras o contexto tal como se apresentava, voltando-se para a abordagem de fatos, encarando a realidade tal qual ela é. Busca-se o que é perceptível através da observação, por meio de uma seleção de fatos que apontam somente para os acontecimentos passíveis de comprovação. Assim, temos uma das diferenças entre a literatura realista e romântica, uma vez que o Realismo trata de uma análise interpretativa e objetiva dos acontecimentos e o Romantismo apresenta o ideal de liberdade, que acaba, por muitas vezes, levando o escritor a caminhos distantes do real. Auerbach aponta para características da estética realista:

O tratamento sério da realidade cotidiana, a ascensão de camadas humanas mais largas e socialmente inferiores à posição de objetos de representação problemático-existencial, por um lado – e, pelo outro, o engarçamento de personagens e acontecimentos quotidianos quaisquer no decurso geral da história contemporânea, de pano de fundo historicamente agitado – estes são, segundo nos parece, os fundamentos do realismo moderno [...] <sup>48</sup>.

Bosi chama a atenção para o contexto social brasileiro da época, em que “[...] a partir da extinção do tráfico negreiro, em 1850, acelera-se a decadência da economia açucareira [...] os anseios das classes médias urbanas compunham um

---

<sup>48</sup> AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 440.

quadro novo para a nação, propício ao fermento de ideias liberais, abolicionistas e republicanas”<sup>49</sup>.

Machado de Assis posicionava-se de forma clara em relação às escolas literárias: a romântica da qual foi adepto em seus primeiros escritos, e a realista, que dominava o cenário na segunda metade do século XIX. Não as rejeitava e deixava claro o fato de não se enquadrar totalmente em ambas. Cabe destacar, também, que o escritor tinha como referências alguns escritores de língua inglesa como Shakespeare e Laurence Sterne.

Na literatura brasileira temos considerada como um marco a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicada em livro no ano de 1881, com suas características bastante modernas para a época, apresentando um autor em harmonia com a literatura mundial. Porém, as qualidades literárias do escritor seriam reconhecidas mais tarde. Neste mesmo ano, temos a publicação de *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, como primeira obra naturalista brasileira. Pereira chama a atenção para o impacto inicial das duas obras, uma vez que *O Mulato*, inicialmente, causou uma grande repercussão na sociedade, apesar de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* estar repleta de inovações, além de trazer influências inglesas - ao contrário de outros escritores da época que se detinham exclusivamente na literatura francesa.

[...] toda a gente se deslumbrou – ou se escandalizou – com *O Mulato*, sem perceber que o espírito de inovação e de rebeldia estava mais nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Aqui, ousadamente, varriam-se de um golpe o sentimentalismo, o moralismo superficial, a fictícia unidade da pessoa humana, as frases piegas, o receio de chocar preconceitos, a concepção do predomínio do amor sobre todas as outras paixões; afirmava-se a possibilidade de construir um grande livro sem reconhecer a natureza [...] colocava-se um autor pela primeira vez dentro das personagens; surgiam afinal homens e mulheres, e não brasileiros, ou gaúchos, ou nortistas, e – *last but not least* – patenteava-se a influência inglesa em lugar da francesa, introduzia-se entre nós o humanismo<sup>50</sup>.

Machado questionava o contexto em que se encontrava inserido, onde escritores como José de Alencar, Bernardo Guimarães e Joaquim Manoel de

<sup>49</sup> BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 180.

<sup>50</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Historia da Literatura Brasileira (Prosa de Ficção – de 1870 a 1920)*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 53.



Macedo buscavam por um ideal de nacionalidade na literatura brasileira. Em *Instinto de Nacionalidade*, Machado reflete a respeito da busca por esse instinto nacional que dominava o cenário e fazia com que muitos criticassem a escrita machadiana por não tratar de questões como a formação da pátria.

Reconhecido o instinto de nacionalidade que se manifesta nas obras destes últimos tempos, conviria examinar se possuímos todas as condições e motivos históricos de uma nacionalidade literária; esta investigação (ponto de divergência entre literatos), além de superior às minhas forças, daria em resultado levar-me longe dos limites deste escrito. Meu principal objeto é atestar o fato atual; ora, o fato é o instinto de que falei, o geral desejo de criar uma literatura mais independente<sup>51</sup>.

Machado de Assis aponta como equívoco os críticos procurarem um “espírito nacional” somente em obras com assuntos locais, voltando-se exclusivamente para a sua região, do escritor. O espírito nacional não consistia na escolha de assuntos locais, mas na construção de uma perspectiva artística capaz de estabelecer relações problematizadoras com as condições de produção intelectual no Brasil, entre elas, o “instinto de nacionalidade”. Segundo o escritor:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço<sup>52</sup>.

Ao combinar local e universal, Machado de Assis foi considerado por críticos como Antonio Candido um escritor que “consolidou” o sistema literário brasileiro. Na visão machadiana, a literatura trata de um interesse geral e humano presente no tempo e lugar do escritor.

#### **1.4 A escrita Machadiana: um estilo próprio**

---

<sup>51</sup> ASSIS, Machado de. *Obras completas*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 802. (Publicado em *O Novo Mundo*. 24/03/1873).

<sup>52</sup> ASSIS, Machado de. *Obras completas*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 804.

Machado de Assis é incluído, tradicionalmente, no grupo de escritores realistas. Como dito anteriormente, escreveu grande parte de suas obras durante a segunda metade do século XIX e dialogou com questões de um tempo em que representar o real de forma mais verídica possível era o ideal da época. Porém, a escrita machadiana transcende o chamado realismo, de forma que pode ser caracterizada como tendo um estilo próprio.

Através de uma crítica<sup>53</sup> a Eça de Queiroz, em 1878, relacionada à obra *O Primo Basílio*, Machado acaba por delimitar o seu próprio conceito de realismo e as características que devem ser observadas na escrita realista. Inicialmente, apresenta observações sobre *O crime do Padre Amaro* como a revelação das principais características literárias de Eça de Queiroz. Destaca algumas peculiaridades da obra que justificam a sua aceitação imediata, ao trazer um “realismo implacável”, tínhamos pela primeira vez um autor em nossa língua que se apresentava através de sua escrita como um “realista sem rebuço, sem atenuações, sem melindres”<sup>54</sup>. Logo, já se pode observar alguns aspectos da visão machadiana sobre o realismo, no que diz respeito à construção textual, principalmente, em relação à forma descritiva e aos aspectos psicológicos dos personagens. De acordo com Machado:

Não se conhecia no nosso idioma aquela reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis. Pela primeira vez, aparecia um livro em que o escuso e o — digamos o próprio termo, pois tratamos de repelir a doutrina, não o talento, e menos o homem, — em que o escuso e o torpe eram tratados com um carinho minucioso e relacionados com uma exaçaõ de inventário<sup>55</sup>.

Posteriormente, Machado inicia sua crítica em relação à obra *O Primo Basílio*. Destaca o maior sucesso da mesma em relação ao *Crime do Padre Amaro*, embora tenha características que não a tornam superior, “[...] êxito é evidentemente maior que o do primeiro romance, sem que, aliás, a ação seja mais intensa, mais interessante ou vivaz nem mais perfeito o estilo”<sup>56</sup>. Acaba por

---

<sup>53</sup> ASSIS, Machado de. Eça de Queirós: O primo Basílio. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 903-913. (Publicada em *O Cruzeiro*, 16 e 30/04/1878).

<sup>54</sup> Ibidem, p. 904.

<sup>55</sup> ASSIS, Machado de. Eça de Queirós: O primo Basílio. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 904.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 903-913.

apontar o sucesso como consequência da repetição de características que já agradavam o público e não fugiam do esperado.

Machado fala a respeito de “incongruência de concepção”, destacando o fato de Eça de Queiroz trazer descrições superficiais e personagens sem profundidade psicológica. Chama a atenção para algo recorrente no romance que trata da “substituição do principal pelo acessório”, que acaba por intensificar a falta de profundidade na obra, trazendo como exemplo o acontecimento do extravio das cartas:

Tirai o extravio das cartas, a casa de Jorge passa a ser uma nesga do paraíso; sem essa circunstância, inteiramente casual, acabaria o romance. Ora, a substituição do principal pelo acessório, a ação transplantada dos caracteres e dos sentimentos para o incidente, para o fortuito, eis o que me pareceu incongruente e contrário às leis da arte<sup>57</sup>.

O escritor destaca também o perigo de existirem escritores realistas que suponham que “o traço grosso é o traço exato”, fazendo alusão à escrita de Eça como carregada, pesada. Para Machado, faltam sutileza e descrição minuciosa dos aspectos principais, essenciais. Sendo assim, não há a busca por uma representação profunda da realidade tal qual como se apresenta. Nesse sentido, destaca o problema de se colocar em perigo a estética - “voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o realismo, assim não sacrificaremos a verdade estética”<sup>58</sup>. De acordo com o escritor, é preciso deixar de lado o realismo e olhar para a realidade com um olhar apurado, mantendo o valor estético.

Dois anos após a crítica sobre *O Primo Basílio*, temos a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, considerada como uma virada na escrita machadiana e vista por grande parte da crítica como o primeiro romance realista brasileiro. Roberto Schwarz contraria a evolução da obra machadiana apontada por muitos como o processo que parte do romantismo até o realismo, e chama de “realismo bem pensante” a produção machadiana dita romântica de antes de 1880, destacando o movimento de “ousadia” feito por Machado a partir desta data:

---

<sup>57</sup> Ibidem, p. 910.

<sup>58</sup> ASSIS, Machado de. Eça de Queirós: O primo Basílio. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 913.

A ousadia machadiana começou tímida, limitada ao âmbito da vida familiar, onde analisava as perspectivas e iniquidades do paternalismo à brasileira, apoiado na escravidão e vexado por ideias liberais [...] Quanto ao gênero, tratava-se de um realismo bem pensante, destinado às famílias. Quanto à matéria, Machado fixava e esquadrihava com perspicácia um complexo de relações característico, devido ao reaproveitamento das desigualdades coloniais na órbita da nação independente, comprometida com a liberdade e o progresso. Em seguida, a partir de 1880, a ousadia se torna abrangente e espetacular, desacatando os pressupostos da ficção realista, ou seja, os andaimos oitocentistas da normalidade burguesa<sup>59</sup>.

Torna-se relevante destacar que, na visão machadiana, a representação da realidade não se confunde com realismo. Sendo assim, necessita-se de um olhar atento em relação à observação do real e à verdade estética, sem busca por um enquadramento exclusivo em uma escola literária específica. Logo, a escrita machadiana passa por um processo de desenvolvimento do chamado “realismo bem pensante” para transgredir os pressupostos do realismo, adotando a forma livre, sem prender-se nas características consideradas imprescindíveis na composição do escrito considerado realista. De acordo com Schwarz:

[...] as provocações machadianas reciclavam uma gama erudita e requintada de recursos pré-realistas, em desobediência aberta ao senso oitocentista da realidade e a seu objetivismo. Conforme o aviso do próprio Autor, ele agora adotava “a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre”, referindo-se, mais que tudo, ao arbítrio digressivo do romance europeu do século XVIII. Não obstante, e ao contrário do que fariam supor as quebras de regra, o espírito era incisivamente realista, compenetrado tanto na lógica implacável do social, como da tarefa de lhe captar a feição brasileira. E era também pós-realista, interessado em deixar mal a verossimilhança da ordem burguesa, cujo avesso inconfessado ou inconsciente abria à visitação, em sintonia com as posições modernas e desmascaradoras do fim-de-século<sup>60</sup>.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* temos o grande aprofundamento psicológico através de um “defunto autor” que possui toda a liberdade em seus relatos, uma vez que a morte acaba por possibilitar o fim dos possíveis julgamentos alheios. O personagem Brás Cubas aparece na obra como narrador

<sup>59</sup> SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 248.

<sup>60</sup> SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 249-250.

em primeira pessoa, representando características individuais e sociais que caracterizam toda uma sociedade da época. Sem a substituição do principal pelo acessório, o narrador machadiano apresenta uma descrição minuciosa dos aspectos essenciais e busca uma representação profunda da realidade tal qual se apresenta com suas mazelas. Machado não pode ser responsabilizado por representar tais verdades, uma vez que é o defunto Brás Cubas quem aparece como o “autor”. Assim, como coloca Brás Cubas na posição de autor do romance, Machado de Assis apresenta ao leitor uma característica de grande importância do romance moderno: o leitor se lembrará de que foi o autor quem escreveu cada linha da obra, porém, não poderá atribuir a ele o que lerá.

Torna-se relevante questionarmos como tais características de composição textual aparecem no conto machadiano. Baptista destaca o gosto de Machado pelo relato curto que se torna perceptível em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em outros romances, como também, a inserção de “uma teoria implícita da forma” nos contos machadianos:

O gosto da história breve é perfeitamente visível nos romances de Machado, todos eles, a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, recheados de episódios demarcados do enredo principal, a ponto de quase se autonomizarem; são, porém, introduzidos pela forma livre da composição romanesca, através de procedimentos de digressão que arrastam inevitavelmente o problema da integração no todo. A forma breve do conto impede o trânsito para outra forma mais ampla, ou talvez melhor, circunscreve-o a limites estreitos. Como todos os grandes contistas, Machado inscreve na particularidade do conto uma teoria implícita da forma, como se esta incluísse necessariamente a própria justificação e ao mesmo tempo a fizesse sempre precária. Nunca adquirida, por isso reiterável: cada conto desdobra-se para contar a história — sempre a mesma, mas sempre outra — do seu aparecimento, da sua razão de ser, da sua finalidade<sup>61</sup>.

O narrador no conto machadiano desempenha um papel fundamental, participando diretamente da narrativa, possibilitando que o autor expresse a sua visão de forma implícita, através de um distanciamento irônico, já que a voz presente é a do personagem que possui a liberdade de interferência durante a

---

<sup>61</sup> BAPTISTA, Abel Barros. — A emenda de Sêneca — Machado de Assis e a forma do conto. *Teresa: revista de literatura brasileira*, São Paulo, nº6/7, 2006, p. 210.

trama. Batista fala a respeito do quão importante é a figura do narrador na forma do conto:

A autoridade exerce-se desde logo no primeiro trabalho da forma: o narrador estabelece a “anedota”, estipula o começo e o fim, define o movimento com que a narração progride em direcção ao seu próprio fechamento. É o meio, o único meio, de afirmar a existência efectiva da representação apertada da vida oferecendo-se ao olhar competente da testemunha. A forma breve, nestes termos, não imita uma possibilidade da vida, circunscreve-lhe os efeitos e rejeita o resto: para delimitar uma representação discreta, tem de excluir irremediavelmente o contínuo turbulento e confuso da vida inteira. Essa exclusão é, pois, violenta e radical, mas constitutiva, construtiva — poética: a forma breve supre e do mesmo passo mascara a falta original de elementos discretos que assinalem o começo e o fim da representação apertada duma vida inteira. A violência com que corta e exclui, vai o narrador legitimá-la com uma possibilidade da vida, como se fosse um dado natural; mas, por outro lado, esse dado natural não produziria efeitos se ele o não descobrisse e lhe não demonstrasse a eficácia traduzida em páginas impressas. Poucas páginas impressas<sup>62</sup>.

Em *Papéis Avulsos* (1882), os traços estilísticos únicos de Machado de Assis aparecem de forma que legitimam o fato de o escritor ser o maior contista brasileiro e um dos fundadores do conto moderno. Através de características como o pessimismo, ironia e ceticismo, os contos presentes na obra evidenciam uma sociedade repleta de mazelas e movida pela hipocrisia. O escritor traz formas inovadoras e aborda questões presentes na época, como as relações de favor, a escravidão, o cientificismo que se disseminava, e as relações de aparência. Através da composição dos 12 contos que compõem a coletânea, Machado vai criando um estilo particular de escrita da narrativa curta. Desde a advertência do livro, já anuncia que os escritos não foram reunidos ao acaso:

Este título *Papéis Avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de não os perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa<sup>63</sup>.

---

<sup>62</sup> Ibidem, p. 215.

<sup>63</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Editora Garnier, 2000, p. 15.

As inovações apresentadas na escrita machadiana a partir de 1880 aparecem não como uma ruptura, mas como um processo de desenvolvimento e aprendizado, cujo resultado está diretamente relacionado com as críticas feitas por Machado às postulações realistas. O autor tem a percepção do quão complexo mostra-se a busca por narrar e descrever o mundo real tal qual se apresenta com suas características. Assim, chama a atenção para o fato de escritores como Émile Zola e Eça de Queiroz ainda não terem abordado de forma minuciosa todos os aspectos da realidade. De acordo com Candido, “[...] Zola preconizava o inventário maciço da realidade, ele [Machado] cultivou livremente o elíptico, o fragmentário, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa [...]”<sup>64</sup>.

Quando voltamos os olhos para os contos que compõem *Papéis Avulsos*, que serão analisados a fundo no terceiro capítulo do presente trabalho, percebemos como Machado desenvolve desde o primeiro conto, “O Alienista”, até o último, “Verba Testamentária”, a composição de sua escrita própria. Através de inúmeros diálogos, menções à Bíblia e à Mitologia, molda-se a escrita machadiana, lidando de forma irônica com a realidade dos fatos e convidando o leitor para penetrar nas entrelinhas de seu texto e tirar as suas próprias conclusões. Como o próprio escritor acrescenta na advertência de seu livro “[...] venha donde vier o reproche, espero que daí mesmo virá a absolvição”<sup>65</sup>.

Quando retomamos a afirmação machadiana, já mencionada, “voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o realismo”, presente na crítica feita à obra *O Primo Basílio* (1878), encontramos o posicionamento claro do escritor em relação ao processo minucioso de observação da realidade. Nas obras machadianas, os aspectos relacionados à realidade histórica e social do Brasil não aparecem como meras descrições superficiais, e sim incorporados na estrutura narrativa do texto. A crítica que Machado faz à realidade brasileira volta-se menos para os aspectos positivos, e aparece de forma mais incisiva voltada para os pontos negativos que moviam a sociedade, de modo que os indivíduos acabam por formular e legitimar visões acerca da realidade em benefício próprio, ou, até mesmo, de uma classe específica.

---

<sup>64</sup> CANDIDO, Antônio. *Esquema de Machado de Assis*. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre azul, 2004, p. 178.

<sup>65</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Editora Garnier, 2000, p. 15.

A forma com que Machado elabora suas narrativas propicia uma mistura de acontecimentos e perspectivas que vão moldando a nossa sociedade brasileira, colocando o leitor frente ao contexto social do século XIX. Através de personagens que representam várias fraquezas humanas, o escritor faz, muitas vezes, com que o leitor se identifique com os comportamentos apresentados. Lúcia Miguel Pereira destaca que não apenas Machado revela aspectos cotidianos, mas também “a vida mostra comumente aspectos machadianos, e esse é o maior elogio do grande escritor, grande artista, grande homem que se chamou Joaquim Maria Machado de Assis”<sup>66</sup>.

O comportamento humano aparece como aspecto central da escrita machadiana. O escritor utiliza dos comportamentos e angústias do homem, inserido em determinado contexto social e histórico, como conteúdo para reflexões literárias. Assim, apresenta ao seu leitor, contos como “O Espelho”, sendo um “esboço de uma nova teoria da alma humana”<sup>67</sup>. Segundo Bosi:

A originalidade de Machado está em ver por dentro o que o naturalismo veria de fora. Os seus tipos são e não são parecidos com os dos seus contemporâneos Eça de Queiroz e Aluísio de Azevedo, brilhantes traçadores de caricaturas. Vejo, nessa diferença, as potencialidades dos discursos ficcionais que, mesmo se colocados sob o signo do Realismo histórico, não se deixam enrijecer em categorias [...] <sup>68</sup>.

Cada indivíduo com suas características específicas é objeto do olhar do escritor, que investiga o meio em que esse se encontra inserido, propiciando uma visão que se apresenta ao mesmo tempo individual e universal. As personagens machadianas possuem a chamada “alma exterior”, que é composta, como coloca o próprio escritor, pelos preceitos sociais que, muitas vezes, tomam conta dos indivíduos que buscam e valorizam mais o que a sociedade impõe e espera do que os preceitos e desejos provenientes da própria consciência que compõe a denominada “alma interior”. Segundo Machado, “[c]ada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para

---

<sup>66</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Historia da Literatura Brasileira* (Prosa de Ficção – de 1870 a 1920). 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 104.

<sup>67</sup> ASSIS, Op. Cit., p. 163.

<sup>68</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 18.



dentro [...] a alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens [...] está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida [...]”<sup>69</sup>.

As reflexões de Machado sobre a composição literária brasileira o mostram como um escritor crítico e consciente. Deve-se destacar que, antes mesmo da publicação de seus primeiros livros de contos e romance, o autor já se manifestava evidenciando o que para ele tratava-se da necessidade do aparecimento de uma nova literatura brasileira e da dificuldade nesse processo, uma vez que “é mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura”<sup>70</sup>. Torna-se claro que Machado já refletia sobre literatura desde muito cedo, criticando o fato de a poesia daquele momento estar presa às concepções europeias e apontando como um fato vergonhoso a inexistência, então, do romance e drama brasileiros. Não rejeitava as influências estrangeiras, porém deixava clara a necessidade de se criar um estilo próprio.

Quando se pensa na construção da escrita machadiana, cabe pensar também na questão da “tradição”, que, para Candido, está relacionada com a ideia da literatura como um sistema. O crítico destaca a complexidade do literário na busca por uma conciliação entre aspectos estéticos e características históricas e ideológicas. Segundo ele, a ideia de literatura está relacionada com:

[...] principiar distinguindo, *manifestações literárias*, de literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além de características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização<sup>71</sup>.

Candido destaca, também, o conjunto de três elementos que compõe a literatura, enquanto “comunicação inter-humana”, aparecendo como um sistema simbólico, por onde “as veleidades mais profundas do indivíduo” acabam por se

<sup>69</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Editora Garnier, 2000, p. 164.

<sup>70</sup> ASSIS, Machado de. *O passado, o presente e o futuro da literatura*. 1858, p. 3. Disponível em: < [https://letras.cabaladada.org/letras/passado\\_presente\\_futuro\\_literatura.pdf](https://letras.cabaladada.org/letras/passado_presente_futuro_literatura.pdf) > . Acesso em: 17 jan. 2017.

<sup>71</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. Ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000, p. 23.

transformar em formas de contato entre os homens e interpretações do real. Segundo o crítico, há a existência de:

[...] um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de públicos, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros<sup>72</sup>.

Machado de Assis tinha grande amor pelos clássicos e, ao mesmo tempo, compreendia que cada tempo possui seu estilo. Utilizou de forma consciente uma escrita em que, de acordo com Ferreira,

[...] soube fixar muito mais do que a boa tradição linguística lhe forneceu, através de apurada leitura dos clássicos, aliado ao espírito da língua do seu tempo, e com ligeiros toques de alguma coisa que parecia transcender do momento, projetar-se um pouco além. Tudo isso a serviço de um dos melhores estilos que já houve em português<sup>73</sup>.

Na escrita machadiana encontra-se uma harmoniosa relação entre gramático e escritor, apontada por Ferreira como uma rara característica entre os escritores brasileiros, uma vez que o gramaticógrafo escreve “duro, áspero, a frase comprida dentro das regras como uma camisa de força; o escritor, se alcança clareza e a simplicidade, sacrifica, barbaramente às vezes, os preceitos da boa linguagem”<sup>74</sup>. Paralelamente, o crítico apresenta escritores como Eça de Queiroz e Lima Barreto como exemplos da dificuldade em aliar a perfeição da língua a um estilo refinado. Tal conciliação aparece representada por Machado de Assis em sua escrita.

Durante muito tempo falou-se de Machado como um enigma, deixando de lado questões relacionadas à sua vida, considerada como quase “um capítulo em branco”, e evitou-se sondagens no campo incerto da alma do escritor. Os pesquisadores de Machado voltaram-se para “o seu humour, e algumas vezes para o seu purismo”<sup>75</sup>. Porém, de acordo com Ferreira, o estilo machadiano relaciona-

---

<sup>72</sup>Ibidem, p. 23.

<sup>73</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queiroz e Simão Lopes Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p. 3.

<sup>74</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queiroz e Simão Lopes Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p. 8.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 32.

se, também, com um intenso reflexo de sua personalidade e inquietações. Para isso, apresenta como exemplo os romances *Dom Casmurro* (1899) e *Memorial de Aires em* (1908):

[...] nesse raro criador do *D. Casmurro*, sobre o qual se tem dito, nos últimos tempos, tanta verdade e tantíssimas heresias. Procurando auscultá-lo através de sua obra, sentiremos, a cada passo, o tímido, o indeciso, o hesitante, o descrente, o sem arrebatamentos que ele foi, o seu receio de afirmar, a sua dúvida, a sua inquietação, o seu desencanto dos homens e das coisas. Os livros constituem-lhe o retrato em tamanho natural, o retrato perfeito – mais do que a simples fotografia –, o retrato que, como escritor, ele, inconscientemente talvez, levou a vida a compor e retocar, até oferecê-lo nítido e impecável no *Memorial de Aires*, e que, no entanto, como homem, obstinadamente se recusou a fornecer à curiosidade mesmo dos mais íntimos<sup>76</sup>.

De forma crítica e serena, Machado encontrava-se obstinado diante dos assuntos e seu estilo “impregnado de uma viva marca, inexcelsivelmente viva, de sua personalidade”<sup>77</sup> não sofria modificações diante das inúmeras temáticas abordadas. Se a vida não lhe proporcionava entusiasmo com os acontecimentos, seu estilo permanecia com a mesma serenidade e sem arrebatamentos. De acordo com Ferreira:

Para Machado, como que não existia a classificação de estilos feita pelos velhos retóricos – que todavia tanto deveria ler – em estilo simples, temperado e sublime, ao sabor dos assuntos. Nada disso. Escrevendo cartas, romances, ou discursos, era sempre aquele escritor simples e correto [...] de uma sobriedade quase frugal – quase, porque não excluía os tons mais quentes, as cores mais vivas, certas ousadias, algumas vezes<sup>78</sup>.

A partir desses aspectos podemos configurar quem foi Machado de Assis, mas não todo o escritor, uma vez que o equilíbrio e moderação machadianos podem ser meras aparências na equação que o compõe. Porém, como coloca Ferreira “[...] se a serenidade não era real, nem por isso deixava de haver sinceridade na atitude, ditada pela timidez. E, sendo o hábito, como é proverbial, uma segunda natureza, o hábito de comportar-se serenamente havia de fazê-lo,

<sup>76</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>77</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>78</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queiroz e Simão Lopes Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p. 33-34.

algumas vezes, realmente sereno”<sup>79</sup>. É preciso tratá-lo mais de perto, intimamente, para que se possa perceber a sua grandeza enquanto um escritor consciente de sua arte, com um talento literário que se une ao conhecimento perfeito da língua e da técnica apurada do escrever.

### **1.5 Um breve levantamento dos estudos relacionados à Literatura Comparada**

Mostra-se relevante fazermos um percurso voltado para as pesquisas de Literatura Comparada, uma vez que o presente trabalho também se vale de um estudo comparado, que busca analisar como se dá a representação de uma sociedade brasileira, onde questões como a busca pelo reconhecimento social mostram-se decisivas e desencadeadoras das ações principais das personagens dos contos “O Segredo do Bonzo”, “A Sereníssima república”, a “Teoria do medalhão” e “O espelho”, presentes na obra *Papéis Avulsos* (1882).

A Literatura Comparada surge vinculada à corrente de pensamento cosmopolita que caracterizou o século XIX como um momento que a prática da comparação, a fim de obter leis gerais, se fazia presente nas ciências naturais. Porém, já havia o emprego do termo “comparado”, derivado do latim “comparativus”, desde a Idade Média. Carvalhal chama a atenção para a grande aceitação do termo “literatura” como designação de um conjunto de obras e para a rápida difusão da “literatura comparada” em território francês, ao contrário de outros países como a Alemanha. De acordo com a teórica:

O rápido desenvolvimento do comparativismo literário na França foi favorecido pela ruptura com as concepções estáticas e com os juízos formulados em nome de valores reputados intemporais e intocáveis, preconizada pelo historicismo dominante. A difusão da literatura comparada coincide, portanto, com o abandono do predomínio do chamado “gosto clássico”, que cede diante da noção de relatividade, já estimulada, desde o século XVII, pela “Querelle des anciens et des modernes”<sup>80</sup>.

Os princípios da Literatura Comparada aparecem como uma modalidade dentro das formas de se estudar o texto literário, ou como uma ferramenta na

<sup>79</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>80</sup> CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 10-11.

investigação textual. Para Carvalhal, a literatura comparada apresenta a função de “[...] interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística”<sup>81</sup>. A comparação, por sua vez, aparece como um procedimento mental que está presente no pensamento humano e na organização cultural, assumindo, muitas vezes, o papel de recurso utilizado como meio de investigação do texto literário, tornando-se um método e possibilitando um estudo crítico.

O desenvolvimento da literatura comparada aparece a partir do reconhecimento do caráter teórico dos estudos literários, do surgimento de uma consciência da estética textual, que ocorre de forma incisiva no período que compreende a segunda metade do século XX. Assim, percebeu-se a grande atenção voltada para os elementos que compõem o fazer literário com o intuito de uma observação voltada não apenas para o texto enquanto transmissor de saber, mas, também, para a construção textual e os elementos que fazem parte de sua composição, como as personagens.

Quando pensamos na tentativa de criação de bases para o comparativismo, temos como destaque os diversos estudos presentes na década de 80, principalmente no contexto francês, através de teóricos como Adrian Marino<sup>82</sup>, que apontam para uma teoria da literatura que tenha como finalidade a comparação. Tais estudos acabam por evidenciar o avanço presente nas pesquisas comparativistas que possibilitam, também, um desenvolvimento relacionado às concepções teóricas da literatura a partir de análises voltadas para as formas de composição textual.

Através dos estudos feitos pelos teóricos, novas formas de análises do texto começaram a surgir. Além da comparação entre obras, iniciaram-se pesquisas que levavam em conta relações de intertexto e características culturais, estudos sobre gênero e repercussão das literaturas traduzidas em determinado país. Carvalhal chama a atenção para o extenso campo de atuação compreendido pela Literatura Comparada através de um trabalho que “examina a migração de temas, motivos e mitos nas literaturas, também compara obras pertencentes ao

---

<sup>81</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>82</sup> MARINO, Adrian. *Comparatisme et théorie de la littérature*. Paris, PUF, 1988.

mesmo sistema literário ou investigam os processos de estruturação das mesmas”<sup>83</sup>.

A autora supracitada destaca a importância de se analisar uma obra comparando-a com o contexto histórico e cultural em que foi produzida, assim como devemos atentar também para a relação dos estudos de literatura comparada com os de pesquisas ligadas à “estética da recepção” que, segundo ela, “[...] preocupa-se, sobretudo, com as operações receptivas, ou seja, com os procedimentos efetuados pelo leitor no contato com a obra e suas consequências na conformação do público [...]”<sup>84</sup>. Assim, podemos perceber que, com o avanço das teorias literárias, os estudos de literatura comparada foram se desenvolvendo, aparecendo não apenas como uma forma de investigar o texto literário, mas também, como algo intrínseco aos estudos de literatura.

Quando pensamos no Brasil, temos escritores que já abordavam o texto literário através da análise comparada antes mesmo de surgirem as ideias que caracterizavam tal método de estudo em nosso país, uma vez que eram influenciados por ideias vindas de outros contextos. Candido chama a atenção para o fato de boa parte das produções brasileiras estarem ligadas a exemplos de outras realidades. Segundo ele, “nossa produção foi sempre tão vinculada aos exemplos externos, que insensivelmente os estudiosos efetuavam as suas análises ou elaboravam os seus juízos tomando a esses como ponto de reparo”<sup>85</sup>. Assim, tínhamos inicialmente uma busca por um ponto referencial, no caso o europeu, a ser seguido.

No início do século XX, os estudos comparados surgem com características distintas no que diz respeito às orientações presentes na chamada Escola Francesa. João Ribeiro<sup>86</sup> aparece como um dos primeiros escritores a apresentar uma noção de estudo comparado que se distanciava da tradicional, passando a enxergar a literatura comparada enquanto uma prática de crítica histórica. Tal postura aparece defendida posteriormente por críticos como René Wellek. Carvalhal fala a respeito da visão de João Ribeiro, que leva em conta os

---

<sup>83</sup> CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 5.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 43-44.

<sup>85</sup> CANDIDO, Antonio. Palavras do homenageado. *Anais do I Congresso ABRALIC*. Porto Alegre, UFRGS. 1988, p. 17.

<sup>86</sup> RIBEIRO, João. *Páginas de estética*, Rio, Livraria São José, 1963, 2ª ed., p. 41. (Primeira publicação em 1905).

aspectos históricos, bem como o seu interesse de trabalhar conjuntamente com o âmbito literário e linguístico. De acordo com a autora:

[...] é compreensível que João Ribeiro adote, na época, uma perspectiva histórica. Daí sua intenção de entender a literatura comparada como “crítica histórica”. No entanto, é curioso como não se interessa pelo jogo dos confrontos, característico da feição clássica da disciplina, prevendo para ela uma atuação “crítica”, mesmo sem desvinculá-la da história. Também é compreensível que alie os interesses linguísticos aos literários, pois é uma implícita noção de língua como sistema que o leva a considerar a existência de uma literatura orgânica, popular, espontânea, que fluiria paralelamente à literatura oficial. É justamente essa literatura não regulada por normas que João Ribeiro gostaria de ver confrontada com a outra, a imprensa<sup>87</sup>.

Temos também nomes de outros importantes escritores como Otto Maria Carpeaux, Eugênio Gomes e Augusto Meyer voltados igualmente para o comparativismo. Quando se pensa em Otto Maria Carpeaux, podemos observar uma busca pela universalização do conhecimento e pela comparação enquanto um dos princípios de seus estudos, procurando nos textos abordados, semelhanças, parentescos e características comuns. Assim, através de sua obra *História da Literatura Ocidental*<sup>88</sup>, consegue demonstrar como se dá tal método de comparação nesse processo de transformação literária. Carvalhal, por sua vez, destaca a importância do crítico chamando a atenção para a sua atuação frequente em suas diversas publicações e para a grande relevância do fato de o escritor ter proporcionado um intermédio entre autores brasileiros e europeus. Segundo a escritora, a obra de Carpeaux aparece:

Frequentemente enveredada pelo rastreio de fontes ou por problemas de tradução, convertendo-se, também, em exemplar “intermediário”, difusor entre nós de autores europeus pouco conhecidos. Kafka, por exemplo, foi um dos escritores que Carpeaux encarregou-se de divulgar para a intelectualidade brasileira<sup>89</sup>.

Ao pensarmos em uma análise comparativista voltada para o texto machadiano, temos Eugênio Gomes como um exemplo. O crítico apresenta uma

<sup>87</sup> CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 22.

<sup>88</sup> CARPEAUX, O. M. *História da Literatura Ocidental*. Brasília: Senado Federal, 2010.

<sup>89</sup> CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 23.

busca pelas fontes machadianas a fim de encontrar influências inglesas em seus escritos, identificando o contato de Machado com outros escritores de língua inglesa, as adaptações feitas pelo autor e, acabando por questionar e negar as atribuições de estudiosos como Sílvio Romero, que apontam para a obra machadiana enquanto uma imitação das obras de outros escritores como Sterne. Carvalhal chama a atenção para a obra de Eugênio Gomes enquanto um importante material de estudo comparativo do texto machadiano. Segundo ela:

[...] em *Machado de Assis — Influências inglesas* (1939), onde trata de identificar essas fontes na obra do autor de Brás Cubas, acrescentando-lhes ainda a sugestão de Victor Hugo. E. Gomes as registra com precisão, em pesquisa exaustiva e criteriosa, tornando seu livro, que não é uma investigação acabada ao nível interpretativo, valioso material para uma análise comparada em Machado de Assis<sup>90</sup>.

Ao voltarmos os olhos para Augusto Meyer, temos as fontes machadianas como objeto de estudo do crítico. Entretanto, esse autor não se dedicou somente a Machado de Assis, sendo inspirado também pelo estudo realizado por Ernst Robert Curtius em *Literatura Européia e Idade Média Latina*<sup>91</sup>. Para o crítico, a grande importância do estudo comparado está voltada, principalmente para destacar as divergências e os avanços por meio de uma minuciosa análise estilística das obras. Carvalhal chama a atenção para o que aparece com mais destaque na visão crítica de Meyer:

A orientação estilística é dominante nas análises textuais empreendidas por Meyer e caracteriza o estudo sobre Rimbaud; mas interessa aqui ressaltar a justeza da desconfiança que demonstra em relação às pesquisas de influências e, principalmente, como se retrai diante dos paralelismos binários sem caráter interpretativo tão frequentes nos estudos tradicionais de crenologia<sup>92</sup>.

Podemos perceber que no Brasil temos o caminho do comparativismo como uma prática recorrente que percorre a crítica de muitos escritores, antes mesmo do aparecimento da Literatura Comparada enquanto uma forma de se

---

<sup>90</sup> Ibidem, p. 23-24.

<sup>91</sup> CURTIUS, E. R. *A literatura Europeia e a Idade Média Latina*. São Paulo, Edusp/Hucitec, 2012. (Publicada em 1948).

<sup>92</sup> CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 27.



analisar o texto dentro dos estudos literários, através de suas características específicas e enquanto uma disciplina pertencente ao meio acadêmico.

Na década de 30, a matéria de Literatura Comparada introduziu-se com o surgimento da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia e, posteriormente, já nos anos 40, encontramos Tasso da Silveira enquanto representante dos estudos de Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette, que depois seria conhecida como Faculdade de Filosofia do Instituto Guanabara. Tasso da Silveira escreveu o primeiro livro sobre Literatura Comparada no Brasil em 1964, apresentando sua visão acerca de sua atuação enquanto professor dessa nova disciplina e evidenciando sua aceitação em relação às teorias francesas como as de Van Tieghem<sup>93</sup>. Para Carvalho:

Sua adesão a Van Tieghem é integral, sendo que a obra de 1931 lhe fornece os dados fundamentais de suas propostas comparativistas. Portanto, o que se vinha mencionando como orientação clássica francesa encontra no Brasil um de seus mais fervorosos seguidores<sup>94</sup>.

É relevante destacarmos a importância do escritor e crítico Antonio Candido no âmbito dos estudos de Literatura Comparada no Brasil, uma vez que cria o setor de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade Federal de São Paulo, o que possibilitou a feitura de inúmeros estudos e pesquisas acadêmicas através dessa vertente. Candido evidencia em seus estudos o viés comparatista, apontando também para complexidades presentes nessa forma de se analisar o texto literário, e destacando questões como a importância da conceituação de “influência” que, muitas vezes, pode se confundir com “plágio e coincidência”, como também com as “decisões inconscientes”. Segundo o crítico:

[...] problema das influências, que vinculam os escritores uns aos outros, contribuindo para formar a continuidade no tempo e definir a fisionomia própria de cada momento. Embora a tenha utilizado largamente e sem dogmatismo, como técnica auxiliar, é preciso reconhecer que talvez seja o instrumento mais delicado, falível e perigoso de toda a crítica, pela dificuldade em distinguir coincidência, influência e plágio, bem como a impossibilidade de averiguar a parte da deliberação e do inconsciente. Além disso, nunca se sabe se as influências

<sup>93</sup> VAN TIEGHEM, Paul. *La Littérature comparée*. Paris : Armand Colin, 1931.

<sup>94</sup> Op. Cit., p. 19.

apontadas são significativas ou principais, pois há sempre as que não se manifestam visivelmente, sem contar as possíveis fontes ignoradas (autores desconhecidos, sugestões fugazes), que por vezes sobrepõem as mais evidentes<sup>95</sup>.

Candido ainda chama a atenção para o problema da influência, que pode assumir vários sentidos e necessita de tratamentos variados, uma vez que pode aparecer como “transposição direta mal assimilada, permanecendo na obra ao modo de um corpo estranho de interesse crítico secundário”<sup>96</sup>. Também, aponta para a possibilidade de a influência adquirir um significado orgânico, sendo incorporada à estrutura, perdendo assim o seu caráter de empréstimo. Para Candido, não há como negarmos que o estudo da literatura brasileira está diretamente ligado ao ato de se estudar literatura comparada, de forma que o comparativismo aparece desde o Romantismo, já que este teve como sua base a comparação com literaturas estrangeiras.

Percebe-se em Candido uma preocupação voltada para as formas de assimilação e distanciamento do modelo europeu nos escritos brasileiros. Assim, acaba por buscar entender como se dá o funcionamento da literatura brasileira enquanto um sistema e formula o que denominou de “lei de evolução da nossa vida espiritual”<sup>97</sup>. Segundo o crítico:

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus<sup>98</sup>.

Candido destaca ainda o plano psicológico que aparece regendo com maior eficácia a produção das obras, onde “vemos quase sempre um âmbito menor de oscilação, definindo afastamento mais reduzido entre os dois extremos. E para além da intenção ostensiva, a obra resulta num compromisso mais ou menos feliz

---

<sup>95</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000, p. 36.

<sup>96</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>97</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 116.

<sup>98</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 116.

da expressão com o padrão universal”<sup>99</sup>. Assim, encontramos como um dos escritores que representam um total equilíbrio entre as duas tendências, através do que é realizado de mais perfeito enquanto produção literária, o nome de Machado de Assis.

Candido avalia ser de grande importância pensarmos também na questão da literatura brasileira em relação ao contexto latino-americano, destacando a grande relevância de buscarmos as semelhanças, bem como as diferenças entre as literaturas, com o intuito de analisarmos “as relações em termos de América Latina com a finalidade de criar outras categorias de mediações, que nos possibilitem o encontro, não fora, mas dentro de nosso próprio território”<sup>100</sup>. Dessa forma, percebemos o quanto se mostra válida a ideia de que, ao estudarmos literatura brasileira, encontramos-nos ao mesmo tempo estudando literatura comparada, revelando, pois, a análise comparatista enquanto um mecanismo presente nos estudos literários. Assim sendo, neste presente estudo voltado para contos machadianos, o trabalho com a Literatura Comparada estará presente durante as análises dos textos.

Percebemos que a literatura comparada não aparece apenas como um mecanismo de análise do texto literário que possibilita aproximações e distanciamentos entre literaturas, diálogo com outras culturas e disciplinas, mas também como forma de se estudar obras de um mesmo autor, uma vez que um texto se encontra sempre em diálogo com outros. Como coloca Bakhtin “[...] cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”<sup>101</sup>. Desta forma, temos a intertextualidade como o diálogo existente entre os textos, podendo utilizar-se da paródia, da ironia, da exploração de um mesmo assunto, entre outras formas.

Sendo assim, procuramos apresentar noções a respeito dos estudos de literatura comparada, uma vez que o presente trabalho, como já mencionado, também se vale de um estudo comparado entre contos machadianos, bem como se utiliza de estudos críticos que dialogam diretamente com os estudos literários, como a história e as ciências sociais. Também, buscamos uma análise voltada para como se dá a representação literária machadiana da sociedade brasileira do século

---

<sup>99</sup> Ibidem, p. 116.

<sup>100</sup> CARVALHAL, Tania Franco. Antonio Candido e a literatura comparada no Brasil. *Anais do I Congresso ABRALIC*. Porto Alegre, UFRGS, 1988, p. 16.

<sup>101</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 291.

XIX, com suas características históricas, comportamentos, valores que se mostram decisivos nas relações sociais e acabam por evidenciar um contexto em que a busca desenfreada por fugir da obscuridade comum, a fim de atingir a ascensão social, mostra-se decisiva.

## CAPÍTULO II

### O BRASIL DO SÉCULO XIX SOB O OLHAR MACHADIANO

#### 2.1 O Brasil oitocentista: a sociedade em cena

É importante voltarmos nossa atenção para uma visão panorâmica a respeito do contexto social e político do Brasil do século XIX, uma vez que este período foi de grande relevância para o país, pois foi uma época de busca pela consolidação política e de afirmação da identidade nacional.

Como já mencionado anteriormente, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 1839, no Rio de Janeiro, que aparecia como o centro intelectual do país, e faleceu em 1908. Assim, vivenciou todo o período relacionado ao Império, juntamente com o declínio do Segundo Reinado e o início da República. Deste modo, buscamos investigar o contexto em que o autor escreve, mostrando-se um escritor inserido na vida social e política do seu país.

Ao voltarmos os olhos para o Brasil do Segundo Reinado encontramos, muitas vezes, a ideia equivocada de estabilidade proveniente do longo período em que D. Pedro II esteve no poder, o que acaba por disfarçar o fato de que a participação da população nas questões que envolviam o país não existia. A sociedade brasileira na segunda metade do século XIX vivia a relação direta entre dois grupos: senhores e escravos. O primeiro aparecia como dependente do trabalho escravo como forma de enriquecer e manter o desenvolvimento de sua propriedade, enquanto que o segundo, apesar de ser responsável pelo enriquecimento dos senhores, era visto como mercadoria e tratado com extrema violência.

As contradições presentes entre o escravismo e as ideias vindas do liberalismo europeu, que traziam um ideal de desenvolvimento e prosperidade a ser incorporado no Brasil, eram evidentes. As ideias importadas não eram estudadas, sendo logo incorporadas e vistas como uma forma de redenção para os problemas da nação. Schwarz aponta para como ocorreu por parte de muitos escritores a leitura de uma sociedade cuja realidade era a de um país escravocrata e socialmente atrasado, em que a prática do “favor” era a moeda corrente. Segundo o crítico:

O favor é a nossa mediação quase universal - e sendo mais simpático que o nexu escravista, a outra relação que a colônia nos legara, é compreensível que os escritores tenham baseado nele a sua interpretação do Brasil, involuntariamente disfarçando a violência, que sempre reinou na esfera da produção<sup>102</sup>.

Além de escravos e senhores, formou-se um terceiro grupo através da colonização composto por homens livres, mas que, na falta de dinheiro, tornaram-se dependentes e ilustram a prática do favor como um mecanismo presente nas relações sociais. Tal classe aparece, muitas vezes, nos escritos machadianos como a figura do chamado “agregado”. Schwarz destaca a relação existente entre as três classes que foram produzidas e para a prática do favor enquanto um mecanismo que se fez presente em diversas atividades no país. De acordo com o crítico:

[...] pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio de terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o homem “livre”, na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara; é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. [...] com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força. Esteve presente por toda parte [...] administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte etc<sup>103</sup>.

Percebe-se que os grupos que compunham a sociedade reconheciam, aceitavam seus respectivos papéis e os questionamentos eram nulos, gerando uma falsa ideia de ordem e estabilidade. Assim, temos durante o período do Segundo Reinado uma sociedade formada através de ideais senhoriais e patriarcais, onde apenas a classe dominante possuía voz ativa. Chalhoub chama a atenção para a política de dominação paternalista e as estratégias que a compunham:

[...] tal lógica de domínio estava presente tanto nas estratégias de subordinação de escravos quanto de pessoas livres dependentes, e que sua característica principal era a imagem da inviolabilidade da vontade senhorial [...] o paternalismo, como

<sup>102</sup> SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas*. 6 ed. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 16-17.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 15-16.

qualquer outra política de domínio, possuía uma tecnologia própria, pertinente ao poder exercido em seu nome: rituais de afirmação, práticas de dissimulação, estratégias para estigmatizar adversários sociais e políticos, eufemismos e, obviamente, um vocabulário sofisticado [...] <sup>104</sup>.

A falsa ideia de estabilidade presente no período do Segundo Reinado apoiava-se, também, em uma parcela da sociedade, pois boa parte presente na Corte, reconhecida como “refinada”, tinha a possibilidade de estudar na Europa e contribuía para uma ideia errônea de solidez, disfarçando os problemas e as condições em que se encontrava o restante da população submetida ao poder senhorial. Chalhoub destaca a força do sistema de dominação paternalista:

Não existe lugar social fora das formas instituídas – formalmente, mas também pelo costume – de hierarquia, autoridade e dependência. Os sujeitos do poder senhorial concedem, controlam uma espécie de economia de favores, nunca cedem a pressões ou reconhecem direitos adquiridos em lutas sociais <sup>105</sup>.

A lei Eusébio de Queiroz, de 1850, que extingue o tráfico negreiro, aparece como um importante acontecimento no cenário brasileiro a ser destacado. Ilegal desde 1831, tal prática intensificou-se como contrabando na década de 1840, até que uma lei eficaz surgisse em 1850. Por um lado, a vida comercial se intensificava e o país entrava no modelo econômico capitalista; por outro, a mão de obra permanecia a escravista, o que acaba por enfatizar o atraso em que o país se encontrava. Logo, intensificaram-se as discussões e os problemas que travancavam o movimento abolicionista. Havia a ideia de que a base da economia brasileira, a agricultura, entraria em crise caso ocorresse a falta da mão de obra escrava e os senhores, com a noção de que os escravos eram suas propriedades, não concordavam com a abolição sem indenização. Assim, as contradições presentes acabaram por evidenciar um contexto em que as políticas de domínio sobre escravos e, também, dependentes estariam voltadas diretamente para o pressuposto da inviolabilidade da vontade senhorial.

Torna-se de grande relevância destacarmos, também, acontecimentos que agitavam a sociedade e ocorreram tempos após a aprovação da lei de 1850,

<sup>104</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 58.

<sup>105</sup> *Ibidem*, p. 60.

caracterizando a década de 1870 e início de 1880. Havia muitas discussões a respeito da emancipação dos escravos, surgimento de novas ideias políticas e filosóficas, mudanças em políticas públicas, ideais cientificistas europeias como o darwinismo social<sup>106</sup> como explicação para as desigualdades sociais presentes. Schwarz chama a atenção para a agitação e contradição presente no período, destacando os interesses das elites brasileiras inseridas em um cenário capitalista e ainda escravocrata. Segundo o crítico:

[...] ambivalência ideológicas das elites brasileiras, um verdadeiro destino. Estas se queriam parte do Ocidente progressista e culto, naquela altura já francamente burguês (a norma), sem prejuízo de serem, na prática, e com igual autenticidade, membro beneficiário do último ou penúltimo grande sistema escravocrata do mesmo ocidente (a infração). Ora, haveria problema em figurar simultaneamente como escravista e indivíduo esclarecido? Para quem cuidasse da coerência moral, a contradição seria embaraçosa. Contudo, uma vez que a realidade não obrigava a optar, por que abrir mão das vantagens evidentes? Coerência moral não seria outro nome para a incompreensão do movimento efetivo da vida? Valorização da norma e desprezo pela mesma eram da natureza do caso<sup>107</sup>.

Diante de um clima de grande incerteza, as discussões da época se arrastaram e acabaram por resultar, em 28 de setembro de 1871, mesmo diante da forte resistência de políticos e grandes fazendeiros, na Lei do Ventre Livre, que determinava que os filhos livres das escravas ficassem em poder dos senhores de suas mães, os quais tinham o dever de criá-los até os oito anos de idade, escolhendo entre utilizar os serviços dos menores até completarem 21 anos ou encaminhá-los ao governo, recebendo uma indenização. No entanto, a ideia de liberdade atribuída aos filhos denominados “ingênuos” mostra-se um tanto contraditória, uma vez que estes viviam e trabalhavam assim como os escravos nas fazendas, enquanto que os senhores não tinham sequer a responsabilidade de oferecer-lhes uma instrução primária. Ainda assim, a lei aparece como um passo importante na busca pela emancipação dos escravos e para a transformação da sociedade brasileira, possibilitando a obtenção de alforrias independentemente da

<sup>106</sup> A doutrina darwinista aponta o ambiente como selecionador de organismos mais adequados para habitar determinado lugar, o que Darwin denominou de “seleção natural”. Os organismos incapazes de se adaptar ao meio em que estão inseridos são extintos.

<sup>107</sup> SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 34 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000, p. 29.



vontade senhorial, simbolizando um avanço importante na luta para submeter o poder privado dos senhores ao domínio da lei. Assim, consegue abalar a ideologia paternalista que, através da violência física, controlava a sociedade. Embora a Lei tenha trazido mudanças, Gledson chama a atenção para algumas ambiguidades presentes. Segundo o crítico:

[...] 1871 (para simplificar usando como exemplo a Lei do Ventre Livre) é um foco perfeito para as ambiguidades e fracassos da História do Brasil, pelo menos no século XIX. Houve uma tentativa de reformar um sistema social que, além de injusto e desumano, estava já ultrapassado. As reformas restritas que chegaram realmente a ocorrer (a Lei do Ventre Livre não é nenhum documento revolucionário), por que então ocorreram? Por causa do medo de uma revolta de escravos, ou da pressão abolicionista exigida exercida por escalões sociais inferiores? Por causa da pressão estrangeira? Ou por que a elite dirigente (acima de tudo, o Imperador) percebeu que a mudança era necessária e decidiu iniciá-la? Estas ambiguidades então também presentes em outras crises — 1850 ou 1888, para dar mais dois exemplos [...] <sup>108</sup>.

No ano de 1880, em que Brás Cubas escreve suas memórias e Machado concebe, também, sua história sobre narizes através do conto “O segredo do Bonzo”, o surto de febre amarela aparece como um grande obstáculo para fazendeiros e políticos que tinham o interesse na imigração de trabalhadores europeus, com o intuito de minimizar os impactos econômicos provenientes da lei de 28 de setembro de 1871. Assim, surge a ideia de “branqueamento” da população, partindo do pressuposto das ideias racistas europeias, que apontavam para a miscigenação como uma forma de degeneração dos povos. Com isso, políticos e intelectuais brasileiros acreditavam que a vinda de sangue europeu para o país fosse produzir o branqueamento gradual da população, possibilitando a “regeneração nacional”. Ainda nesse âmbito, Chalhoub (2003) destaca a presença de diversas doenças no início dos anos 1880, como a sífilis, que gerava grande apreensão, uma vez que a humanidade se afastara de suas origens religiosas através da ciência evolucionista, o que levava à ideia de reprodução biológica higiênica como solução para o futuro da humanidade. Percebeu-se, então, todo o

---

<sup>108</sup> GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 2ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 29-30.

esforço de políticos e intelectuais em manter no país práticas racistas vindas das ideias do darwinismo social.

Quando se pensa no processo de abolição da escravatura, temos um longo e conturbado caminho, que culminou no fim da escravidão em 1888, que ainda não visava os interesses dos escravos, que até então eram vistos como mercadorias, mas sim, a uma necessidade política de preservação da ordem pública ameaçada por possíveis fugas de grupos compostos por escravos, e para atrair mão-de-obra livre para regiões cafeeiras. Dessa maneira, foram poucas as mudanças ocorridas na estrutura social, onde os trabalhadores negros continuaram em condições de exploração, à margem da sociedade e abandonados à própria sorte. Para Carvalho, “[...] o problema social da escravidão, o problema da incorporação dos ex-escravos à vida nacional e, mais ainda à própria identidade da nação, não foi resolvido e mal começou a ser enfrentado”<sup>109</sup>.

Tínhamos um contexto de ruptura durante a abolição definitiva da escravidão, uma vez que o fim do Império se aproximava. Prado Jr. fala a respeito da questão servil, do que o desgastado regime representava para o país e da incapacidade do império em se adaptar às mudanças, impedindo o progresso. Segundo o crítico:

A história do Segundo Reinado nos fornece, em toda sua evolução, as mais evidentes provas de que as instituições imperiais representavam um passado incompatível com o progresso do país [...] a questão servil é disto o mais frisante exemplo. Na sua solução não fez o Império outra coisa que protelar, limitando-se a pequenas concessões (mas não foi a liberdade dos nascituros), numa palavra, marcar passo, enquanto a nação avançava vertiginosamente. Só resolveu o governo imperial alistar-se na corrente quando o problema já estava à sua revelia praticamente solucionado pela alforria particular e pela impossibilidade de reter os escravos que abandonavam em massa as fazendas, o que não só desorganizava por completo a vida econômica do país, como ainda tornava de todo precária a ordem pública que lhe cabia manter<sup>110</sup>.

Com a proclamação da República em 1889, a classe dominante esteve à frente das mudanças priorizando os seus próprios interesses, enquanto a maior

<sup>109</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 23-24.

<sup>110</sup> PRADO JR., Caio. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1965, p. 100.

parte da população permanecia sem voz ativa e sem acesso aos acontecimentos. Sendo assim, no que diz respeito ao âmbito político, a Primeira República não representou grandes mudanças e desenvolvimento em relação ao Império, uma vez que nela continuaram presentes oligarquias compostas por grandes fazendeiros e seus respectivos familiares.

Machado de Assis vivenciou todas as transformações sociais ocorridas na segunda metade do século XIX, apresentando enquanto escritor e crítico sua leitura de uma nação em transformação no âmbito social, político, econômico, sem disfarçar suas mazelas. Ao voltarmos a atenção para a produção contística presente em *Papéis Avulsos* (1882), apresentaremos posteriormente como se deu a representação por parte do escritor desta sociedade com suas respectivas características e da consciência nacional que se fazia presente.

## **2.2 Nacionalismo literário e Machado de Assis**

Quando pensamos em nacionalismo no Brasil, não temos um processo que surge através de contínuas mudanças históricas como ocorre na Europa, mas sim através de uma sociedade atrasada e escravocrata, que buscava a assimilação de ideias europeias. Assim, quando se fala em nacionalismo literário brasileiro, temos a contradição presente na busca por características especificamente brasileiras e a grande influência vinda da tradição europeia.

Torna-se relevante voltarmos a atenção para o contexto francês, uma vez que nele ocorreram acontecimentos que intensificaram a ideia de nacionalismo. Através da Revolução Francesa, em 1789, o ideal de nacionalismo tornou-se intenso por meio de lutas contra o absolutismo, movimentos indo contra os pequenos grupos privilegiados, objetivando que a maior parte da população deixasse de ser esquecida. Assim, a busca por mudanças presente nas camadas populares acaba por trazer força ao ideal nacionalista, e contribuindo, também, para o imperialismo que se baseava na ideia de superioridade da nação como justificativa para invadir e dominar outras nações vistas como atrasadas e inferiores. O ideal de nacionalismo acaba por legitimar-se através das tradições e costumes de determinado povo, que se tornam exemplos de condutas e práticas a serem seguidas por todos e que acabam por serem repetidas, perpassando o tempo.

Ao pensarmos no Brasil, temos, durante o período colonial, a literatura veiculada às tradições portuguesas, uma vez que o país ainda não havia desenvolvido as condições necessárias para produzir uma literatura genuinamente nacional. Tínhamos um contexto em que a afirmação da identidade brasileira estava relacionada diretamente aos ideais da colonização portuguesa, no qual língua e doutrina religiosa eram impostas em detrimento das características dos nativos, tendo os escritores do período percebido e reforçado os ideais dos colonizadores. Assim, a relação entre a forma europeia e a matéria local aparece como peça fundamental na formação da literatura nacional. Candido chama a atenção para a problemática voltada para a construção de uma literatura brasileira. Segundo o crítico:

Historicamente considerado, o problema da ocorrência de uma literatura no Brasil se apresenta ligado de modo indissolúvel ao do ajustamento de uma tradição literária já provada há séculos — a portuguesa — às novas condições de vida no trópico. Os homens que escrevem aqui durante todo o período colonial são, ou formados em Portugal, ou formados à portuguesa, iniciando-se no uso de instrumentos expressivos conforme os moldes da mãe-pátria. A sua atividade intelectual ou se destina a um público português, quando desinteressada, ou é ditada por necessidades práticas (administrativas, religiosas, etc.). É preciso chegar ao século XIX para encontrar os primeiros escritores formados aqui e destinando a sua obra ao magro público local<sup>111</sup>.

Tínhamos um contexto repleto pelo imediatismo de um público à espera de obras que acabavam por se misturar com atividades práticas, como sermões e catequese, ou voltavam-se exclusivamente para pequenos grupos letrados ligados às classes dominantes presentes. Candido destaca, também, o peso das composições das obras. De acordo com o escritor:

Num caso e noutro pesava a composição da obra o destino que ela teria. O auditório de igreja, os convivas de sarau seriam os públicos mais à mão; o curso oral, à boca pequena, o meio principal de divulgar. Também a obra exclusivamente escrita pouco se aparta da intenção e pontos de vista práticos, na medida em que é crônica, informação, divulgação<sup>112</sup>.

---

<sup>111</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 99.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 100.

Assim, temos algumas características de como ocorreu o processo de ajuste entre a tradição europeia e os estímulos locais: um contexto em que os padrões estéticos do chamado Barroco se faziam presentes, evidenciando as manifestações literárias da segunda metade do século XVIII compostas, como aponta Candido, “sob o signo da religião e da transfiguração”<sup>113</sup>. O crítico aponta para a visão estética e ideológica presente na colônia:

Não suprimindo, mas envolvendo e completando o conhecimento objetivo da realidade, a visão ideológica e estética da colônia se fixa de preferência na apoteose da realidade e no destino do europeu, do pecador resgatado pela conquista e premiado com os bens da terra, quando não redimido pela morte justa. Isto mostra como o verbo literário foi aqui — ajudado e enformado pela mão do Barroco — sobretudo instrumento de doutrina e composição transfiguradora<sup>114</sup>.

A visão “transfiguradora” apontada por Candido juntou-se à literatura tornando-se um dos princípios básicos dos estudos e da composição de nossa educação, agregando a ela, no século XVIII, uma nova concepção com algumas ideias distintas através de correntes presentes na época como o Arcadismo e o Classicismo. Candido chama a atenção para algumas características que compunham as novas correntes literárias. Segundo o estudioso:

Sem anular as tendências anteriores, as correntes então dominantes no gosto e na inteligência apresentam caracteres diversos. Poderíamos esquematizá-las dizendo: 1) que a confiança na razão procurou, senão substituir, ao menos alargar a visão religiosa; 2) que o ponto de vista exclusivamente moral se completou — sobretudo nas interpretações sociais — pela fé no princípio do progresso; 3) que, em lugar da transfiguração da natureza dos sentimentos, acentuou-se a fidelidade ao real. Em suma, formou - se uma camada mais ou menos neoclássica, rompida a cada passo pelos afloramentos do forte sedimento barroco<sup>115</sup>.

Quando pensamos nas correntes literárias como o Arcadismo, temos o país ainda na condição de colônia e, conseqüentemente, com economia e política ligadas a Portugal. No entanto, já se podia pensar no início do nacionalismo, esse

<sup>113</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 100.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 103.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 103-104.

contexto estaria presente no movimento Romântico através do sentimento nativista que começava a surgir e impulsionar o desejo de um país e uma literatura independentes. Candido chama a atenção para o empenho no projeto, não só de construção de uma literatura nacional, mas também de um Brasil independente. O crítico destaca a importância da criação por meio da literatura de uma cultura propriamente nacional. De acordo com o escritor:

Quero me referir à definição da nossa literatura como eminentemente interessada. Não quero dizer que seja “social”, nem que deseje tomar partido ideologicamente. Mas apenas que é toda voltada, no intuito dos escritores ou na opinião dos críticos, para a construção duma cultura válida no país. Quem escreve, contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional<sup>116</sup>.

Após a Independência do Brasil, em 1822, o Romantismo aparece como um momento decisivo na busca por minimizar as influências europeias ao trazer a ideia de uma literatura propriamente brasileira e assim intensificar as discussões acerca da questão nacional. A busca por desvincular a literatura produzida no Brasil da portuguesa, consolidando a identidade do país, passa a ser o ideal da estética romântica. Logo, a construção de uma nação independente passa a motivar os escritores na realização da consolidação nacional e também no âmbito estético. Neste contexto, Candido apresenta o termo “senso de dever patriótico” presente nos escritores da época. Segundo o crítico:

[...] é um levantamento bem compreensivo, feito já no auge do Romantismo e tendo por mola o patriotismo, que se aponta ao escritor como estímulo e dever. Com efeito, a literatura foi considerada parcela dum esforço construtivo mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da nação. Manteve-se durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico, que levava os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso<sup>117</sup>.

Os escritores sentem a motivação em contribuir para a emancipação do país e, por meio das letras, construírem uma literatura propriamente brasileira através de símbolos, cultura e identidade próprios da nação brasileira. Assim, a

<sup>116</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Editoria Itatiaia Ltda, 2000, p. 17.

<sup>117</sup> *Ibidem*, p. 12.

atividade letrada possui um papel fundamental nesse contexto histórico, sendo um dos mecanismos presentes no processo de busca pela construção da hegemonia nacional. Como coloca Candido, “tratava-se de construir uma vida intelectual na sua totalidade, para progresso das Luzes e conseqüente grandeza da pátria”<sup>118</sup>.

Quando pensamos no âmbito estético literário, temos alguns elementos que compunham o chamado nacionalismo, como a exaltação à natureza, ao regionalismo e ao indianismo, que possibilitavam o aparecimento de traços característicos da nação brasileira, mas, também, evidenciavam o caráter ilusório de desenvolvimento presente em uma sociedade ainda atrasada. Candido chama a atenção para o que denominou de “consciência amena do atraso”, em um país onde o analfabetismo se faz presente e a instrução esteve restrita a pequenos grupos. Segundo o crítico:

No tempo da que chamei de consciência amena de atraso, o escritor partilhava da ideologia ilustrada, segundo a qual a instrução traz automaticamente todos os benefícios que permitem a humanização do homem e o progresso da sociedade. A princípio, instrução preconizada apenas para os cidadãos, a minoria onde se recrutavam os que partilhavam das vantagens econômicas e políticas; depois, para todo o povo, entrevisto de longe e vagamente, menos como realidade do que como conceito liberal<sup>119</sup>.

É possível perceber que o movimento Romântico acaba por apresentar algumas contradições, uma vez que há busca por uma nação livre e independente, embora a estrutura que compunha a sociedade permanecia a escravista e a maior parte da população marginalizada encontrava-se fora das perspectivas de desenvolvimento. O Romantismo acabou por apresentar uma visão acerca do país um tanto estereotipada, trazendo na literatura os conflitos sociais de forma a disfarçar a violência do processo civilizatório e colocando a escravidão como uma prática que não gerava incômodo, uma vez que a figura do negro era vista de forma marginalizada, em uma sociedade contraditória e atrasada.

Ao analisarmos o Nacionalismo em desenvolvimento no Brasil do século XIX percebemos a influência da tradição portuguesa no ideal de uma nação

---

<sup>118</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Editoria Itatiaia Ltda, 2000, p. 12.

<sup>119</sup> CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 145.

brasileira. Escritores como José de Alencar em obras como *O Guarani*, escrita em 1822, representavam a figura do índio reforçando sua condição “selvagem” diante do homem branco civilizado, colocando a ideia de civilização como um processo a ser alcançado pelos indivíduos primitivos que compunham as terras brasileiras. Nesse sentido, vemos um país livre que buscava um ideal de nação cujas referências são a colonização portuguesa (que suprimiu identidades), a escravidão e exploração nas esferas de produção.

Quando pensamos em Nacionalismo e Machado de Assis, voltamos o olhar para o “Instinto de nacionalidade”. O escritor faz uma análise da literatura já produzida no Brasil e destaca o desejo de criação de uma literatura independente. O autor fala a respeito das contribuições de escritores como José de Alencar e Gonçalves Dias, e evidencia a sua intensa observação acerca do projeto romântico de construção da identidade nacional. Baptista fala a respeito do questionamento que a reflexão machadiana apresenta acerca do ideal romântico de nacionalismo. De acordo com o crítico:

[...] Machado procura delimitar um estatuto para a sua assinatura resistindo à lei nacional. É o momento em que a reflexão machadiana sobre a questão da nacionalidade literária desarticula a retórica solidária do projeto nacional legado pelo romantismo, quebrando o laço entre a realidade brasileira entendida como realidade fundadora e a literatura, demarcando-se, em consequência, não apenas do projeto nacional, mas de todo o projeto em literatura: o episódio brasileiro do nome de Machado é o momento em que, para se erguer acima do quadro literário nacional, Machado lança a indeterminação sobre o esforço de construção de uma literatura nacional<sup>120</sup>.

Torna-se relevante reforçar a ideia de Machado de Assis a respeito da crítica de sua época, somente voltada para o reconhecimento do espírito nacional em obras que tratam de “assuntos locais”, quando, na verdade, se necessitava de que o escritor tenha “antes de tudo, [...] certo sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”<sup>121</sup>. Sendo assim, para se falar a respeito das questões que permeavam a época e das mazelas sociais que compunham a sociedade, não era

<sup>120</sup> BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 42.

<sup>121</sup> ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 804.



necessário tratar exclusivamente de assuntos do âmbito local, como faziam muitos escritores do período.

Machado de Assis aponta para o perigo de uma literatura brasileira repleta de um ideal nacionalista, voltado para uma nação ainda em construção, e consegue fazer uma representação crítica da sociedade com seus problemas, diferentemente de outros estudiosos da época, que se ocupavam apenas de assuntos estritamente locais. O escritor aponta para a carência de uma crítica que contribua para o desenvolvimento de uma literatura mais forte. Segundo ele,

[...] se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, correspondente ao que ela é em outros países. Não a temos. Há e tem havido escritos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influência cotidiana e profunda que deveram exercer. A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam<sup>122</sup>.

O escritor consegue apresentar uma visão crítica a respeito de um ideal acerca da construção de uma nação baseada em ideias conservadoras e pautando-se na ideia de progresso vinda da Europa. Schwarz destaca a fascinação em relação aos moldes europeus. De acordo com o crítico:

[...] nada melhor, para dar lustre às pessoas e à sociedade que formam, do que as ideias mais ilustres do tempo, no caso as europeias. Neste contexto, portanto, as ideologias não descrevem sequer falsamente a realidade, e não gravitam segundo uma lei que lhes seja própria — por isso as chamamos de segundo grau. Sua regra é outra, diversa da que denominam; é da ordem do relevo social, em detrimento de sua intenção cognitiva e de sistema. Deriva sossegadamente do óbvio, sabido de todos — da inevitável “superioridade” da Europa — e liga-se ao momento expressivo, da autoestima e fantasia, que existe no favor<sup>123</sup>.

<sup>122</sup> Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 804.

<sup>123</sup> SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas*. 6 ed. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 18-19.

O modo com que Machado coloca as suas ideias não aparece como uma negação às características nacionalistas até então apresentadas, mas sim, como sugestão para se atingir a produção de uma literatura própria. As preocupações do escritor a respeito dos rumos trilhados pela literatura brasileira aparecem desde a década de 1860, em seus escritos sobre as obras de escritores como José Alencar. Machado já demonstra sua busca por encontrar nas obras uma crítica concisa não voltada apenas para a questão da nacionalidade, mas, também, sobre a composição do fazer literário.

Percebe-se que, através do que Machado de Assis denominou de “Instinto de nacionalidade”, buscou-se observar e analisar atentamente as necessidades para a criação de uma literatura verdadeiramente nacional, de forma que a mesma fosse incorporada com suas respectivas características definitivamente em seus escritos. Mostra-se importante destacarmos a resenha realizada em 1866 sobre *Iracema*<sup>124</sup>, de José de Alencar.

Antes de iniciar as observações acerca do romance de Alencar, Machado chama a atenção de forma a elogiar Gonçalves Dias enquanto criador de ideias literárias, ao contrário de outros escritores que praticavam uma composição indianista meramente imitativa. Ao começar a introduzir as questões presentes no chamado Indianismo, caracterizado pela presença do índio considerado o “bom selvagem”, Machado procura analisar os escritores que escreviam obras indianistas destacando a visão individual de cada autor, ao invés do indianismo enquanto uma tendência romântica que estava sendo seguida por muitos na literatura brasileira. Em seu ensaio, chama a atenção sobre a discussão literária presente na época em nosso país:

A discussão literária no nosso país é uma espécie de steeple-chase, que se organiza de quando em quando; fora disso a discussão trava-se no gabinete, na rua, e nas salas. Não passa daí nem nos parece que se deva chamar escola ao movimento que atraiu as musas nacionais para o tesouro das tradições indígenas<sup>125</sup>.

O Indianismo sob o olhar machadiano aparece como patrimônio da literatura brasileira quando trabalhado esteticamente por autores que souberam

<sup>124</sup> Publicada na *Semana Literária*, seção do Diário do Rio de Janeiro em 1866.

<sup>125</sup> ASSIS, Machado de. José de Alencar: *Iracema*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 848.

fazer as articulações necessárias, deixando de lado os que transformaram e colocaram o indígena de forma a estereotipá-lo. Assim, Machado consegue afastar a possibilidade de uma literatura brasileira indianista eternizada, apontando-a como uma forma de exercer a poesia nacional, e avalia o romance de Alencar do ponto de vista estético. Machado chama a atenção para o trabalho feito por José de Alencar na composição de seu romance, o qual denominava um “poema em prosa”. Segundo o crítico:

Estudando profundamente a língua e os costumes dos selvagens, obrigou-nos o autor a entrar mais ao fundo da poesia americana; entendia ele, e entendia bem, que a poesia americana não estava completamente achada; que era preciso prevenir-se contra um anacronismo moral, que consiste em dar idéias modernas e civilizadas aos filhos incultos da floresta. O intuito era acertado; não conhecemos a língua indígena; não podemos afirmar se o autor pôde realizar as suas promessas, no que respeita à linguagem da sociedade indiana, às suas idéias, às suas imagens; mas a verdade é que relemos atentamente o livro do Sr. José de Alencar, e o efeito que ele nos causa é exatamente o mesmo a que o autor entende que se deve destinar ao poeta americano; tudo ali nos parece primitivo; a ingenuidade dos sentimentos, o pitoresco da linguagem, tudo, até a parte narrativa do livro, que nem parece obra de um poeta moderno, mas uma história de bardo indígena, contada aos irmãos, à porta da cabana, aos últimos raios do sol que se entristece<sup>126</sup>.

Percebe-se na crítica machadiana a conclusão de que as experiências formais que constituem a obra ocorreram de forma efetiva e o efeito provocado no leitor mostra-se de acordo com o objetivo do autor, que exprime nas linhas do romance o seu trajeto reflexivo apontado por Machado como “ciência e consciência, para as quais todos os louvores são poucos”<sup>127</sup>. O crítico destaca, também, a força presente na composição da obra:

Tal é o livro do Sr. José de Alencar, fruto do estudo, e da meditação, escrito com sentimento e consciência. Quem o ler uma vez, voltará muitas mais a ele, para ouvir em linguagem animada e sentida, a história melancólica da virgem dos lábios de mel. Há de viver este livro, tem em si as forças que resistem ao tempo, e dão plena fiança do futuro. É também um modelo para o cultivo da poesia americana, que, mercê de Deus há de

<sup>126</sup> ASSIS, Machado de. José de Alencar: Iracema. In: \_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 849.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 840.

avigorar-se com obras de tão superior quilate. Que o autor de Iracema não esmoreça, mesmo a despeito da indiferença pública; o seu nome literário escreve-se hoje com letras cintilantes: Mãe, O Guarani, Diva, Lucíola, e tantas outras; o Brasil tem o direito de pedir-lhe que Iracema não seja o ponto final. Espera-se dele outros poemas em prosa. Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á obra-prima<sup>128</sup>.

Temos o estudo, o sentimento e a consciência apontados por Machado como as características que fazem de Iracema uma grande obra nacional e não a utilização da figura indígena como buscavam outros autores. Assim, quando voltamos o olhar para a crítica presente em “Instinto de Nacionalidade” e para o “sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país”<sup>129</sup>, apontado pelo crítico como essencial por parte dos escritores, percebe-se a ligação com suas reflexões acerca das produções literárias de escritores como José de Alencar.

Torna-se relevante voltarmos nossa atenção, também, para a crítica feita a escritores do chamado Ultrarromantismo, como forma de entendermos mais a fundo a visão machadiana sobre a literatura nacional. Escritores como Álvares de Azevedo aparecem contrários às características indianistas, apresentando uma escrita melancólica e sentimentalista em que o subjetivismo e egocentrismo mostram-se presentes. Em sua resenha feita em 1853 sobre *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo<sup>130</sup>, Machado de Assis problematiza também a questão da relação entre a literatura brasileira e as influências europeias.

Álvares de Azevedo é apontado por Machado de Assis como um grande talento, mas que não teve o tempo necessário para aprofundar-se em seus estudos, nas suas leituras, acabando por trazer uma literatura repleta de excessos, uma vez que teve sua vida e carreira interrompidas pelo seu falecimento precoce. Segundo o crítico:

[...] era realmente um grande talento; só que lhe faltou o tempo, como disse um dos seus necrólogos. Aquela imaginação vivaz, ambiciosa, inquieta, receberia com o tempo as modificações necessárias;

<sup>128</sup> ASSIS, Machado de. José de Alencar: Iracema. In: \_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 852.

<sup>129</sup> ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de Nacionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 804.

<sup>130</sup> Publicado originalmente no Diário do Rio de Janeiro em 26 de junho de 1866. ASSIS, Machado de. Álvares de Azevedo: Lira dos vinte anos. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 892-894.

discernindo no seu fundo intelectual aquilo que era próprio de si, e aquilo que era apenas reflexo alheio, impressão da juventude, Álvares de Azevedo, acabaria por afirmar a sua individualidade poética<sup>131</sup>.

Machado aponta para a falta de precisão nos escritos do autor que tinham “os defeitos, as incertezas, os desvios, próprios de um talento novo, que não podia conter-se, nem buscava definir-se”<sup>132</sup>. O crítico destaca, também, a convivência com poetas da Inglaterra e da Alemanha que geraram boas impressões no espírito autêntico de Álvares de Azevedo, de forma que tal influência é vista como positiva, uma vez que “não poderia destruir o caráter da sua individualidade poética, ser-lhe-ia de muito proveito, e não pouco contribuiria para a formação definitiva de um talento tão real”<sup>133</sup>. Assim, para a formação de sua completa individualidade, Álvares de Azevedo necessitava de mais tempo e estudo que não lhe permitiriam cair em excessos. Segundo Machado de Assis:

Era frequentemente difuso e confuso; faltava-lhe precisão e concisão. Tinha os defeitos próprios das estreias, mesmo brilhantes como eram as dele. Procurava a abundância a caía no excesso. A ideia lutava-lhe com a pena, e a erudição dominava a reflexão. [...] pode-se afirmar, pelo que deixou ver e entrever, quanto se devia esperar dele, alguns anos mais<sup>134</sup>.

Percebe-se, por parte do escritor e crítico literário, um destaque para a importância de uma originalidade individual que aparece em Álvares de Azevedo através do “humour”<sup>135</sup>. Ao aproximarmos a ideia de uma literatura com características novas e originais da chamada literatura universal, torna-se importante voltarmos ao “instinto de nacionalidade”<sup>136</sup> que aparece como a busca por uma literatura propriamente brasileira juntamente com a necessidade de analisar as influências estrangeiras de modo a filtrar os excessos, podendo-se aprofundar nas relações entre o que Schwarz denominou de “dialética do local e

---

<sup>131</sup> Publicado originalmente no Diário do Rio de Janeiro em 26 de junho de 1866. ASSIS, Machado de. Álvares de Azevedo: Lira dos vinte anos. In:\_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 893.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 893.

<sup>133</sup> Ibidem, p. 893.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 894.

<sup>135</sup> Ibidem, p. 894.

<sup>136</sup> ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de Nacionalidade. In:\_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 801.

do universal”<sup>137</sup>. Assim, temos através da busca por uma literatura nacional, uma forma de desprendimento em relação às características exclusivamente nativistas e indianistas, bem como pensar na relação presente entre produções literárias locais e a literatura universal.

Por fim, em 1879, Machado de Assis publica um ensaio chamado “A nova Geração”<sup>138</sup>, em que fala a respeito dos seus contemporâneos. Inicialmente, o crítico apresenta uma problemática acerca da nova geração poética e estilos que surgem no decorrer do tempo. Segundo o escritor:

Há entre nós uma nova geração poética, geração viçosa e galharda, cheia de fervor e convicção. Mas haverá também uma poesia nova, uma tentativa, ao menos? Fora absurdo negá-lo, há uma tentativa de poesia nova, — uma expressão incompleta, difusa, transitiva, alguma coisa que, se ainda não é o futuro, não é já o passado [...] A nova geração chasqueia às vezes do Romantismo. Não se pode exigir da extrema juventude a exata ponderação das coisas; não há impor a reflexão ao entusiasmo. De outra sorte, essa geração teria advertido que a extinção de um grande movimento literário não importa a condenação formal e absoluta de tudo o que ele afirmou; alguma coisa entra e fica no pecúlio do espírito humano. Mais do que ninguém, estava ela obrigada a não ver no Romantismo um simples interregno, um brilhante pesadelo, um efeito sem causa, mas alguma coisa mais que, se não deu tudo o que prometia, deixa quanto basta para legitimá-lo. Morre porque é mortal<sup>139</sup>.

Machado destaca a formação de uma tradição literária, não apenas no que diz respeito à literatura brasileira, mas, também, em relação a um movimento literário do presente que incorpora as ideias de um movimento do passado, sem levar em conta o contexto histórico e possíveis mudanças no âmbito nacional. O crítico destaca a importância do aprendizado por parte da nova geração levando em conta os escritos do passado, desde que haja uma seleção do que realmente interessa.

Sabe-se que o Romantismo trouxe um grande número de textos e críticas para a literatura brasileira. Afastar-se das características do movimento romântico através de uma seleção de suas conquistas que realmente interessavam, aparece

<sup>137</sup> SCHWARZ, Roberto. Duas notas sobre Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 168.

<sup>138</sup> ASSIS, Machado de. Álvares de Azevedo: A nova geração. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 809-836.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 809-810.

como o rumo tomado por Machado de Assis em seus escritos de forma a evidenciar questões apontadas pelo crítico, como a importância de um “sentimento íntimo”<sup>140</sup> que faça do escritor homem inserido de forma efetiva em seu tempo e em seu país. Batista aponta para a posição machadiana na literatura de sua nação e de seu país enquanto incompatível com as intenções nacionalistas, aparecendo o “sentimento íntimo” como a resposta machadiana para a questão da brasilidade em seus escritos. De acordo com o crítico:

Numa palavra, se o “sentimento íntimo” não é verdadeira proposta alternativa na questão nacional, é garantia individual fornecida pelo próprio Machado a respeito de si próprio; se quiserem julgá-lo segundo o critério da nacionalidade, se quiserem saber onde está a “brasilidade” das suas obras, procurem-lhe o sentimento íntimo<sup>141</sup>.

Enquanto através do “instinto de nacionalidade” busca-se a incorporação de características nacionais que compõem a nossa nação, o “sentimento íntimo” trata de estar além do dado local sem prender-se a doutrinas absolutas. Para Machado de Assis, as ideias de sentimento e instinto devem aparecer como orientadoras das produções literárias de forma que as mesmas possam se tornar coerentes.

### **2.3 O fazer ficcional machadiano como representação da sociedade: desvendando o processo histórico**

Quando pensamos nas mudanças históricas presentes no Brasil do século XIX, temos Machado de Assis como um ilustre representante destas, bem como de suas consequências. Para entendermos mais profundamente como se dá tal representação, voltaremos os olhos para seus escritos, fazendo um percurso por produções enquadradas em sua primeira fase e, posteriormente, caminharemos para as de segunda fase, a fim de chegarmos à escrita de *Papéis Avulsos* (1882).

Ao desenvolver suas narrativas, Machado de Assis escreveu e reescreveu a história do Brasil do século XIX e, quando pensamos em tal forma de leitura, percebemos o quanto a mesma nos auxilia no entendimento da significação da

---

<sup>140</sup> ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 804.

<sup>141</sup> BAPTISTA, Abel Barros. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 109.

obra machadiana. Os estudos de Schwarz apontam para a composição da narrativa como um comentário estrutural sobre a sociedade na qual Machado de Assis expõe e analisa aspectos essenciais voltados para o funcionamento dos meios de exploração e autoridade presentes na sociedade da época. Segundo o escritor:

[...] a fórmula narrativa de Machado consiste em certa alternância sistemática de perspectivas, em que está apurado um jogo de pontos de vista produzido pelo funcionamento mesmo da sociedade brasileira. O dispositivo literário capta e dramatiza a estrutura do país, transformada em regra da escrita. E com efeito, a prosa narrativa machadiana é das raríssimas que pelo seu mero movimento constituem um espetáculo histórico-social complexo, do mais alto interesse, importando pouco o assunto de primeiro plano<sup>142</sup>.

Ao incorporar no estilo as relações sociais que observa, interiorizando seu tempo e sua nação, Machado apresenta uma “expressão da sociedade real”<sup>143</sup> e o “sentimento íntimo que o torne homem de seu tempo e de seu país”<sup>144</sup> deixa de ser apenas uma ideia, acabando por encontrar-se presente nas problemáticas de seus escritos.

Outros críticos, como Gledson, voltam seus estudos para o movimento histórico presente nos escritos machadianos e o interesse de Machado de Assis em interpretar o sentido do processo histórico. O crítico destaca, através da decifração de alusões nas obras, que Machado analisou e comentou as transformações políticas e sociais de seu tempo. Para ele, os escritos machadianos “pretendem transmitir grandes e importantes verdades históricas, de surpreendente profundidade e amplitude”<sup>145</sup>. Assim, os estudos de Schwarz e Gledson apresentam perspectivas que se complementavam, trazendo estrutura e movimento enquanto componentes a serem analisados na construção textual machadiana.

Ao analisarmos as produções consideradas de primeira fase do escritor, como *Helena* (1876), podemos perceber na composição narrativa a representação de aspectos sociais e políticos do Brasil do século XIX. Os acontecimentos narrados na obra encontram-se presentes na década de 1850, permitindo que

---

<sup>142</sup> SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 9.

<sup>143</sup> Ibidem, p. 9.

<sup>144</sup> ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 804.

<sup>145</sup> GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e história*. 2º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 25.



Machado de Assis faça uma leitura e análise detalhada das relações sociais e da grande desigualdade que se fazia presente. Para Chalhoub, “esse romance seria uma interpretação da sociedade brasileira durante o período de hegemonia do projeto saquarema [...]”<sup>146</sup>.

Durante toda a obra, temos a representação das relações políticas de domínio presentes no Brasil em meados do século XIX, sendo pautadas no pressuposto da inviolabilidade da vontade senhorial. Entretanto, devemos levar em conta não somente o contexto de 1850 que a obra resgata, mas também o momento em que é produzida em 1876, analisando as mudanças ocorridas que culminaram em crises sociais e nos intensos debates voltados para o acontecimento significado de promulgação da Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871.

Através da relação entre personagens presentes na obra, como Helena, temos a representação do período de hegemonia da classe senhorial escravocrata. Helena aparece enquanto membro da classe dos dependentes que, devido à grande gratidão pelos senhores, permanecem estagnados, sem buscar por seus direitos, acabando por reforçar as estruturas tradicionais pautadas na submissão por parte dos dependentes e escravos em relação à classe senhorial. Para Chalhoub, em relação à composição do romance, “se metade de Helena é a análise fina e já outro tanto irônica de determinados mecanismo de poder, a outra metade torna-se denúncia amargurada das iniquidades vigentes em tais práticas de dominação”<sup>147</sup>.

Machado de Assis resgata em seu romance um período ainda de conformidade e estagnação, representando, assim, os antagonismos sociais presentes na época e que culminariam em um processo de mudanças históricas que desestabilizariam as estruturas tradicionais de poder. Tais modificações são destacadas, posteriormente, em *Iaiá Garcia* (1878). Chalhoub enfatiza o movimento que compõe *Helena* enquanto registro de um período que Machado de Assis considerou decisivo para o Brasil. Segundo o crítico,

[...] o “movimento profundo” de *Helena* é a descrição dos antagonismos constitutivos das políticas de domínio vigentes no período anterior à crise de fim dos anos 1860 e início da década de 1870. Como fez questão de registrar em inúmeros textos,

<sup>146</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 18.

<sup>147</sup> *Ibidem*, p. 42.

Machado de Assis considerava decisivos os anos de agitação política e social que culminaram na promulgação da lei de 28 de setembro de 1871 e, de fato, muito daquilo que escreveu nas décadas seguintes tinha a preocupação de interpretar os acontecimentos daquele período, assim como avaliar as consequências<sup>148</sup>.

Quando pensamos na época de escrita das primeiras obras machadianas presentes na década de 1870, encontramos um modelo de sociedade pautada na divisão entre senhores, escravos e os agregados livres, mas que, na verdade, aparecem como dependentes, caracterizando uma nação cuja política de domínio paternalista se faz presente. Assim, mostra-se importante entendermos melhor a complexa conceituação de paternalismo e sua relação com dependentes e escravos. Para Chalhoub, o paternalismo trata-se de “uma política de domínio na qual a vontade senhorial é inviolável, e na qual os trabalhadores e os subordinados em geral só podem se posicionar como dependentes em relação a essa vontade soberana”<sup>149</sup>. Tal princípio da inviolabilidade da vontade senhorial aparece presente tanto nas políticas de dominação de dependentes, quanto de escravos.

Quando pensamos em algumas características da política de domínio da escravidão até a Lei do Ventre Livre, em 1871, temos questões a serem destacadas como as alforrias que eram provenientes exclusivamente da vontade dos senhores. De acordo com Chalhoub, “[...] cada escravo sabia bem que, excluídas as fugas e outras formas radicais de negação do cativo, sua esperança de liberdade dependia do tipo de relacionamento que mantivesse com o seu senhor particular”<sup>150</sup>. Assim, buscava-se ludibriar os escravos através da ideia de que para conseguir sua liberdade, deveriam obedecer e serem fiéis aos seus proprietários.

A situação dos dependentes em geral aparece ligada à da escravidão e se configura a partir dela, uma vez que o princípio da inviolabilidade da vontade senhorial encontra-se presente nas políticas de domínio de escravos, subalternos e a escravidão aparece como a forma extrema de submissão. Chalhoub chama a atenção para o pavor dos dependentes em serem tratados como escravos, tendo à frente a ameaça do “perigo real de escravização”<sup>151</sup>. Embora os dois grupos estejam voltados para o princípio da inviolabilidade da vontade de seus senhores,

<sup>148</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 45.

<sup>149</sup> *Ibidem*, p. 46-47.

<sup>150</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>151</sup> *Ibidem*, p. 56.

a situação escrava mostra-se um tanto diferente da condição do homem livre oprimido. Os escravos lutavam intensamente pela liberdade e viviam em busca de alcançá-la. Chalhoub destaca algumas características presentes na forma de dependência à qual eram submetidos os escravos:

As características mais essenciais do tipo de dependência a que estavam submetidos os escravos eram o castigo físico e a condição de propriedade — esta os deixava sempre sob a ameaça das transações de compra e venda e, por conseguinte, diante da possível ruptura de seus laços de família e comunidade<sup>152</sup>.

Em *Helena*, ao trazer uma abordagem voltada para as relações entre dependentes e senhores, Machado de Assis traz à tona a prática de dominação vigente do período, bem como as problemáticas envolvidas no controle dos dois grupos, produzindo o que Chalhoub chama de “registro realista extremamente sutil e eficaz”<sup>153</sup>. Com isso, traz também sua análise a respeito do ponto de vista do dominado, buscando a voz dos subjugados nas situações de perigo em que se encontravam.

Como mencionado anteriormente, em sua obra seguinte, *Iaiá García* (1878), Machado de Assis traz o movimento de transformação política e social presente no Brasil entre aproximadamente 1850 e 1871, enfatizando as mudanças no que diz respeito aos dependentes tão evidenciados em *Helena*. Publicada em 1878, percebemos em *Iaiá García* um movimento entre os anos de 1866 e 1871 que aparecem como decisivos na crise do paternalismo.

É possível encontrar, no início da narrativa, a prática de dominação voltada para a produção de dependentes e, posteriormente, o desenrolar de uma crise e mudança de comportamento por parte dos subalternos e da classe senhorial. Em tal contexto, as tensões mostram-se presentes e os dependentes permanecem submissos aos senhores, mas começando a buscar um entendimento em relação às reais intenções dos mesmos, o que coloca a classe senhorial em situação de alerta. Chalhoub destaca a principal novidade que surge neste contexto. Segundo o escritor:

---

<sup>152</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 57.

<sup>153</sup> *Ibidem*, p. 57.

O perigo cintila mais em cada situação, e chistes e ironias tornam-se difíceis, pois talvez a principal novidade do cenário esteja no fato de que os dependentes se confrontam com uma vontade senhorial mais consciente de si, ciente da resistência a seus desígnios e decidida a fazer valer a sua autoridade através da astúcia e mesmo da fraude, não hesitando em violentar os subordinados<sup>154</sup>.

Para ilustrar tal clima de perigo, podemos destacar a relação entre os personagens Luís García e Valéria. Enquanto Valéria, representante da classe senhorial, procura convencer Luís García de seu falso ideal patriótico na busca de colocar seu filho Jorge como voluntário na Guerra do Paraguai, Luís García desconfia do discurso da senhora, traduzindo uma relação onde o subordinado não acredita mais nas palavras senhoriais e faz de suas desconfianças um meio de análise das reais intenções. Assim, observamos na narrativa, como forma de construção de personagens, a revelação de verdades históricas que caracterizaram o cenário do Brasil no século XIX.

Ao voltarmos a atenção para os escritos de segunda fase, daremos ênfase ao romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), a fim de chegarmos, posteriormente, à publicação do ano seguinte da coletânea de contos *Papéis Avulsos* (1882). Machado de Assis consegue, através do gênero conto, reunir as temáticas e retratar as características do período da segunda metade do século XIX, presentes também nas *Memórias Póstumas* - sendo as duas obras consideradas um marco na carreira do escritor.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), Machado reescreve *Helena*, ao representar o período de hegemonia do pressuposto da inviolabilidade da vontade senhorial, tendo a maior parte das ações da narrativa desenvolvidas entre 1840 e 1869. Através do defunto-autor Brás Cubas, que morrera entre 1870 e 1871, período de grande movimentação política em relação à questão do elemento servil, temos a narração de suas memórias.

Repleta de digressões e acontecimentos no Rio de Janeiro, o leitor é apresentado a uma narrativa composta pelas mudanças na vida de um brasileiro rico e sem ocupação, que acaba por ilustrar toda uma classe dominante presente na segunda metade do Brasil no século XIX. Assim, são apresentados acontecimentos desde o nascimento do narrador; estudos de Direito em Coimbra,

---

<sup>154</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.67.

caracterizando uma pequena parcela da sociedade que detinha os privilégios de acesso à educação; relações amorosas; ideias políticas; científicas e filosóficas; e culminando na morte de Brás Cubas. Schwarz chama a atenção para como se dá a passagem das fases da vida da personagem, que caracteriza toda uma sociedade burguesa. Segundo o crítico:

A passagem de uma estação a outra se faz pelo fastio, imprimindo ao movimento a marca do privilégio de classe. As relações são incivis em sentido próprio, isto é, não se pautam pela igualdade moderna, que no entanto está postulada. A volubilidade de Brás aparece, noutras palavras, como o reverso da exclusão de trabalho ou empenho autêntico, e como extensão da iniquidade social<sup>155</sup>.

Ao pensarmos nas práticas burguesas da época, temos, através de Brás Cubas, a fiel representação das mesmas. Quando se volta ao âmbito intelectual, temos os anos de boemia da personagem em Portugal substituindo os estudos; na política, a busca por benefícios e métodos facilitadores no trabalho da Guarda Nacional; e, no âmbito filosófico e científico, a invenção do Emplasto de Brás e uma teoria criada a ser destacada: a metáfora da contemplação do nariz. De acordo com a proposta da metáfora, somente a subordinação do universo a um nariz específico pode contribuir para o equilíbrio da sociedade. Ou seja: temos o retrato de um contexto em que a classe senhorial encontra-se vivendo seu período de apogeu e poder no Segundo Reinado, de forma que a única maneira de manter a ordem aparece através da submissão à classe superior. É possível apontar, também, as questões amorosas que aparecem em destaque no decorrer da narrativa, através de Brás Cubas e seus amores impossíveis e clandestinos. Schwarz fala a respeito da questão do amor na obra:

Cabe uma ressalva para o Amor, que não sai diminuído do romance, uma vez que o capricho não lhe contraria o natural: a performance amorosa do protagonista tem força e complexidade, ainda que, de um ponto de vista romântico, pareça lamentável. É como se nas circunstâncias brasileiras, caracterizadas no caso pela preeminência da volubilidade, fosse o amor a única forma disponível de plenitude, as outras

---

<sup>155</sup> SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 42.

manifestações do espírito ficando condenadas ao amesquinamento<sup>156</sup>.

Embora assuntos como política, ciência e filosofia apareçam apenas como meras divagações na vida da Brás Cubas, não deixam de estar presentes na vida da personagem que, um tanto ambiciosamente, busca pela fortuna e glória, ainda que vivesse na completa estagnação. Os ideais de Brás são destacados por Schwarz de forma que a personagem aparece diferenciada dos escravos e agregados:

O ridículo das pretensões expressa-lhes o deslocamento histórico, mas só em parte, pois Brás encarna perfeitamente o princípio da subjetividade moderna, que não acata limitações e se sabe intitulada à totalidade do que o mundo tem a oferecer de mais recente (no que o protagonista difere de um escravo, ou também de um agregado). Com seu expansionismo sem fronteiras a volubilidade traz ao romance a dinâmica antitradicional própria à sociedade contemporânea<sup>157</sup>.

Entre a morte do defunto autor, em 1869, e o surgimento da narrativa machadiana, em 1880, houve acontecimentos importantes no âmbito político e social na década de 1870 que aparecem relacionados ao relato do personagem Brás Cubas. Várias questões eram discutidas, como a emancipação dos escravos e o surgimento de novas ideias políticas e filosóficas, tornando-se os relatos do personagem uma forma de testemunho de tais mudanças. De acordo com Chalhoub:

As memórias de Brás tornam-se, por conseguinte, um testemunho histórico importante sobre as transformações nas ideologias de sustentação do poder no período de crise da sociedade escravista [...] Brás busca articular a política de domínio paternalista, sob fogo cerrado nos anos de 1870, com aspectos da onda de ideias cientificistas europeias do tempo — especialmente no que tange ao darwinismo social como forma de explicar a origem e a reprodução das desigualdades sociais<sup>158</sup>.

---

<sup>156</sup> SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 42.

<sup>157</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 42-43.

<sup>158</sup> *Ibidem*, p. 96.

Assim, quando voltamos à metáfora do nariz anteriormente “paternalista”, vemos agora, diante de um contexto de mudanças e enfraquecimento das estruturas patriarcais, Brás Cubas nos apresentando o movimento de transição para a metafísica do nariz “científico”, deixando as suas impressões a respeito da “fisionomia ideológica duma classe social que então encarava, muito a contragosto, a necessidade de pensar o mundo sem a escravidão”<sup>159</sup>.

O narrador mostra-se um tanto observador das relações de poder, uma vez que desde que nascera fora instruído a exercer suas prerrogativas de indivíduo pertencente a uma classe superior. Ao retomar certa ocasião em que seu pai, o velho Cubas, lhe oferece noções a respeito de teatro político paternalista, a fim de que seu filho aceitasse o casamento e carreira política que pensava ter lhe arranjado através de Virgília, Brás Cubas procura resistir inicialmente, mas depois acaba cedendo. Tal episódio aparece como forma de ilustrar o valor de ascender-se socialmente e politicamente, em detrimento das vontades próprias. Da mesma forma, Machado apresentará posteriormente situação semelhante através do conto a “Teoria do Medalhão”, presente em *Papéis Avulsos*, que será abordado a fundo no próximo capítulo, em que o filho é pressionado pelo pai a buscar as prerrogativas para tornar-se um homem importante e poderoso, um “medalhão”.

Temos um narrador que, ao mesmo tempo em que percebe que as ideologias de poder senhorial não mais se sustentavam, permanecia voltado para os poderes e privilégios de sua classe e mostrava-se disposto, como coloca Chalhoub, a “adequar as ideologias de dominação social ao contexto do processo de emancipação dos escravos e consequentes mudanças nas relações de trabalhos nas décadas de 1870 e 1880<sup>160</sup>”. Assim, semelhante à metáfora dos narizes e reforçando a ideia de classes superiores, Brás Cubas apresenta uma teoria em que os subordinados, assim como as borboletas, reproduziam a sua visão dos fatos, ou seja, os dependentes sabiam e aceitavam suas existências como voltadas exclusivamente para servi-lo. Para entendermos melhor como tal teoria assemelha-se ao contexto social brasileiro da época e das ideias senhoriais, é importante destacarmos o que Chalhoub fala a respeito do poder dos senhores sobre as alforrias, uma vez que ainda não haviam ocorrido as mudanças

---

<sup>159</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 96-97.

<sup>160</sup> *Ibidem*, p. 107.

provenientes da lei do Ventre Livre de 28 de setembro de 1871, que passaria a possibilitar a obtenção de alforrias independentemente da vontade senhorial. Segundo ele:

[...] basta pensar na ideologia da alforria vigente na sociedade escravista brasileira. Os senhores de escravos consideravam a sua prerrogativa exclusiva de conceder, ou denegar, liberdades um dos fatores mais decisivos no controle social de trabalhadores escravos. Ressentiam-se de qualquer intervenção do poder público em tais assuntos, sustentando resolutamente a ideia da inviolabilidade da vontade senhorial em tudo que concernia à liberdade de escravos. Borboletas e escravos não tinham vontade própria ou espaço de ação autônoma. Viveriam se os senhores assim o desejassem, ficariam livres se tais algozes quisessem<sup>161</sup>.

Mais uma vez, mostra-se importante atentarmos no nariz machadiano, através do conto “O segredo do Bonzo”, presente em *Papéis Avulsos* (1882), que também, será retomado de forma mais detalhada posteriormente. A narrativa ilustra o século XVI, um reino chamado Bungo, que é representado como uma forma de alegoria de uma nação à procura de sua identidade, o qual passa a imaginar-se diferente e tenta assumir por outras identidades que não lhe pertencem. A sociedade da época aparece sem perspectivas de progresso e os problemas eram vistos por boa parte das pessoas como provenientes das características raciais da população, evidenciando as características racistas do reducionismo biológico. Assim, temos o fato de a narrativa estar situada no século XVI como uma ajuda para entender questões presentes no conto, como a ciência racial presente no século XIX, que tentava relacionar as características físicas dos povos e graus de civilização como determinantes para julgar se uma nação é inferior à outra.

Desta forma, é possível observarmos por meio desta representação uma visão a respeito do olhar com que Machado de Assis constrói ficcionalmente a figuração da sociedade brasileira e de suas respectivas características, com sutileza e profundidade peculiares da sua originalidade e da grandeza em seus escritos. O escritor faz da metodologia de dependentes presentes em obras como *Helena* um dos princípios de suas composições literárias e, através das *Memórias*

---

<sup>161</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 108-109.



*Póstumas*, e dos contos presentes em *Papéis Avulsos* (1882), traz personagens que parecem expressar apenas o que é esperado por parte dos leitores que compunham a classe senhorial, representando de forma crítica toda uma classe cuja hegemonia se estendeu por muito tempo. Assim, conseguiu retratar o contexto nacional trazendo as verdades que compunham uma sociedade que ainda engatinhava rumo ao progresso.

## CAPÍTULO III

### A ASCENSÃO SOCIAL NOS CONTOS MACHADIANOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

#### 3.1 A “Teoria do medalhão” e “O espelho”: aliando a individualidade aos preceitos sociais

Ao voltarmos o olhar para a coletânea *Papéis Avulsos* (1882), desde a advertência Machado de Assis já nos apresenta que os contos presentes na obra não estão juntos ao acaso e que as palavras se seguem com o intuito de indagar ao leitor, uma vez que o livro está nas mãos do mesmo. Com isso, o autor evidencia que cada um é livre para fazer as suas interpretações acerca da obra e, mesmo podendo não agradar a todos, a “absolvição” virá. Para Machado, esses *Papéis Avulsos* não são meros escritos cujo adjetivo avulso possa ser atribuído em seu sentido literal:

Este título de *Papéis Avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de não os perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesa [...] direi somente, que há aqui páginas que parecem meros contos, e outras que o não são, defendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse, e das primeiras defendo-me com São João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalíptica, acrescentava (XVII, 9): “E aqui há sentido, que tem sabedoria” [...] Deste modo, venha donde vier o reproche, espero que daí mesmo virá a absolvição<sup>162</sup>.

O conto a “Teoria do medalhão” aparece como uma das publicações machadianas da *Gazeta de Notícias*, que foi veículo de publicação da maior parte de seus contos. Como o próprio escritor nos traz, logo na advertência do livro, não há uma receita pronta de contos nos escritos presentes em *Papéis Avulsos* (1882), sendo a “Teoria do medalhão” apresentada logo em seu subtítulo como um “diálogo”.

---

<sup>162</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 15.

Quando se pensa no título e retomamos o termo “teoria”, juntamente com o subtítulo “diálogo”, infere-se que possa se tratar de uma conversa de teor filosófico, através de um diálogo reflexivo que ocorrerá no decorrer da narrativa entre pai e filho e que tratará de questões importantes como estudo e conhecimento, bem como da formação do filho enquanto um cidadão consciente. Porém, o diálogo se transformará durante o transcorrer da narrativa em um monólogo, que perdura durante todo o restante do texto, praticamente, cujo assunto será o ofício de tornar-se um “medalhão”, alguém importante perante a sociedade. Logo, podemos perceber a ironia machadiana a respeito dos diálogos filosóficos que, muitas vezes, aparecem com questões inadequadas, como as formas apresentadas ao filho pelo pai sobre a grande importância de seguir determinadas regras para tornar-se um medalhão.

À primeira vista, o conto se inicia através de uma conversa inocente entre pai e filho, e o suposto diálogo familiar acontece em uma noite, às onze horas, após o jantar em comemoração ao aniversário de vinte e um anos do filho. Quando pensamos em como a conversa se inicia, encontramos a saída dos convidados da casa que aparece como espaço central e denota um ambiente restrito e familiar: “— Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que, meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros...”<sup>163</sup>.

Entretanto, quando o pai pede ao filho para abrir a janela, o contato com o mundo exterior se faz presente, trazendo a possibilidade de analisarmos o contraste entre os anseios pessoais do indivíduo e as características e exigências do mundo exterior.

Logo, é possível percebermos um tom irônico na narrativa desde as primeiras palavras proferidas pelo pai que, em tom de seriedade, chama o filho para uma conversa comparando a vida do mesmo (a quem chama de “Janjão<sup>164</sup>”) às grandes figuras como Pitt e Napoleão. Propondo uma conversa sem denguiques, como se espera de um sujeito que acaba de atingir a maioridade, e como dois amigos, o pai inicia o assunto:

<sup>163</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 74.

<sup>164</sup> Termo atribuído a um sujeito atrapalhado e lento no que diz respeito ao entendimento das coisas de uma maneira geral, fácil de ser ludibriado.

[...] vou dizerte cousas importantes. Senta-te e conversemos. Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos. Mas, qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum<sup>165</sup>.

O pai faz com que sua fala prevaleça e o filho assume a condição de atento ouvinte, sendo aconselhado a se tornar um Medalhão e a assumir a condição de um homem importante, adquirindo prestígio perante a sociedade. Vê-se diante das imposições de um pai que visa a busca da ascensão social como a única forma de realização do indivíduo para si próprio e aos olhos dos demais. Logo, Janjão o questiona a respeito do ofício e prontamente, criando um contexto de grande importância e segredo, a fim de demonstrar o quão importante mostra-se o assunto, o pai passa a lhe dar instruções como uma espécie de manual. Assim, percebemos todo o suspense e a seriedade do pai como uma forma de prender a atenção de seu filho, comportamento o qual veremos, posteriormente, estar ligado diretamente a uma das práticas necessárias para tornar-se um grande medalhão.

De acordo com o personagem pai, existem várias carreiras diante do filho, como “no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes<sup>166</sup>” e, também, possui apólices que lhe trazem garantias de vida. Logo, já se pode inferir em relação a algumas predileções do pai por certas profissões através da ordem em que ele enumera as possibilidades de carreira para o filho, colocando em primeiro lugar o “parlamento” e, mostrando também, o poder que pode exercer, estando diante dele inúmeras possibilidades, sendo algumas mais próximas do prestígio social.

Antes de explicar detalhadamente quais as posturas deveriam ser adotadas pelo filho, o pai trata de enfatizar a importância da maioridade, associando-a ao destino dos homens e colocando-a como “apenas a primeira sílaba do nosso destino<sup>167</sup>”, demonstrando que a partir de então, o indivíduo mostra-se capaz de

---

<sup>165</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 74-75.

<sup>166</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>167</sup> *Ibidem*, p. 74.

conduzir a sua própria vida e passa a ser responsável pelas consequências futuras. Assim, percebe-se que, embora o pai desde o início da narrativa demonstre tratar do assunto com grande seriedade, ao apontar a maioridade como somente a sílaba inicial do destino de cada homem acaba por retirar o peso que há na emergência de se escolher uma carreira, mostrando-se despreocupado, como se já soubesse os mecanismos necessários para que seu filho obtenha sucesso e destaque perante a sociedade.

Ao destacar as figuras de Napoleão Bonaparte e Willian Pitt como exemplos de indivíduos que precocemente atingiram a notoriedade, sendo o primeiro, imperador francês com apenas trinta anos através de um golpe de estado conhecido como 18 Brumário, e o segundo, enquanto o primeiro a atingir o cargo de ministro inglês, com somente vinte e quatro anos, podemos perceber os exemplos destacados pelo personagem como uma forma de chamar a atenção de seu filho para homens que tiveram a habilidade de atingir a ascensão ainda jovens, reforçando, também, a ideia da maioridade como o início da busca pelo sucesso e destaque perante a sociedade. O personagem pai utiliza-se de figuras ilustres que atingiram a notoriedade precocemente como um exemplo que deve ser seguido pelo filho, caminho no qual o personagem pai, não só espera, mas impõe que o filho comece a trilhar, buscando adentrar mundos como o da política e obtendo posteriormente uma posição de destaque, como homens em outros países que atingiram e tornaram-se modelos a serem admirados e reproduzidos. É possível notarmos, assim, a ironia machadiana ao trazer um personagem que nos apresenta figuras ilustres pertencentes ao contexto europeu, visto, muitas vezes, como um cenário de ideias com grande destaque e que influenciavam diretamente o contexto brasileiro, que por vezes, acabava por ignorar suas características históricas e seu próprio caminho artístico.

Entretanto, o personagem pai, ainda que apresente figuras europeias e carreiras como a política a serem seguidas, deixa claro que a escolha de uma determinada profissão, questão tão importante em uma sociedade burguesa com a chegada da maioridade, não se mostra tão relevante. Para ele, a importância se encontra exclusivamente em atingir a notoriedade, distanciando-se da insignificância dos demais. Para atingir tal objetivo, temos os exemplos de Napoleão e Pitt, porém, a carreira escolhida não necessariamente precisa ser a mesma, desde que traga o prestígio social esperado. O pai deixa claro suas

imposições que aparecem disfarçadas como “desejos” “[...] qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum”<sup>168</sup>.

Para explicar ao filho o funcionamento da vida em sociedade a partir da maioridade o pai apresenta suas concepções a fim de deixar claro ao filho, ainda um mero Janjão, porque é importante tornar-se um sujeito de destaque. Começa por apresentar a vida como uma espécie de loteria, em que sorte e azar andam lado a lado:

A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecisar, mas aceitar as cousas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante<sup>169</sup>.

Assim, percebemos que o pai o aconselha a aceitar o que a vida lhe trouxer, uma vez que a mesma, tratando-se de uma loteria, pode nos reservar surpresas boas ou ruins. Entretanto, o pai apresenta possibilidades de se distanciar das infelicidades que o acaso possa lhe colocar pelo caminho, aproximando-o somente dos poucos prêmios apresentados como parte da curiosa e grande loteria que é a vida apresentada pelo pai.

Ao mesmo tempo em que aponta para a vida enquanto uma loteria, o pai chama a atenção de seu filho para um conselho que se mostrará de grande utilidade na busca por tornar-se um medalhão, associando a velhice futura com as boas práticas sociais que se encontram presentes em sociedade, onde a ambição aparece como uma das regras que regem as relações interpessoais. Assim, traz como principal desejo para seu filho, no dia em que completa a maioridade, que ele garanta o ofício de medalhão, independente dos anseios pessoais do mesmo, cuja voz aparece silenciada durante um diálogo que se transforma num grande monólogo.

Temos o ofício apresentado pelo pai como a única prática social viável para que o filho possa fugir das possíveis frustrações e fracassos que a vida possa lhe reservar e para que consiga atingir o prestígio social que satisfaça a sua

---

<sup>168</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 74.

<sup>169</sup> *Ibidem*, p. 74-75.

ambição. Percebemos, assim, todo um universo que o pai começa a apresentar ao filho, em um momento de transição representada pelo marco de chegar à maioridade, que traz consigo o conhecimento a respeito das “relações sociais”, momento que o personagem pai enfatiza como de grande necessidade e valor. De acordo com o pai: “[...] assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelhar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade”<sup>170</sup>.

Podemos perceber que Machado de Assis apresenta, como veremos também no conto “O Espelho”, a impossibilidade de o indivíduo distanciar-se das características sociais impostas, a dificuldade em fugir das amarras sociais que movem as relações que se mostram limitadas ao âmbito das aparências, da notoriedade. Cury chama a atenção para a vida no conto machadiano, enquanto um jogo no qual saber as regras mostra-se imprescindível, evidenciando uma sociedade contraditória que buscava por ideais liberais e, ao mesmo tempo, baseava-se na escravidão. Segundo a crítica:

Do fatalismo da estratificação social só se escapa pela sorte, ou melhor, pela consciência de que se está num jogo de cartas marcadas e do qual se devem extrair as regras. Viscosidade e fatalismo caracterizam a subida na sociedade alicerçando-se na especificidade do liberalismo brasileiro, teoria que tinha, simultânea e contraditoriamente, de conviver e dar base a uma sociedade colonial e escravista<sup>171</sup>.

Temos a presença do personagem pai, que embora não tenha conseguido tornar-se um medalhão durante a sua mocidade, mostra-se conhecedor dos mecanismos necessários para tal façanha e acaba por projetar no filho a responsabilidade de atingir tal objetivo, tão necessário para se distanciar da loteria repleta de sorte e azar chamada vida. De acordo com o pai, a falta de um patriarca para instruí-lo em sua juventude aparece como peça fundamental para que não tenha conseguido atingir seus anseios, que agora podem ser conquistados através da figura de seu filho, uma vez que o mesmo terá as instruções necessárias. A frustração com o fracasso em sua mocidade é exposta pelo pai ao afirmar que “ser

<sup>170</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 75.

<sup>171</sup> CURY, Maria Zilda Ferreira. Medalhão à brasileira. In: *Boletim/CESP*. v. 12, n. 14. jul/dez. 1992. p. 28.

medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti”<sup>172</sup>.

Ao iniciar as instruções, começa chamando a atenção do filho para que ele não se deslumbre com o fervor da mocidade, que pode atrapalhá-lo na concretização de seu ofício, o qual lhe trará a realização necessária quando chegar aos seus quarenta e cinco anos. Assim, o pai deixa clara a necessidade de se dosar a forma com que se usufrui dos prazeres que a juventude pode proporcionar e pede a atenção de seu filho, que atentamente escuta as suas palavras “ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modere-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regímen do aprumo e do compasso”<sup>173</sup>. Em seguida, de forma irônica, explica o comedimento necessário para um medalhão:

O sábio que disse: “a gravidade é um mistério do corpo”, definiu a compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanção do espírito; essa é do corpo, tão-somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida<sup>174</sup>.

Logo, ao pensarmos na forma com que a frase “a gravidade é um mistério do corpo” é utilizada e retomarmos a reflexão em seu sentido original trazida pelo pensador La Rochefoucauld<sup>175</sup>, “A gravidade é um mistério do corpo inventado para esconder as faltas do espírito”<sup>176</sup>, percebemos que o personagem pai utiliza a parte inicial da sentença, excluindo a ligação misteriosa entre corpo e espírito, uma vez que, para ele o importante é focar na questão corporal que está vinculada à postura de um verdadeiro medalhão, excluindo o lado espiritual. Assim, observamos que a gravidade necessária para atingir o objetivo almejado encontra-se ligada a uma postura por parte do indivíduo, que deve estar relacionada ao mundo exterior, acompanhando as exigências sociais, em detrimento da outra gravidade, que embora esteja ligada ao corpo, provém do espírito e dos anseios

<sup>172</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 75.

<sup>173</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>174</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>175</sup> Moralista francês do século XVII.

<sup>176</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 195.



individuais do homem. Para o personagem pai, um medalhão deve estar ciente de que “a gravidade é um mistério do corpo” <sup>177</sup>, algo que acompanha somente a exterioridade.

O pai chama a atenção, também, para a idade de quarenta e cinco anos como um limite para tornar-se um medalhão por completo, mas deixa claro que podem existir indivíduos que conquistem tal façanha de forma precoce e outros mais tardiamente. Logo, quando o personagem se utiliza da palavra “fenômeno” para designar o processo de constituição do medalhão, trazendo também, distâncias temporais em que o mesmo pode ocorrer, percebemos uma tentativa de trazer certa credibilidade para seu discurso, que aparece como uma teoria que precisa ser enxergada pelo filho como algo válido e passível de ser concluída. De acordo com o personagem pai:

Quanto à idade de quarenta e cinco anos... — É verdade, por que quarenta e cinco anos? — Não é, como podes supor, um limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenômeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco anos, conquanto alguns exemplos se dêem entre os cinquenta e cinco e os sessenta; mas estes são raros. Há-os também de quarenta anos, e outros mais precoces, de trinta e cinco e de trinta; não são, todavia vulgares. Não falo dos de vinte e cinco anos: esse madrugalar é privilégio do gênio<sup>178</sup>.

Após falar a respeito da gravidade necessária para tornar-se um medalhão e sobre as idades em que o fenômeno ocorre, o pai começa a adentrar o âmbito das ideias em suas instruções. De acordo com ele, trata-se de um dos mecanismos mais importantes a serem compreendidos, uma vez que, sendo executado de maneira equivocada, pode interferir negativamente no percurso de constituição do medalhão. Observamos que o termo “ideia” que denota, na maioria das vezes, um sentido positivo, é apresentado pelo personagem pai como algo negativo e perigoso quando se pensa na postura de um medalhão. Atentamos para o principal:

Uma vez entrado na carreira, deves pôr todo o cuidado nas idéias que houeres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; cousa que entenderás

<sup>177</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 75.

<sup>178</sup> *Ibidem*, p. 75.

bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, pode por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da platéia: mas era muito melhor dispor dos dous. O mesmo se dá com as idéias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida<sup>179</sup>.

Assim, percebemos que as ideias aparecem ligadas à interioridade do indivíduo, estando, pois, relacionadas à gravidade “espiritual”, que é colocada anteriormente pelo pai como algo a ser descartado. Sendo assim, as ideias não aparecem relacionadas ao que na visão do pai mostra-se relevante: ao mundo exterior. Desta forma, temos, de forma irônica, a total exclusão de uma das características que encontramos em nosso dia a dia como algo positivo no comportamento em sociedade e passível de ser compartilhado: “o uso das ideias”, já que, segundo o personagem pai, “o melhor será não as ter absolutamente”<sup>180</sup>.

Através do exemplo do ator que não possui um de seus braços, o personagem pai estabelece uma comparação com a questão das ideias. Enquanto o ator apresenta a necessidade de esconder a sua deficiência (que pode vir o atrapalhar), “ele pode, pode por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da platéia, mas era muito melhor dispor dos dous”<sup>181</sup>. Por outro lado, um verdadeiro medalhão tem a necessidade de ocultar as suas “ideias”. Temos assim, a total falta de ideias ou, pelo menos, “o cuidado nas idéias que houverses de nutrir para uso alheio e próprio”<sup>182</sup> como uma das principais qualidades de um medalhão. Desta forma, podemos perceber uma sociedade onde encontramos uma inversão de concepções, em que uma deficiência como a falta de um braço aparece vista como um grande defeito a ser escondido, ao passo em que a ausência de ideias por parte de um sujeito mostra-se uma qualidade de caráter extremamente positivo. Assim, a narrativa machadiana nos traz as características de um contexto social no qual os personagens se encontram imersos em uma grande inversão de valores.

De forma irônica, durante toda a narrativa Machado de Assis nos traz um personagem que nos apresenta um mundo contraditório e de ideias distorcidas. Ao começar a falar das características de seu filho, é possível percebermos como os

<sup>179</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 76.

<sup>180</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>181</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>182</sup> Ibidem, p. 75.

comportamentos de cunho negativo são valorizados e vistos de forma positiva por um pai que, mesmo diante da tentativa de argumentação de seu filho que tenta se manifestar “— mas quem lhe diz que eu...”<sup>183</sup>, o silencia e faz com que apenas a sua voz de patriarca prevaleça. Voltemos a atenção para a fala do pai:

— Tu, meu filho, se não me engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de idéias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não, refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí uma esperança<sup>184</sup>.

Quando voltamos os olhos para a descrição acima, temos a total valorização de características negativas que são vistas pela figura do pai como positivas. Notamos, por exemplo, que o filho já possui algumas das predileções necessárias para tornar-se um verdadeiro medalhão, como a ausência de ideias, uma vez que o mesmo se mostra um indivíduo desprovido de opinião própria e que apenas reproduz o que ouve, em total ausência de senso crítico. Temos, também, o elogio do pai em relação à forma com que o filho se preocupa com coisas superficiais e sem relevância, como “[...] simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas”<sup>185</sup>. Assim, toda a “perfeita inópia mental”<sup>186</sup> de que o filho é dotado aparece ironicamente como peça fundamental na sua constituição enquanto um medalhão, evidenciando que mesmo se tratando de um sujeito com comportamento e moral duvidosos, bem como, de capacidade intelectual limitada, possui todo o necessário para atingir a notoriedade.

O personagem pai destaca também o perigo que as ideias representam, não só por serem negativas ao medalhão, mas por emergirem sem que se possa contê-las com o passar do tempo, o que torna de grande importância, estar sempre atento para que consiga se tornar um medalhão completo e não incompleto. Uma vez que não se pode conter a aparição das ideias, é preciso estar sempre atento. De acordo

<sup>183</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 75.

<sup>184</sup> *Ibidem*, p. 75.

<sup>185</sup> *Ibidem*, p. 75.

<sup>186</sup> *Ibidem*, p. 75.

com o personagem, “[a]s idéias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza do que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto”<sup>187</sup>.

Diante de tamanha ênfase do pai em relação ao âmbito das ideias, o filho logo trata de apontá-las como difíceis de contê-las. Entretanto, o personagem pai insiste no que denomina de “regime debilitante”, que aparece como essencial na trajetória do filho e contribuirá diretamente para convencer o que o escritor nos traz como “vulgo”, que aparece como a representação de toda uma sociedade burguesa, que assim como o personagem pai, preza pela depreciação das ideias, valorizando a superficialidade como algo indispensável para um medalhão completo. A utilização das ideias aparece como a principal forma de se distinguir um medalhão completo de outro incompleto, pois, se indivíduo deixa transparecer aos demais seus pensamentos reflexivos e provenientes do espírito, é visto como incompleto pela plateia. Em caso contrário, se com tamanho esforço consegue conter suas ideias e apresenta uma postura voltada para as questões de cunho superficial, passa a ser considerado um medalhão completo. De acordo com o pai, há uma espécie de “regime debilitante”, que apresenta como função a garantia de conter as prejudiciais ideias:

[...] há um meio; é lançar mão de um régimen debilitante, ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc. O voltarete, o dominó e o *whist* são remédios aprovados. *Whist* tem até a rara vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circunspecção. Não digo o mesmo da natação, da equitação e da ginástica, embora elas façam repousar o cérebro; mas por isso mesmo que o fazem repousar, restituem-lhe as forças e a atividade perdidas. O bilhar é excelente<sup>188</sup>.

Encontramos como parte de tal regime debilitante a necessidade da busca por leituras voltadas para a retórica e grande atenção para determinados discursos, bem como, a prática de jogos como voltarete, dominó e *whist*, que aparecem como “remédios aprovados”, o que coloca a fala do pai como uma espécie de receita médica, que contribui diretamente para a saúde do verdadeiro medalhão. Outras atividades como a natação e a equitação já aparecem como inviáveis ao sujeito,

<sup>187</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 76.

<sup>188</sup> *Ibidem*, p. 76-77.

pois embora propiciem um descanso mental, também aparecem como formas de renovar as energias, que conseqüentemente ativam a possibilidade do surgimento das temidas ideias. Ao colocar o bilhar como uma espécie de exercício excelente, o filho o questiona “como assim, se também é um exercício corporal?”<sup>189</sup>, uma vez que o pai deprecia outras atividades também corporais e que estimulam o cérebro. Logo, o pai apresenta sua teoria a respeito: “- Não digo que não, mas há cousas em que a observação desmente a teoria. Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco”<sup>190</sup>.

Através da fala do pai, percebemos que, embora o bilhar possa ser incluído no grupo de outras atividades corporais que estimulam o raciocínio, aparece como uma espécie de exceção à regra sobre a negatividade colocada nestes exercícios. Por meio da colocação do personagem machadiano, encontramos a possibilidade da “observação” como um ponto positivo, já que a mesma, em alguns casos, pode desmentir a teoria.

Sendo assim, o verdadeiro medalhão tem a possibilidade de exercitar a observação, tão necessária para tornar-se completo, através do bilhar, o qual o pai busca legitimar como um jogo favorável ao utilizar-se de termos que transmitam seriedade e voltados para o âmbito de pesquisas como “estatísticas”, que segundo ele, comprovam que boa parte da sociedade possui a mesma opinião a respeito. Logo, encontramos a necessidade apresentada pelo pai de que seu filho, por meio do exercício da observação, atue enquanto um indivíduo que não desenvolve suas ideias e apenas reproduz o que for conveniente de acordo com as exigências e mudanças presente no contexto em que se encontra inserido.

Ao dar continuidade em sua cartilha de instruções, o pai apresenta o ato de caminhar pelas ruas como outro remédio de grande utilidade para o medalhão. Porém, o passeio nunca deve ser feito sozinho, uma vez que a solidão anda de mãos dadas com a “produção de ideias”, estimulando os pensamentos do indivíduo. Desta forma, a solidão aparece como uma forma de acordar o “espírito”, o que se apresenta como algo negativo no processo de formação e consolidação do medalhão considerado completo. De acordo com o pai, “[o] passeio nas ruas, mormente nas de recreio e parada, é utilíssimo, com a condição

---

<sup>189</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 77.

<sup>190</sup> *Ibidem*, p. 77.

de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de idéias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade”<sup>191</sup>.

Vemos assim, que no mundo criado pela figura do pai, práticas comportamentais de cunho positivo e relacionadas ao espírito são colocadas como de extrema negatividade e todos os comportamentos ligados à reflexão, produção de ideias e anseios individuais do sujeito são vistos como formas de impossibilitar que o indivíduo exerça o tão almejado ofício de medalhão.

Quando o filho o questiona “— Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?”<sup>192</sup>, logo o pai apresenta algumas alternativas para conter os efeitos da solidão. Primeiramente, aconselha o filho a procurar locais por onde as pessoas costumam vagar, indivíduos sem ocupação, alienados, sem interesses voltados para reflexões e produções de ideias. Segundo o personagem, o filho possui “o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios, em que toda a poeira da solidão se dissipa”<sup>193</sup>. Assim, através do convívio com sujeitos apáticos, torna-se mais difícil a manifestação do espírito, o que contribui diretamente para o processo de formação do medalhão.

A segunda forma indicada para se distanciar da solidão está veiculada ao uso das livrarias. De forma irônica, tal prática é colocada como merecedora de cuidado e atenção, levando em conta que o ato de frequentar livrarias não aparece como algo benéfico, uma vez que se trata de um ambiente tomado pela possibilidade de se adquirir conhecimento e informações através dos livros, contribuindo, portanto, para a ativação do espírito e a produção de ideias. Entretanto, é necessário, certas vezes, aparecer nas livrarias, desde que chame a atenção para si, atraindo os olhares dos demais presentes para o futuro medalhão. Assim, identificamos a importância do ato de saber portar-se de determinada maneira em certos ambientes e encontramos algumas atitudes colocadas pelo pai como facilitadoras desse processo. Segundo ele:

Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer cousa, quando não preferas interrogar diretamente os leitores habituais das belas

<sup>191</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 77.

<sup>192</sup> *Ibidem*, p. 77.

<sup>193</sup> *Ibidem*, p. 77.

crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável<sup>194</sup>.

Encontramos assim, o ato de aparecer em livrarias como uma forma conveniente de mostrar-se para a sociedade, estando sempre alerta e dizendo somente coisas que agradem aos ouvidos de todos e que chamem a atenção dos mesmos. Outra alternativa está ligada a dialogar com os leitores de Mazade<sup>195</sup>, escritor de uma revista de grande influência na época. Ao caracterizar tal público leitor como “estimáveis cavalheiros”, que “repetir-te-ão as mesmas opiniões”<sup>196</sup>, Machado de Assis nos apresenta uma parcela da população brasileira envolvida na total falta de senso crítico, contribuindo para o que o personagem nos traz como uma “monotonia agradável” e propícia ao candidato a medalhão.

De forma irônica, o personagem pai projeta um certo tempo estimado para a “redução do intelecto”, de forma que continua a caracterização de seu universo composto por ideias distorcidas. Para ele, desde que o filho siga as recomendações presentes na cartilha “durante oito, dez, dezoito meses — suponhamos dous anos, — reduces o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum”<sup>197</sup>. Assim, as práticas voltadas para a anulação do intelecto do sujeito são de extrema necessidade para a formação do medalhão completo.

Outra recomendação trata do vocabulário a ser usado pelo filho, que, como o próprio personagem pai nos apresenta, está “subentendido no uso das idéias”<sup>198</sup>, ou seja, deve ser utilizada uma linguagem simples, nada rebuscada, “[...] sem notas vermelhas, sem cores de clarim...”<sup>199</sup>. Assim como as ideias, não se deve deixar transparecer para a sociedade que se trata de um sujeito provido de reflexões e que estimula os outros a exercitarem o espírito, mas sim, evidenciar suas características de homem tomado pela apatia. Logo, o filho mostra-se verdadeiramente um Janjão, como o próprio pai o denomina no início da narrativa, e mostra a sua disposição em seguir o caminho determinado pelo patriarca. Mostra-se um tanto insatisfeito, porém, em não poder utilizar do estilo

<sup>194</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 77.

<sup>195</sup> Historiador e jornalista francês. Escritor da revista: *Revue de Deux Mondes* de grande destaque e influência na época.

<sup>196</sup> ASSIS, Op. Cit., p. 77.

<sup>197</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 77.

<sup>198</sup> *Ibidem*, p. 77.

<sup>199</sup> *Ibidem*, p. 77.

rebuscado “— Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando...”<sup>200</sup>. Todavia, o personagem pai o autoriza a “adornar o estilo”, prática que segundo ele pode ser feita de algumas formas, como a atualização de palavras presentes na tradição clássica: “— Podes; podes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Icaro, e outras, que românticos, clássicos e idealistas empregam sem desar, quando precisam delas”<sup>201</sup>.

O pai menciona, também, a possibilidade de se utilizar frases de língua latina, ditos históricos, vocabulários jurídicos, sendo “de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento”<sup>202</sup>, ou seja, fazer uso de expressões conhecidas pelo público, de modo a facilitar a comunicação e prender a atenção dos demais. Temos a presença de alguns exemplos de expressões latinas indicadas para uso pelo pai como “*Ceveant cónsules*”<sup>203</sup> e “*Si vis pacem para bellum*”<sup>204</sup>. Todavia, o uso das “frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública torna-se o melhor mecanismo. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil”<sup>205</sup>. Através de tais recomendações, podemos visualizar toda uma estrutura social baseada na manutenção da suposta ordem vigente, onde a repetição de questões já legitimadas mostra-se decisiva na produção de indivíduos submissos e nada questionadores.

Algumas questões devem ser olhadas com cuidado pelo filho, como a renovação de expressões já legitimadas, prática que, segundo o pai, não é aconselhável, pois “seria desnaturar-lhe as graças vetustas”<sup>206</sup>, ou seja, a renovação aparece como algo negativo e acaba por desqualificar o valor que determinada máxima teve consolidado em sociedade com o passar do tempo. Em seguida, o pai fala a respeito da importância de um sistema voltado para o que ele denomina arte de “pensar o pensado”, e apresenta uma hipótese, na qual:

---

<sup>200</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 77.

<sup>201</sup> Ibidem, p. 77-78.

<sup>202</sup> Ibidem, p. 78.

<sup>203</sup> “*Ceveant cónsules*”, pode ser traduzido por nós como “Acautelem-se os cónsules”.

<sup>204</sup> “*Si vis pacem para bellum*” pode ser traduzido por nós como “Se queres a paz, prepara para a guerra”.

<sup>205</sup> ASSIS, Op. Cit., p. 78.

<sup>206</sup> Ibidem, p. 78.



Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeitos, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análises das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes<sup>207</sup>!

Quando pensamos na hipótese colocada pelo personagem e retomamos a colocação “Antes das leis, reformemos os costumes<sup>208</sup>”, percebemos todo um jogo no qual é extremamente necessário evitar atitudes que possam gerar a reflexão e o questionamento alheio. Através da repetição de pensamentos já consolidados, por meio da “arte de pensar o pensado”, encontra-se o remédio necessário para conter qualquer desenvolvimento do espírito e surgimento de ideias.

Ao ser questionado pelo filho a respeito de sua aversão aos processos modernos enquanto possíveis soluções para os problemas de ordem social, o pai entra no âmbito das terminologias científicas, deixando claro que sua valorização está voltada apenas para as denominações científicas em detrimento de sua aplicação efetiva. Ou seja, apenas o aparente conhecimento dos termos faz-se necessário para um medalhão, já que o mesmo necessita “tomar as armas de seu tempo<sup>209</sup>” e as ciências aparecem como “obra do movimento humano<sup>210</sup>”, que deve ser constantemente observado pelo medalhão. Sobre o verdadeiro aprendizado e domínio das ciências, percebemos através da argumentação do pai a total desvalorização do aprendizado do conteúdo científico, bem como um aconselhamento voltado para um estudo totalmente superficial. Podemos destacar, também, a condenação de qualquer questionamento em relação às teorias apresentadas pelos estudiosos, uma vez que o medalhão não necessita exercitar a sua mente e aguçar a curiosidade dos outros se mostra prejudicial. Para o pai:

De outiva, com o tempo, irás sabendo a que leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia; porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais das ciências, nos

---

<sup>207</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 78.

<sup>208</sup> *Ibidem*, p. 78.

<sup>209</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>210</sup> *Ibidem*, p. 79.

seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular idéias novas, e é radicalmente falso<sup>211</sup>.

Após falar a respeito das questões científicas, o pai concentra seu discurso no campo da publicidade, que aparece como um grande benefício, ao ser usado com o intuito de colocar em evidência a si mesmo. Como coloca Cury, o medalhão machadiano pode aparecer como uma espécie de moeda. Vejamos o que a escritora fala a respeito da significação do termo medalhão e da forma com que o medalhão machadiano aparece na sociedade utilizando-se de mecanismos como a publicidade. De acordo com a teórica:

Figurativamente, a palavra comporta a associação do valor econômico de moeda, referente ao metal, ao valor simbólico de mérito, de vencedor mas, depreciativamente ligado a exterioridade. Também o personagem de Machado almeja circular pela tessitura social, como uma moeda<sup>212</sup>.

Dessa forma, percebemos como o medalhão machadiano circula como uma espécie de moeda na qual a publicidade, a exposição e o aparecimento para a exterioridade mostram-se decisivas em sua constituição, para que possa chamar a atenção da sociedade. Segundo o personagem pai:

Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contando que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais<sup>213</sup>.

O patriarca chama a atenção, também, para a importância de o futuro medalhão preocupar-se com o tratamento para com as pessoas, utilizando-se sempre de gentilezas, lembrando-se de que um homem bem visto pela família, amigos e publicamente tende a conquistar o *status* de um cidadão “amado ou

<sup>211</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 79.

<sup>212</sup> CURY, Maria Zilda Ferreira. Medalhão à brasileira. In: *Boletim/CESP*. v. 12, n. 14. jul/dez. 1992. p. 29-30.

<sup>213</sup> ASSIS, OP. Cit., p. 79-80.

benemérito”<sup>214</sup>. O nome encontra-se sempre ligado à pessoa, sendo assim, é importante se preocupar com as aparências que colaboram decisivamente para atingir a ascensão social que só o medalhão é capaz de alcançar.

Ao terminar suas instruções a respeito da importância do uso da publicidade, o pai se depara com a afirmação do filho que chama a atenção para a dificuldade presente no que lhe é ensinado “— Digo-lhe que o que vosmecê me ensina não é nada fácil”<sup>215</sup>. Em seguida, o personagem machadiano se dirige ao filho concordando com a dificuldade presente no ofício e utiliza de uma menção à Bíblia que trata da entrada na terra prometida. Segundo o pai sobre o percurso para tornar-se um medalhão completo:

[...] É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas<sup>216</sup>.

Através da fala do pai, percebe-se toda a ironia machadiana ao utilizar-se de um grande episódio bíblico como comparação ao sujeito que consegue se tornar um medalhão por completo. Enquanto a entrada na terra prometida aparece como um grande e complexo acontecimento, onde Jericó aparece como o território destinado à comunidade dos judeus por Deus, bem como, se constitui como um local protegido por muralhas que impediam a entrada dos israelitas. Guiados por Deus, os israelitas participam de um ritual cuja duração foi de sete dias e conseguem a queda das duras muralhas, adentrando, em seguida, a terra prometida. Por outro lado, encontramos tal acontecimento comparado ao caminho percorrido pelo indivíduo que consegue se tornar um medalhão. Ao contrário do episódio bíblico, o medalhão não passa por uma trajetória gloriosa, mesmo trazendo a noção de dedicação e esforço presente no empenho do povo israelita, o medalhão faz uso de comportamentos distorcidos, negativos, na busca desenfreada por afastar-se da obscuridade comum. É possível percebermos também a tentativa do personagem pai de estabelecer uma comparação da figura de Deus com a sua, uma vez que se coloca diante do filho enquanto um líder que

<sup>214</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 80.

<sup>215</sup> *Ibidem*, p. 82.

<sup>216</sup> *Ibidem*, p. 82.

possui todas as instruções de que Janjão precisa, assim como Deus aparece para os israelitas.

Por fim, o personagem pai entra em suas últimas recomendações trazendo a política como assunto e colocando-a como uma função “sobressalente”, ou seja, como algo que pode suprir as faltas da vida. Deixa claro que o segredo encontra-se no fato de não quebrar as regras, e começa falando a respeito da questão partidária, onde, segundo ele, o filho pode “pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhum a idéia especial a esses vocábulos [...]”<sup>217</sup>. Em seguida, fala a respeito do parlamento evidenciando ao seu filho que não só pode, como deve ocupar as tribunas, mas lembrando-se de tratar somente de assuntos que não causem danos morais ou qualquer tipo de conflito com o público. Assim, percebemos como se mostra decisiva a necessidade de se aliar e, até mesmo, anular a individualidade do sujeito em relação às exigências sociais. Vejamos a fala do personagem pai sobre a ocupação das tribunas e o uso da metafísica nos discursos:

[...] é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: — ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; — é mais fácil e mais atraente<sup>218</sup>.

Questões relacionadas ao pensamento, como à filosofia, não são bem aceitas pelo pai, pois ativam o espírito e, conseqüentemente, fazem com que as ideias floresçam. Dessa maneira, ele orienta o filho a permanecer na fuga de tudo o que possa vir a gerar reflexões. Entendamos a visão do pai acerca da filosofia, que mesmo podendo ser utilizada, não pode possibilitar o aparecimento de conclusões que não sejam as já existentes e descobertas por outros indivíduos:

— Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. “Filosofia da história”, por exemplo, é uma locução que debes empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc<sup>219</sup>.

<sup>217</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 82.

<sup>218</sup> *Ibidem*, p. 82.

<sup>219</sup> *Ibidem*, p. 83.

Como última recomendação, o pai se detém na questão do riso ao ser questionado pelo filho sobre se comportar seriamente ou de forma descontraída. O pai aponta que não existem extremos e que o filho não necessita suprimir o riso, mas é preciso manter um equilíbrio com a seriedade. De acordo com o pai:

[...] podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico [...] — Somente não debes empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmito a Swift e Voltaire, feição própria dos cépticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebeitar de riso os suspensórios. Usa a chalaça<sup>220</sup>.

Temos, assim, o uso da ironia como algo negativo ao medalhão, já que contribui também para o desenvolvimento das temidas ideias e acaba por produzir reflexões. Ao evocar nomes como o de Voltaire, enfatiza o malefício dos mesmos, uma vez que são pensadores diretamente ligados ao âmbito da reflexão crítica que abrange, principalmente, todos os comportamentos necessários para a constituição de um medalhão. Dessa forma, só é permitido o riso banal, que não penetra a esfera dos pensamentos, contribuindo para a legitimação das questões já impostas e consolidadas.

Quando o relógio marca meia-noite, o pai parte para o encerramento da conversa. Aconselha o filho a ir repousar e compara a conversa que tiveram ao texto *O Príncipe*<sup>221</sup>, de Nicolau Maquiavel, que também apresenta conselhos voltados para a obtenção de prestígio social, para o tão almejado sucesso. O pai aconselha o filho “Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli. Vamos dormir<sup>222</sup>”. Escrito no século XVI, a obra *O Príncipe* é constituída de conselhos voltados para mecanismos a serem utilizados por um príncipe que busca o domínio de um Estado. Encontramos, assim, através da ironia machadiana, um ofício cujas práticas são totalmente voltadas para a anulação da interioridade do sujeito que almeja unicamente a ascensão social. Como coloca Bosi, “[...] a

<sup>220</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 89.

<sup>221</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Trad. Livio Xavier. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

<sup>222</sup> ASSIS, Op. Cit., p. 84.

“Teoria do medalhão” conhece o valor preciso da propaganda cujo papel é ostentar a forma vencedora, a única que interessa à *persona social*”<sup>223</sup>. Logo, encontramos a comparação com *O Príncipe*, obra na qual a busca pelo poder também aparece como principal objetivo e, ainda que em contextos e práticas distintos, a fuga da obscuridade comum e a necessidade de poder mostram-se decisivas.

Voltemos agora o olhar para a narrativa “O Espelho” como forma de mostrarmos como se dá a representação de uma sociedade burguesa, cuja busca pela ascensão social, de forma que se consiga fugir ao máximo da temida obscuridade comum, também se apresenta como uma de suas principais características, evidenciando a importância de se obter um *status* o qual Bosi aponta como uma forma de se “existir no mundo em estado sólido”<sup>224</sup>. Desta forma, pretendemos mostrar características em comum entre ambos os contos, que evidenciam todo um contexto em que os personagens se encontram inseridos e representam sujeitos que acabam por aliar as suas individualidades aos preceitos sociais.

Inicialmente, encontramos o subtítulo do conto “O espelho”, enquanto um “esboço de uma nova teoria da alma humana”<sup>225</sup> e, ao nos voltarmos para o termo “teoria”, acabamos por retomar o título da narrativa já analisada “Teoria do medalhão”, que também apresenta o mesmo vocábulo em questão. Desta forma, pode-se inferir que, assim como a primeira narrativa, “O espelho” se apresentará como uma espécie de estudo voltado para determinada questão, que no caso nos é colocada como vinculada à alma humana.

Revela-se, logo no início da narrativa, um tom de incerteza e volubilidade das coisas, que faz parte de toda a estrutura do texto. O conto começa com quatro ou cinco cavalheiros que debatem entre si, a princípio em uma conversa inocente, reunidos em uma sala, sob a luz de velas. Quatro discutem metafísica, enquanto um apenas ouve. Inicialmente, há um narrador onisciente que nos apresenta os indivíduos presentes, bem como as características do ambiente físico, no qual a iluminação proveniente das velas deparava-se com a luz vinda do luar que

---

<sup>223</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 93.

<sup>224</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 99.

<sup>225</sup> *Ibidem*, p. 163.

adentrava o local, ou seja, o primeiro encontro entre meio interno e externo da cena. Vejamos como se dá a descrição do narrador:

[...] Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de cousas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árdus problemas do universo<sup>226</sup>.

Quando retomamos a fala do narrador, que aponta para uma suposta indecisão a respeito do número de cavalheiros presentes (“quatro ou cinco cavalheiros debatiam [...]”<sup>227</sup>), encontramos, em seguida, uma explicação para a dúvida já que um dos homens presentes na casa de Santa Teresa se mantinha quieto, ainda sem esboçar qualquer intuito de verdadeira manifestação. Como aponta o narrador: “Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação”<sup>228</sup>.

Após a descrição do comportamento dos sujeitos envolvidos na conversa, o narrador nos traz a informação de que o homem, que até então não parecia vir a se manifestar, possui, assim como os outros presentes, a idade de mais ou menos quarenta e cinco anos - número que encontramos no conto anterior enquanto a idade ideal para a formação de um medalhão por completo. Assim, ao nos recordarmos das instruções do patriarca de a “Teoria do medalhão”, encontramos nesta narrativa possíveis sujeitos presentes em uma fase da vida cujo entendimento a respeito das características sociais e práticas necessárias para que se atinja determinados objetivos já se faz presente em suas consciências. Atentamos agora para as características comportamentais do personagem que ainda se mostrava em silêncio e observação, evitando entrar nas discussões:

<sup>226</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 163.

<sup>227</sup> *Ibidem*, p. 163.

<sup>228</sup> *Ibidem*, p. 163.

Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinco anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão era a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial [...] <sup>229</sup>.

Em seguida, a narrativa passa para a voz do calado e observador Jacobina, “provinciano, capitalista, inteligente [...]” <sup>230</sup>, que se torna um narrador personagem, e, por vezes, sofre a intervenção do narrador observador, que nos traz as descrições das colocações feitas pelos outros cavalheiros e pelo próprio Jacobina, que, por sua vez, passa a contar uma história de sua juventude. Assim, como encontramos uma espécie de teoria no conto anterior como base para um pai que instrui seu filho sobre como tornar-se um verdadeiro medalhão e o convence da importância de tal feito, temos, também, em “O espelho” uma nova teoria na qual o discurso do personagem Jacobina será pautado, com o intuito de explicar aos demais cavalheiros presentes, o funcionamento da alma humana.

Quando o narrador em terceira pessoa nos fala a respeito da dificuldade e das divisões de opiniões relativas ao âmbito da alma, podemos perceber a necessidade de Jacobina em se destacar de forma a mostrar-se superior em relação aos outros cavalheiros, uma vez que se mostrará capaz de possuir as respostas que os outros não possuem e que são necessárias para questões de extrema complexidade, como as que regem a alma humana. De acordo com o narrador observador:

A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade de questões que se deduziram do tronco principal, e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres <sup>231</sup>.

Logo em seguida, ao ser desafiado por um dos homens ali presentes a participar do diálogo, Jacobina decide se manifestar e logo impõe suas condições, de forma que as mesmas acabam por evidenciar um personagem com

---

<sup>229</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 163.

<sup>230</sup> *Ibidem*, p. 163.

<sup>231</sup> *Ibidem*, p. 164.



características parecidas com as do patriarca de a “Teoria do medalhão”. Jacobina, através de exigências como a total observação dos demais presentes e o silêncio na casa, nos possibilita perceber a necessidade do personagem em tomar para si a atenção de todos, comportamento que se mostra de grande valia na construção de um medalhão, como vimos anteriormente. Vejamos a fala inicial do personagem em questão:

— Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele: uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...<sup>232</sup>.

Jacobina passa a contar a sua história e os cavalheiros lá presentes seguem suas imposições, manifestando-se poucas vezes e através de pequenas intervenções, fato que se assemelha com o personagem que representa o filho, ainda mero Janjão, de a “Teoria do Medalhão”, cuja fala aparece silenciada pelas prescrições descritas por seu pai. Desta forma, Jacobina, enquanto um homem já nos seus quarenta e cinco anos, idade considerada suficiente no conto anterior para se conhecer em detalhes o funcionamento da sociedade, começa a contar uma experiência pessoal. Vale ressaltar, antes de entrarmos no âmbito da história contada pelo personagem, que se trata de um indivíduo em uma fase da vida em que já passou pelo processo considerado como o de composição de um verdadeiro medalhão. Assim, se apresenta enquanto um homem que conhece os mecanismos necessários para se destacar perante a sociedade. Nesse sentido, a cena aponta para a importância das aparências enquanto decisivas na constituição do sujeito na sociedade em detrimento de seus anseios individuais.

Inicialmente, Jacobina começa falando a respeito da existência de duas almas, uma interior e outra exterior. A primeira que olha de dentro para fora, e a segunda de fora para dentro, evidenciando uma simbologia de duplicidade das almas. Desta forma, perceberemos como o personagem se encontrará envolvido nesta teoria cuja alma é fundamentalmente dupla e começamos a adentrar todo um cenário social, no qual Bosi coloca o conto “O espelho”, enquanto “[...] matriz de uma certeza machadiana que poderia formular-se assim: só há consistência do

<sup>232</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 164.

desempenho do papel social; aquém da cena pública a alma humana é dúbia e veleitária”<sup>233</sup>. Logo, os cavalheiros questionam de forma pacata a existência não só de uma, mas de duas almas e Jacobina responde:

— Duas?

— Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir<sup>234</sup>.

Em seguida, o personagem Jacobina passa a descrever as características das duas almas “interior e exterior”, sendo que a segunda pode aparecer como um “espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de uma camisa é a alma exterior de uma pessoa [...]”<sup>235</sup> e que sua função principal é transmitir vida, e, ao juntar-se com a primeira alma, acabam por completar o homem. Para ele, a perda da alma exterior pode implicar o fim de toda uma existência e há de se atentar para o fato de que a alma exterior nem sempre é a mesma, podendo sofrer mudanças. Desta forma, percebemos que a primeira alma, a interior, não é ressaltada pelo narrador personagem, embora apareça juntamente com a exterior como uma forma do homem se completar. Encontra-se voltada para a interioridade de cada indivíduo, isto é, seus anseios pessoais, enquanto a segunda, a exterior, é colocada como de grande importância e decisiva na constituição do sujeito, tendo como função principal transmitir a vida necessária ao homem. Logo, encontraremos a alma exterior enquanto o meio em que o homem encontra-se inserido, onde residem as exigências de toda uma sociedade, cujas aparências aparecem como algo decisivo e necessário na busca pela ascensão social.

Bosi chama a atenção para o caráter oscilante da alma exterior, uma vez que a mesma encontra-se ligada ao mundo e expectativas de toda uma sociedade que está em constantes mudanças. Segundo o crítico, “[n]ão há uma unidade prévia da alma. A consciência de cada homem vem de fora, mas este “fora” é

<sup>233</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 102.

<sup>234</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 164.

<sup>235</sup> *Ibidem*, p. 164.

descontínuo e oscilante, porque descontínua e oscilante é a presença física dos outros, e descontínuo e oscilante o seu apoio”<sup>236</sup>.

Jacobina evidencia que ele mesmo passara por mudanças relacionadas pela alma exterior, mas procura se deter em um fato ocorrido durante sua juventude, quando tinha vinte e cinco anos. Então, tamanha se manifesta a curiosidade dos demais presentes para ouvir a experiência vivida pelo companheiro que o personagem Jacobina consegue toda a atenção voltada para si e “os quatro cavalheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido [...] a sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que concerta a ponta do charuto, recolhendo as memórias”<sup>237</sup>.

Agora, após aguçar a curiosidade alheia, bem como o pai faz com seu filho em a “Teoria do medalhão”, e com todas as atenções voltadas para si, Jacobina encontra o cenário ideal para contar a sua história. Finalmente, relata um episódio que vivenciou em sua juventude, em que foi nomeado alferes da guarda nacional e como sua vida se modificou através de um cargo de tamanha importância perante a sociedade. Logo, o personagem relata simpatias e antipatias provenientes da nomeação, mas, principalmente, a cobiça por parte dos demais que desejavam estar em seu lugar utilizando-se da mesma vestimenta, “a farda”, e a grande admiração adquirida por parte de muitas pessoas. Vejamos como Jacobina fala a respeito de sua nomeação:

— Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! Tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés [...] em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo fardamento me foi dado por amigos<sup>238</sup>.

<sup>236</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 99.

<sup>237</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 165.

<sup>238</sup> *Ibidem*, p. 165-166.

Através da descrição do personagem, percebemos um processo de transição que Jacobina vivencia, passando de um mero jovem pobre a um sujeito cuja função para qual fora nomeado representa grande importância em uma sociedade que preza pela notoriedade e pelo prestígio, necessários para a constituição de um sujeito que se destaque em relação aos demais. Logo, ao se tornar alferes, o personagem atinge o status social que, para Bosi, significa “existir no mundo em estado sólido”<sup>239</sup>, e, desta forma, conquista o respeito e a admiração de familiares, amigos, mas também, a cobiça de outros que acabam por almejar o mesmo distanciamento da obscuridade comum que a farda proporcionaria.

Certa vez, Jacobina é convidado a passar algumas semanas no sítio afastado e solitário de sua tia Marcolina, que pediu ao mesmo para que levasse a sua farda. Como toda a família, a tia o cobre de elogios relacionados à sua nomeação de alferes e o tratamento condiz com toda a admiração demonstrada desde o convite. Vejamos a fala de Jacobina a respeito de sua chegada ao sítio, momento em que podemos perceber que o personagem ainda não havia sido totalmente envolvido pelo cargo que possuía e pela importância de sua farda, uma vez que ainda desejava ser chamado como antes, de “Joãozinho”, de forma que sua alma interior, composta por seus anseios ainda se mostrava presente:

[...] tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes [...] E sempre alferes; era alferes pra cá, alferes pra lá, alferes a toda hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”<sup>240</sup>.

Jacobina é tratado, conforme narra, com a devida importância que seu cargo representava, tendo sempre o melhor lugar à mesa e o primeiro a ser servido durante as refeições. Porém, o maior agrado proporcionado por tia Marcolina tratou-se de um espelho de grande valia, símbolo de admiração pela classe burguesa, que fora transferido da sala para o quarto de Jacobina. Assim, Jacobina descreve o precioso objeto:

<sup>239</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 99.

<sup>240</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 166.

[...] um grande espelho, obra rica e magnífica [...] era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...<sup>241</sup>.

Quando pensamos no espelho - um objeto que a madrinha recebe como herança da mãe, esta que o comprou de uma fidalga que chegara em 1908 junto de D. João VI -, valemo-nos dos estudos de Gledson, que apontam para o fato de o espelho ter vindo junto da família real como a representação de um contexto em que a sociedade brasileira começa a “tornar-se consciente de si própria”<sup>242</sup>. Nesse sentido, diante do espelho, a identidade nacional aparece tão “imperceptível quanto a imagem de Jacobina”<sup>243</sup> se mostrará. Desta maneira, o objeto espelho se torna um mecanismo de contemplação da própria imagem para Jacobina, juntamente com os agrados recebidos na casa de sua tia. Vejamos como o personagem entende a transformação que começa a sofrer:

O certo é que todas essas cousas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação [...] — O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primeira cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado<sup>244</sup>.

Ao dar continuidade em sua história, Jacobina se aprofunda nos fatos que ilustram como se dá o que personagem denomina de “tempo em que a consciência do homem se oblieterava”<sup>245</sup>, enquanto a do alferes “tornava-se viva e intensa”<sup>246</sup>.

<sup>241</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 166.

<sup>242</sup> GLEDSON, John. A história do Brasil em Papéis Avulsos. In: \_\_\_\_\_. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 76.

<sup>243</sup> *Ibidem*, p. 76.

<sup>244</sup> ASSIS, Op. Cit., p. 167.

<sup>245</sup> *Ibidem*, p. 167.

<sup>246</sup> *Ibidem*, p. 167.

Uma peça como o “espelho” acaba tornando-se objeto imprescindível, um dos elos da “segunda alma” de Jacobina e, portanto, parte indispensável de sua identidade, quando, certa vez, sua tia acaba por deixar o sítio, juntamente com o cunhado que ali vivia, em função de uma filha adoentada, pois se tratava de uma “[...] mãe extremosa, [que] armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio”<sup>247</sup>. Neste momento, o protagonista se vê diante apenas da companhia dos escravos que, embora o tratassem com cortesia, eram vistos como inferiores, fato que desqualificava o tratamento proveniente dos mesmos. Entretanto, os escravos aproveitam a situação para fugir e Jacobina se vê na mais completa solidão, desejando até mesmo a morte como fuga para tamanha angústia que o tomava. Vejamos a descrição que o narrador faz da fuga dos escravos e do desespero que se instalava:

[...] Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; Nhô alferes há de ser coronel [...] Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados. [...] na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada [...] Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior<sup>248</sup>.

Jacobina, agora, tomado pela solidão que adquirira grandes proporções, compara suas sensações advindas das batidas de um relógio presente na casa com um trecho do poema *The Old clock on the stairs*<sup>249</sup>, que trata da marcação contínua do passar do tempo sem tréguas e o inevitável distanciamento entre pessoas com o passar do tempo. Dessa forma, podemos perceber as semelhanças com o personagem Jacobina, que, longe das pessoas que o cobriam dos constantes elogios que lhe satisfaziam, se vê tomado pelo incessante passar das horas, que embora passem, não levam consigo a solidão que lhe envolve. A sua parcela de humanidade, a alma interior, começa a ser totalmente tomada pela parte que constitui apenas o exercício de sua patente, a alma exterior, isto é, o “alferes” com sua robusta farda. Para Jacobina, nunca os dias foram tão longos e arrastados:

<sup>247</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 167.

<sup>248</sup> *Ibidem*, p. 168.

<sup>249</sup> Henry Wadsworth Longfellow, poeta estadunidense.

As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cuja pêndula, *tic-tac, tic-tac*, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei com este famoso estribilho: — *Never, for ever! — For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochilo do nada<sup>250</sup>.

Em seguida, o protagonista fala do alívio que o sono lhe proporcionava, pois, através dele podia livrar-se da alma exterior. E por meio dele, a alma interior atuava, apesar de que, embora se manifestasse, já se mostrava totalmente tomada pela exterior, uma vez que os sonhos do personagem acabam por evidenciar toda a necessidade de seu cargo, sua farda, os elogios e a admiração que o nutriam diariamente, para que se constituísse enquanto indivíduo completo para si mesmo e para a sociedade. Ou seja, o ser social, a alma exterior sobrepõe-se a alma interior e Jacobina passa a existir apenas enquanto alferes da guarda nacional. Jacobina relata o alívio em seus sonhos: “fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver”<sup>251</sup>. Dessa forma, podemos destacar o que Bosi fala a respeito da importância da farda para Jacobina, uma vez que a mesma representa para o personagem o estar no mundo em “estado sólido”, em uma sociedade onde as aparências mostram-se decisivas e a conquista de cargos considerados importantes, como o de alferes de guarda nacional, são de extremo valor e acabam por representar o que vimos em a “Teoria do medalhão”, como a formação de um medalhão completo. De acordo com o estudioso,

Jacobina só conquistará a sua alma, ou seja, a auto-imagem perdida, quando fizer um só todo com a farda de alferes que o constitui como tipo. A farda é símbolo e é matéria do status. O eu, investido do papel, pode sobreviver; despojado, perde o pé, dispersa-se, esgarça-se, esfuma-se. Não tem forma, logo não tem unidade<sup>252</sup>.

<sup>250</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 169.

<sup>251</sup> *Ibidem*, p. 169.

<sup>252</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 99.

Agora, o protagonista conta aos demais cavalheiros que, vivendo tamanha solidão, havia começado a deixar de se olhar no espelho, o qual chama de um “impulso inconsciente”<sup>253</sup>, e narra os receios do que poderia encontrar refletido naquele precioso objeto. Entretanto, após oito dias resolve se voltar para o espelho e o que vê encontra-se no centro de sua teoria. Vejamos como o personagem descreve o seu ato de olhar-se no espelho:

Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas não foi a minha sensação. Então tive medo; receiei ficar mais tempo, e enlouquecer. — Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado mutilado...<sup>254</sup>.

O fato de que a alma exterior tenha tomado conta da alma interior agora se faz presente de forma simbólica e intensa. A falta de sua imagem clara diante do espelho encontra-se ligada à falta de sua indumentária, que faz parte do exercício de sua tão importante patente, a “farda”. Porém, ao decidir colocar a sua vestimenta de alferes e olhar-se no espelho, sua imagem que antes se apresentava desfocada e fragmentada, torna-se nítida. Jacobina começa a se tonar uma espécie de escravo do espelho e sua condição enquanto integrante da guarda nacional mostra-se imprescindível para a sua constituição como ser social de importância aos seus próprios olhos e aos dos demais, colocando-o como uma figura de destaque perante a sociedade que o cerca. Como apresenta Magalhães, “[o] homem passa a se constituir do cargo, como se este fosse mérito seu, gratificação por uma obra. Não conseguindo perceber-se sem ele, o espelho passa a não refleti-lo sem os adornos de que a ocupação necessita”<sup>255</sup>.

Jacobina assim descreve o momento em que se volta ao espelho trajando sua farda:

---

<sup>253</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 170.

<sup>254</sup> *Ibidem*, p. 171.

<sup>255</sup> MAGALHÃES, Belmira. História e representação literária: um caminho percorrido. In: *Revista brasileira de Literatura Comparada*, número 6. Belo Horizonte, 2002, p. 75.



— Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada: o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior [...] Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado.

Jacobina passa a vestir sua farda e olhar-se no espelho com frequência, podendo assim, enganar a solidão que lhe tomava. “Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho [...] com este regímen pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir...<sup>256</sup>”. Espelho e farda se juntam enquanto um mecanismo para que o personagem consiga enxergar-se como um indivíduo completo, que passa a existir para si mesmo e diante da sociedade. Podemos destacar o que Bosi fala a respeito do uso da farda e, também, sobre a importância do reconhecimento por parte dos outros em relação a esta, ou seja, a grande relevância presente na conquista da admiração e do prestígio por parte das pessoas, da ascensão social que proporciona ao sujeito a fuga da perigosa obscuridade comum que se apresenta, também, em a “Teoria do medalhão”. De acordo com o crítico:

[...] não basta vestir a farda. É preciso que os outros a vejam e a reconheçam como farda. Que haja olhos para mirá-la e admirá-la. O olhar dos outros: primeiro espelho. Quando esse olhar faltou a Jacobina, quando se viu só na fazenda da tia de onde até os escravos desertaram, ele procurou o seu próprio olhar. O olhar que não sente a aura doce do olhar do semelhante vai à procura do espelho. O espelho dirá que o eu parece ser. Mas Jacobina está sem farda; falta-lhe a aparência do status [...]. O espelho, suprimindo o olhar do outro, reproduz com fidelidade o sentido desse olhar. Sem farda, não és alferes; não sendo alferes, não és. “O alferes eliminou o homem.” O estado sólido do status liquefez-se, evaporou-se. O que Jacobina quer ver quando se olha ao espelho? A imagem de si tal qual a vê o olho do outro [...] do outro que o agracia como a alguém que subiu na vida. A opinião do outro é o seu único espelho fidedigno [...]. Mas Jacobina veste de novo a farda e olha-se no espelho: o espelho restitui-lhe a alferidade e Jacobina volta a existir para si próprio<sup>257</sup>.

<sup>256</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 172.

<sup>257</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 99- 100.

Percebemos assim, que Machado de Assis nos apresenta, através dos personagens principais presentes nas narrativas a “Teoria do medalhão” e o “O espelho”, umas das características da modernidade: uma necessidade de se aliar a individualidade aos preceitos sociais, mostrando a importância do prestígio social como elemento transformador do indivíduo aos olhos alheios e ao próprio olhar. Podemos destacar a visão de Pesavento a respeito de personagens literários enquanto possibilidades de representação de questões voltadas para a natureza humana, como ocorre nos contos machadianos. Segundo a estudiosa:

Os personagens literários existiram como possibilidades, perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam, não no acontecer da vida. São dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e conquistas gratificantes da vida. Porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo<sup>258</sup>.

Através das análises voltadas para os contos a “Teoria do medalhão” e “O espelho”, podemos perceber a representação que Machado de Assis faz de uma sociedade brasileira pautada nas aparências e cuja busca pela ascensão social em detrimento dos anseios pessoais do indivíduo mostra-se decisiva na constituição do ser social. Temos um futuro medalhão, cuja concretização da projeção social se apresenta como imprescindível para se tornar completo, e o caminho percorrido por Jacobina, cuja conquista do cargo de alferes da guarda nacional traz consigo o tão almejado reconhecimento por parte da sociedade, fazendo com que o homem perca sua parcela de humanidade e seja tomado pelo alferes, o ser social.

### **3.2 “O segredo do bonzo” e “A Sereníssima república”: a arte de enganar como mecanismo de convencimento**

Encontramos em “O segredo do bonzo” uma narrativa em que o culto às meras aparências, bem como ao falso saber, se apresentam enquanto mecanismos que atuam como forma de ludibriar e convencer as pessoas, mostrando-se decisivos em uma sociedade cujo distanciamento do anonimato mostra-se

---

<sup>258</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, literatura e cidades: diferentes narrativas para o campo do patrimônio. In: *Revista do Patrimônio*, número 34. Rio de Janeiro, 2012. p. 401.

imprescindível. Desta forma, assim como nos textos estudados anteriormente, encontraremos na presente narrativa, por meio de seus personagens, mais características que representam uma sociedade brasileira em que a busca pela ascensão social se faz presente.

Primeiramente, podemos destacar o fato de que, ao contrário das narrativas já abordadas, “O segredo do bonzo” não traz personagens presentes no contexto brasileiro, mas sim, indivíduos portugueses que não se encontram em sua terra natal e andam desbravando o Oriente. Entretanto, ao retomarmos as palavras do crítico Machado de Assis em *Instinto de Nacionalidade*<sup>259</sup>, onde o mesmo aponta que “[...] o que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”<sup>260</sup>, compreendemos que mesmo trazendo outra realidade para a narrativa, não significa estar longe de seu próprio contexto. Logo, não é necessário estabelecer doutrinas tão rígidas que possam vir a empobrecer o texto literário. Assim, de forma irônica, encontraremos através de personagens situados em um contexto distinto, a representação de características que também revelam facetas da identidade nacional brasileira.

O conto apresenta o subtítulo, “Capítulo inédito a Fernão Mendes Pinto”, que se encontra associado à estrutura narrativa que Machado de Assis nos apresenta enquanto distinta dos contos anteriores, trazendo um novo capítulo para as famosas aventuras de Fernão Mendes Pinto em *Peregrinações*, publicada em 1614, onde relata histórias sobre suas andanças na China. Dessa forma, encontraremos durante a narrativa um narrador em primeira pessoa que contará suas aventuras, assim como ocorre na obra portuguesa, de forma que seu relato aparecerá especificado pelo próprio escritor Machado de Assis como um capítulo intercalado nas *Peregrinações* (1614) entre os caps. CCXIII e CCXIV. Vejamos o que o escritor fala a respeito da narrativa na nota C, presente na obra *Papéis Avulsos*, onde enfatiza que não se trata de um mero pastiche:

Como se terá visto, não há aqui um simples pastiche, nem esta imitação foi feita com o fim de provar forças, trabalho que, se fosse só isso, teria bem pouco valor. Era-me preciso, para dar a possível realidade à invenção, colocá-la a distância grande, no

<sup>259</sup> Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

<sup>260</sup> *Ibidem*, p. 804.

espaço e no tempo; e para tornar a narração sincera, nada me pareceu melhor do que atribuí-la ao viajante escritor que tantas maravilhas disse. Para os curiosos acrescentarei que as palavras: Atrás deixei narrado o que se passou nesta cidade Fuchéu, — foram escritas com o fim de supor o capítulo intercalado nas Peregrinações, entre os caps. CCXIII e CCXIV<sup>261</sup>.

Ao levarmos em conta que a obra de Fernão Mendes, na qual o escritor relata suas andanças pelo Oriente no século XVI<sup>262</sup>, que é marcada como uma narrativa repleta de exageros e acontecimentos fantasiosos, podemos enxergar a verossimilhança criada por Machado de Assis, uma vez que o mesmo cria um personagem Fernão Mendes em sua narrativa que apresenta histórias tão fantasiosas quanto as relatadas pelo escritor Fernão Mendes Pinto em suas andanças. Também é possível observarmos ironia machadiana ao caracterizá-lo como um viajante escritor que “tantas maravilhas disse”<sup>263</sup>, sendo elas consideradas invencionices. Losso chama atenção para o procedimento irônico utilizado por Machado de Assis, em que “[...] podemos reconhecer, nesse caso, uma possível ironia machadiana. As maravilhas seriam maravilhas mentirosas, isto é, invertendo a ideia negativa de mentira, ficcionais, literárias”<sup>264</sup>.

Embora as aventuras relatadas pelo personagem Fernão Mendes criado por Machado de Assis, se mostrem extremamente improváveis, se encaixam como um possível capítulo da obra *Peregrinações*, uma vez que a mesma, por possuir um universo fantasioso, possibilita tal processo e faz com que Machado atinja o que ele mesmo mostrou como necessário: proporcionar a “possível realidade à invenção”<sup>265</sup>, sendo necessário, para isso, colocá-la distanciada no tempo e no espaço; atribuindo-a “ao viajante escritor que tantas maravilhas disse”<sup>266</sup>.

Considerando que em sua nota Machado de Assis aponta que sua narrativa estaria situada como um capítulo presente entre os CCXIII e CCXIV de *Peregrinações* (1614), torna-se relevante destacarmos os acontecimentos presentes até o capítulo CCXIII. Fernão Mendes Pinto narra estar presente em Fuchéu, no reino de Bungo, e então presenciamos uma discussão que dura vários

<sup>261</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 194.

<sup>262</sup> Obra é publicada em 1614.

<sup>263</sup> ASSIS, Op. Cit., p. 194.

<sup>264</sup> LOSSO, Eduardo Guerreiro Brito. Disponível em <[http://www.eduardoguerreirolosso.com/nariz\\_metafisico.pdf](http://www.eduardoguerreirolosso.com/nariz_metafisico.pdf)>. Acesso em 01 jan. 2018.

<sup>265</sup> ASSIS, Op. Cit., p. 194.

<sup>266</sup> Ibidem, p. 194.

dias entre o bonzo, líder Fucarandono, e o padre, diante do rei. O fato de o padre Francisco Xavier e o português estarem presentes causa descontentamento nos bonzos que compõe o reino, uma vez que o rei se mostrava adepto da doutrina católica que o padre disseminava. Assim, o grupo dos bonzos dá a sugestão de uma competição entre o padre e o maior dos representantes religiosos do reino, chamado Fucarandono. Porém, o padre sai como o grande vencedor, tendo o rei o apoiado durante a discussão, bem como feito interferências com o intuito de convencer os bonzos a apoiarem-no. Dessa maneira, encontramos um embate entre crenças religiosas distintas enquanto o momento de inserção do capítulo machadiano que trará consigo uma nova doutrina, a dos “pomadistas”, onde o bonzo principal será Pomada. Como aponta o próprio escritor “Pomada e pomadista são locuções familiares da nossa terra: é o nome local do charlatão e do charlatanismo”<sup>267</sup>. Nesse sentido, a narrativa machadiana chamará a atenção para a enganação enquanto um mecanismo eficaz de convencimento e necessário para se destacar perante a sociedade.

Voltemos agora o olhar para a narrativa machadiana, que se inicia com o personagem Fernão Mendes Pinto mencionando o que havia acontecido anteriormente, de forma que a narrativa mostra-se, desde o início, próxima de *Peregrinações* (1614). Logo, o personagem narrador já anuncia que falará, também, a respeito de outra doutrina:

Atrás deixei narrado o que se passou nesta cidade de Fuchéu, capital do reino de Bungo, com o padre-mestre Francisco, e de como el-rei se houve com o Fucarandono e outros bonzos, que tiveram por acertado disputar ao padre as primazias da nossa santa religião. Agora direi uma doutrina não menos curiosa que saudável ao espírito, e digna de ser divulgada a todas as repúblicas da cristandade<sup>268</sup>.

Após ressaltar a relevância da doutrina que seria apresentada, o narrador começa a falar sobre seu passeio na mesma cidade, Fuchéu, com Diogo Meireles, onde acabam por avistar um aglomerado de pessoas. Elas prestavam total atenção em um bonzo que discursava e gesticulava falando a respeito da origem dos grilos. Prontamente, tal fato chamou a atenção dos caminhantes, que se mostram surpresos com o número de pessoas atraídas pelo discurso do sujeito e pela

<sup>267</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 194.

<sup>268</sup> *Ibidem*, p. 127.

admiração que saltava dos olhos de “todos embasbacados”. Diogo Meireles, enquanto melhor conhecedor da língua nativa, traduzia as palavras proferidas pelo homem chamado Patimau, que tratavam de enfatizar todo seu conhecimento e experiência acerca de suas afirmações na tentativa de legitimar e trazer credibilidade ao seu discurso. Esta é uma característica, como pudemos perceber, marcante nas narrativas anteriores, como em a “Teoria do medalhão”, onde o pai procura todos os argumentos necessários para convencer o filho da veracidade de seu discurso. Vejamos em que consistiam as afirmações do homem:

— Que ele não queria outra coisa mais do que afirmar a origem dos grilos, os quais procediam do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova; que este descobrimento, impossível a quem não fosse, como ele, matemático, físico e filósofo, era fruto de dilatados anos de aplicação e experiência e estudo, trabalhos e até perigos de vida; mas enfim, estava feito, e todo redundava em glória do reino de Bungo, e especialmente na cidade de Fuchéu, cuja filho era; e, se por ter aventado tão sublime verdade, fosse necessário aceitar a morte, ele a aceitaria ali mesmo, tão certo era que a ciência valia mais do que a vida e seus deleites<sup>269</sup>.

Embora a afirmação de Patimau a respeito da origem dos grilos se mostrasse um tanto absurda, a multidão o aclamava e mostrava confiança em sua teoria (“[...] Patimau, Patimau, viva Patimau que descobriu a origem dos grilos!”<sup>270</sup>), e passava a tratá-lo com reverências e admiração. Surpresos com a curiosa origem dos grilos e com a habilidade do bonzo Patimau em convencer as pessoas, os caminantes continuam suas andanças e encontram pouco depois outro aglomerado de indivíduos atentos à fala de outro homem. Temos, agora, Languru, que de modo semelhante à forma com que Patimau constrói seu discurso, prende a atenção de todos e apresenta sua teoria a respeito do princípio da vida futura, que para ele estava escondido em uma gota de sangue de vaca. Segundo ele:

[...] o princípio da vida futura, quando a terra houvesse de ser inteiramente destruída, e era nada menos que uma certa gota de sangue de vaca; daí provinha a excelência da vaca para habilitação das almas humanas, e o ardor com que esse distinto

<sup>269</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 127-128.

<sup>270</sup> *Ibidem*, p. 128.

animal era procurado por muitos homens à hora de morrer; descobrimento que ele podia afirmar com fé e verdade [...]”<sup>271</sup>.

Vale destacarmos o nome atribuído aos indivíduos que compõem Fuchéu, “os bonzos”. Quando pensamos na significação da palavra, encontramos a denominação sacerdote, espécie de pessoa religiosa, o que vai ao encontro do comportamento de Patimau e Languru, já que se mostram grandes conhecedores de doutrinas, e buscam convencer os demais sobre sua veracidade e atrair seguidores. Os caminantes percebem a total semelhança entre os bonzos e, assim como Patimau, o povo confia e aplaude o discurso de Languru. Percebemos que o único desejo de ambos os bonzos se mostra voltado para o reconhecimento por parte do reino, “[...] a estimação que os bons filhos merecem”<sup>272</sup>, de forma que a busca pelo prestígio e destaque perante a sociedade se mostra mais uma vez decisiva na constituição do sujeito por completo, como encontramos em a “Teoria do Medalhão” e “O Espelho”.

Bosi aponta para os bonzos como dois casos que servem de “[...] prólogo e motivação à fala do terceiro e mais sábio dos bonzos, Pomada, que digna a revelar ao narrador a essência da verdade. A essência é a aparência”<sup>273</sup>. Logo, a aparência aparece enquanto um dos mecanismos necessários para se alcançar o prestígio almejado.

Confusos a respeito de tamanha semelhança entre os discursos dos bonzos, Fernão Mendes Pinto e Diogo Meireles encontram a casa do alparqueiro Titané, que significa os bonzos como possíveis seguidores de uma nova doutrina inventada por um sábio bonzo, “o pomadismo”. O criador da doutrina, chamado Pomada, tem seu nome justificado por Machado de Assis, que aponta para pomada e pomadistas como “locuções familiares da nossa terra: é o nome local do charlatão e do charlatanismo”<sup>274</sup>. Assim, como coloca Bosi “[...] pomada é o que se passa por cima da pele assim como a aparência recobre o real”<sup>275</sup>, ou seja, o nome se encontra diretamente ligado ao ato da enganação proveniente das falsas aparências que atuam como uma forma eficaz de ludibriar as pessoas.

---

<sup>271</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000. p. 128.

<sup>272</sup> Ibidem, p. 128.

<sup>273</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 97.

<sup>274</sup> ASSIS, Op. Cit., p. 194.

<sup>275</sup> BOSI, Op. Cit., 98.

Logo, os caminhantes ficam curiosos em relação à doutrina e vão até a casa do bonzo Pomada, “[...] um ancião de cento e oito anos, muito lido e sabido nas letras divinas e humanas [...]”<sup>276</sup>, que inicia suas explicações falando a respeito de duas existências paralelas presentes na virtude e no saber:

— Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber, têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contacto com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador<sup>277</sup>.

Percebemos ensinamentos semelhantes aos encontrados em a “Teoria do Medalhão”, como a virtude e o saber sem valia (caso não haja espectadores), além da importância de atrair a atenção dos demais, bem como a opinião pública como mais importante do que determinado fato em si. Vemos, também, o que Bosi denomina de “dependência do mundo interior em face da conveniência mais forte”<sup>278</sup>, ou seja, o detrimento dos anseios individuais que são tomados pelo mundo exterior, como vimos através de Jacobina em “O Espelho”. Pomada fala a respeito da eficácia de seu sistema e como Patimau e Languru obtiveram sucesso ao segui-lo. Segundo ele:

[...] se uma cousa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente [...] para compreender a eficácia do meu sistema, advertir que os grilos não podem nascer do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova, e por outro lado, o princípio da vida futura não está em uma certa gota de sangue de vaca; mas Patimau e Languru, varões astutos, com tal arte souberam meter estas duas idéias no ânimo da multidão, que hoje desfrutam a nomeada de grandes físicos e maiores filósofos, e têm consigo pessoas capazes de dar a vida por eles<sup>279</sup>.

<sup>276</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 129.

<sup>277</sup> *Ibidem*, p. 129.

<sup>278</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 85

<sup>279</sup> ASSIS, Op. Cit., p. 130.



Impressionados com o sucesso da doutrina, os dois caminheiros, juntamente com a ajuda de Titané, resolvem colocar a doutrina em prática através de “uma idéia tão judiciosa quão lucrativa, pois não é só o lucro o que se pode haver em moeda, senão também o que traz consideração e louvor, que é outra e melhor espécie de moeda [...]”<sup>280</sup>. Percebemos aqui e nos outros contos estudados a importância ressaltada em relação à conquista do prestígio, da admiração dos demais, que se mostra mais valiosa que o dinheiro.

Logo, os três homens resolveram espalhar uma ideia na cidade de Fuchéu, de forma que pudessem desfrutar dos mesmos benefícios de Patimau e Languru. Titané espalhou que suas alparcas, calçado utilizado na época, eram admiradas em outros locais e que “eram vistas como as primeiras do mundo, por serem mui sólidas e graciosas [...]”<sup>281</sup>. Por isso, vinte e dois mandarins solicitariam que o imperador, devido ao sucesso das alparcas de Titané, criasse o título honorífico de “alparca do Estado”<sup>282</sup>. Para divulgar tais informações, Titané tratou de utilizar o jornal do reino composto por “[...] um papel feito de casca de canela moída e goma, obra mui prima, que eles talham [...] nos quais desenham com vivas e variadas cores, e pela língua do país, as notícias da semana, políticas, religiosas, mercantis [...]”<sup>283</sup>.

A notícia teve grande repercussão e as alparcas de Titané começaram a ser procuradas e comentadas nas semanas seguintes. Entretanto, Titané mostrou não acreditar verdadeiramente em suas alparcas e Fernão Mendes, logo tratou de questioná-lo alegando que ele não estava cumprindo a doutrina, uma vez que “[...] não nos cabe inculcar aos outros uma opinião que não temos, e sim a opinião de uma qualidade que não possuímos; este é, ao certo, o essencial dela”<sup>284</sup>. Ou seja: o comportamento correto de um adepto ao pomadismo consiste em fazer acreditar em determinada virtude que não possui.

Logo, Fernão Mendes resolve colocar a doutrina em prática de forma efetiva, ao lançar mão de uma virtude que não possuía “o domínio da charamela” - instrumento musical de sopro. O sucesso foi grande e o personagem narra como

---

<sup>280</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 129, p. 131.

<sup>281</sup> *Ibidem*, p. 131-132.

<sup>282</sup> *Ibidem*, p. 132.

<sup>283</sup> *Ibidem*, p. 131

<sup>284</sup> *Ibidem*, p. 132.

conseguiu tal façanha através dos “[...] recurso dos ademanos, da graças em arquear os braços para tomar a charamela [...] da rigidez do busto, da unção com que alcei os olhos ao ar, e do desdém e ufanía com que os baixei à mesma assembleia [...]”<sup>285</sup>. Dessa forma, consegue passar para todos ali presentes a ideia enganosa de ter total domínio do instrumento, conquistando tamanha euforia que quase se convenceu de seu próprio merecimento.

Por fim, encontramos a experiência mais engenhosa, em que Diogo Meireles propõe a cura para a moléstia que tomava conta do local. Havia na cidade uma doença que fazia com que os narizes inchassem, tomando grande parte do rosto das pessoas. A terapia proposta, que consistia na extração dos narizes, era negada pelos pacientes. Desta maneira, Diogo Meireles sugere a substituição dos narizes por outros “narizes metafísicos”. Vejamos em que consistia a ideia do personagem para solucionar o problema:

[...] reunindo muitos físicos, filósofos, bonzos, autoridades e povo, comunicou-lhes que tinha um segredo para eliminar o órgão; e esse segredo era nada menos que substituir o nariz achacado por um nariz são, mas de pura natureza metafísica, isto é, inacessível aos sentidos humanos, e contudo tão verdadeiro ou ainda mais do que o cortado; cura esta praticada por ele em várias partes, e muito aceita ais físicos de Malabar<sup>286</sup>.

Diogo Meireles foi aclamado pela assembleia e por isso muitos doentes começaram a procurá-lo, pois “[...] desnarigava-os com muitíssima arte; depois estendia delicadamente os dedos a uma caixa, onde fingia ter os narizes substitutos, colhia um e aplicava-o ao lugar vazio”<sup>287</sup>. Dessa forma, ao utilizar narizes “metafísicos”, percebemos o quão convincente se mostrou o seu discurso e como se encontra facilidade ao tentar ludibriar as pessoas quando se utiliza as aparências, bem como uma boa retórica da forma efetiva, conquistando assim, o prestígio social tão almejado e necessário para com a constituição do indivíduo por completo, como vimos, também, nas narrativas anteriores.

Quando voltamos os olhos para o conto “A sereníssima república”, podemos perceber, a partir de seu subtítulo “CONFERÊNCIA DO CÔNEGO

<sup>285</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 133.

<sup>286</sup> *Ibidem*, p. 133.

<sup>287</sup> *Ibidem*, p. 134.

VARGAS”<sup>288</sup>, como se dará a construção da narrativa, uma vez que o termo conferência já nos remete a algo voltado para a natureza científica. Desta maneira, o narrador nos apresenta uma conferência que desde o subtítulo já se utiliza do valor da ciência como forma de anunciar que o assunto a ser explorado merece toda a atenção.

O conto machadiano aparece, como o próprio autor salienta, enquanto uma paródia do pacto eleitoral brasileiro. Em nota presente na obra *Papéis Avulsos* (1882), Machado de Assis destaca que: “Este escrito, publicado primeiro na Gazeta de Notícias, como outros do livro, é o único em que há um sentido restrito: — as nossas alternativas eleitorais. Creio que terão entendido isso mesmo, através da forma alegórica”<sup>289</sup>. Quando pensamos na publicação do conto em 1882 e nas alterações ocorridas no contexto político brasileiro em 1881, percebemos que, de forma irônica, o escritor está fazendo críticas a respeito de mudanças eleitorais implementadas na sociedade da época. Entre as mudanças daquele cenário, podemos destacar a Lei Saraiva de 1881, que estipulou aos eleitores uma espécie de título onde eram apresentadas informações voltadas para a profissão, renda, escolaridade dos cidadãos, sendo necessária determinada renda estipulada para que as pessoas pudessem se candidatar como eleitoras, ocasionando uma grande queda no número de possíveis eleitores.

O subtítulo da narrativa anuncia que o narrador será o cônego chamado Vargas, e desde as suas primeiras palavras encontramos um discurso semelhante aos usados em conferências, em que o personagem faz uso de vocativos e interage com a plateia. Vejamos como o narrador inicia o seu discurso de forma que procura chamar a atenção para si e aguçar a curiosidade de seus espectadores:

Meus senhores, antes de comunicar-vos uma descoberta, que reputo de algum lustre para o nosso país, deixai que vos agradeça a prontidão com que acudistes ao meu chamado [...] que um pouco de simpatia pessoal se mistura à vossa legítima curiosidade científica [...] Ouço um riso, no meio do sussurro de curiosidade. Senhores, cumpre vencer os preconceitos<sup>290</sup>.

O cônego afirma ter tomado a decisão de expor a sua descoberta após terem sido feitos estudos semelhantes na Europa, e com isso percebemos a ironia

<sup>288</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 155.

<sup>289</sup> *Ibidem*, p. 197.

<sup>290</sup> *Ibidem*, p. 155-156.

machadiana ao nos apresentar o discurso europeu como superior e algo a ser seguido pelos demais presentes em outros contextos, como o brasileiro. Desta forma, cônio Vargas se utiliza do exemplo presente em terras europeias como forma de legitimar o seu discurso, trazendo credibilidade para a sua descoberta. Segundo ele:

Esta obra de que venho falar-vos, carece de retoques últimos, de verificações e experiências complementares. Mas o Globo noticiou que um sábio inglês descobriu a linguagem fônica dos insetos, e cita o estudo feito com as moscas. Escrevi logo para a Europa e aguardo as respostas com ansiedade<sup>291</sup>.

Em seguida, o narrador nos fala a respeito do Padre jesuíta Bartolomeu, que no século XVIII, quando ainda não havia descobertas no âmbito da aviação, inventou um balão capaz de alcançar alguns metros de altura. Porém, não obteve reconhecimento, fato que o cônio não deseja para a sua descoberta. Logo, percebemos a busca pelo prestígio social como um dos objetivos do personagem, que almeja voar mais alto que o padre Bartolomeu, bem como o seu receio diante de projeto que ainda estava por ser apresentado e aprovado. Voltemos, agora, para a fala do narrador a respeito do padre jesuíta e do reconhecimento que deveria ter recebido:

[...] pela navegação aérea, invento do padre Bartolomeu, é glorificado o nome estrangeiro, enquanto o do nosso pátrio mal se pode dizer lembrado dos seus naturais, determinei evitar a sorte do insigne Voador, vindo a esta tribuna, proclamar alto e bom som, à face do universo, que muito antes sábio, e fora das ilhas britânicas, um modesto naturalista descobriu coisa idêntica, e fez com ela obra superior<sup>292</sup>.

Agora, a história se encontra voltada para a descoberta feita por cônio Vargas a respeito das aranhas. Primeiro, afirma ter encontrado um exemplo diferenciado de aranha, sendo que a mesma começa a ganhar a companhia de outras no decorrer das semanas, formando um grupo que se torna passível de análise. O cônio fala a respeito da descoberta do primeiro exemplar de aranha e de sua surpresa em relação ao idioma das mesmas:

---

<sup>291</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 155.

<sup>292</sup> *Ibidem*, p. 155.

O primeiro exemplar dessa aranha maravilhosa apareceu-me no dia 15 de dezembro de 1876. Era tão vasta, tão colorida, dorso rubro, com listras azuis, transversais, tão rápida nos movimentos, e às vezes tão alegre, que de todo me cativou a atenção. No dia seguinte vieram mais três, e as quatro tomaram posse de um recanto de minha chácara. Estudei-as longamente; achei-as admiráveis. Nada, porém, se pode comparar ao pasmo que me causou a descoberta do idioma araneida, uma língua, senhores, nada menos que uma língua rica e variada, com sua estrutura sintática, os seus verbos, conjugações, declinações, casos latinos e formas onomatopaicas, uma língua que estou gramaticando para uso das academias, como o fiz sumariamente para meu próprio uso<sup>293</sup>.

Embora fale a respeito da grandeza presente na linguagem das aranhas, o narrador enfatiza que seu objetivo principal na conferência trata de “ressalvar os direitos da ciência brasileira, por meio de um protesto em tempo [...]”<sup>294</sup>. À medida em que o número de aranhas aumenta, o cônego percebe que está alcançando a glória almejada e se qualifica como um espécie de Deus. Temos agora, um sujeito que se vê diante da total admiração da comunidade das aranhas, assim como Jacobina se sente em relação à sua família e aos demais enquanto alferes da guarda nacional, bem como os bonzos de Fuchéu aclamados pela população, e como almeja o futuro um medalhão completo. Segundo ele:

[...] em março de 1877 contava quatrocentas e noventa [...] A minha estatura, as vestes talaras, o uso do mesmo idioma, fizeram-lhes crer que era eu o deus das aranhas, e desde então adoraram-me. E vede o benefício desta ilusão. Como as acompanhasse com muita atenção e miudeza, lançando em um livro as observações que fazia, cuidaram que o livro era o registro dos seus pecados, e fortaleceram-se ainda mais na prática das virtudes<sup>295</sup>.

É possível notarmos a ironia machadiana quando o autor nos apresenta um personagem como cônego, um representante religioso que passa a ser visto como a figura de Deus, adquirindo a maior superioridade que poderia assumir. Através de sua total vigilância em relação às aranhas, as mesmas se sentem acuadas ao verem o cônego registrando seus comportamentos, e acabavam por mudar as práticas que eram vistas como negativas, aperfeiçoando-se no que o narrador coloca como “prática das virtudes”.

<sup>293</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 156-157.

<sup>294</sup> *Ibidem*, p. 157.

<sup>295</sup> *Ibidem*, p. 157.

Para cômego Vargas, não bastava apenas analisá-las, associando-as de forma a contribuir para aprimorar suas virtudes: faltava-lhes um governo idôneo. Diante da dificuldade em escolher uma forma de governo, uma vez que muitas formas pareciam boas e atuais, embora o narrador considerasse que “tinham contra si o existirem”<sup>296</sup>, era necessário fugir de uma forma vigente de governo onde tivessem possíveis “comparações que poderiam amesquinhá-la”<sup>297</sup>.

Dessa forma, era preciso achar uma nova maneira ou buscar restaurar a antiga, tendo o narrador optado pela segunda opção, a fim de buscar por uma “república” que nem tão serena se mostraria. Assim, podemos destacar o que Bosi fala a respeito das imposições feita pelo cômego, que invade o mundo das aranhas. Segundo ele:

Instala-se no pequeno mundo vigiado das aranhas a moral do terror. E junto com esta o pacto político, que não é criado espontaneamente, por necessidade interna: o regime público vem imposto de fora, do contexto de coação armado pela ciência manipuladora deste cômego pré-behaviorista<sup>298</sup>.

O narrador opta pelas eleições utilizando a escolha de bolas contendo o nome dos candidatos que são colocados em um saco, e misturadas para sorteio, e justifica a sua escolha pautando-se na facilidade que as aranhas possuem “[...] na fiação de suas teias”<sup>299</sup>, sendo o uso do saco eleitoral de fácil adaptação. Vargas faz a descrição do saco que, segundo ele, era de “cinco polegadas de altura e três de largura, tecido com os melhores fios [...] Para compô-lo foram aclamadas dez damas principais, que receberam o título de mães da república, além de outros privilégios e foros”<sup>300</sup>. Assim, a distribuição de honrarias se mostra necessária, até mesmo, no universo das aranhas, enfatizando toda a necessidade presente em se distanciar da obscuridade comum, se destacando em relação aos demais.

Logo, o sistema eleitoral mostra-se falho e a corrupção se apresenta quando duas bolas com o nome do mesmo candidato são encontradas no saco. Sendo assim, a assembleia analisou a denúncia e tomou como providência a diminuição dos sacos que “até ali de três polegadas de largura, tivesse agora duas;

---

<sup>296</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 157.

<sup>297</sup> *Ibidem*, p. 157.

<sup>298</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 95.

<sup>299</sup> ASSIS, Op. Cit., p. 158.

<sup>300</sup> *Ibidem*, p. 158-159.

limitando-se a capacidade do saco, restringindo-se o espaço à fraude, era o mesmo que suprimi-la”<sup>301</sup>. Entretanto, tal medida acaba por não solucionar o problema das fraudes, que se repete através do sujeito responsável por guardar as bolas no saco, quando o mesmo se esquece de colocar uma delas. Após tal fato, a conclusão a que chegam é a de que não houve má intenção, mas sim distração. O narrador fala a respeito da postura da assembleia que resolve voltar com os sacos para o tamanho anterior diante do ocorrido:

[...] neste caso não houve exclusão, mas distração. A assembleia, diante de um fenômeno psicológico inelutável, como é a distração, não pôde castigar o oficial; mas, considerando que a estreiteza do saco podia dar lugar a exclusões odiosas, revogou a lei anterior e restaurou as três polegadas<sup>302</sup>.

Outro fato interfere diretamente na legalidade das eleições, quando dois nomes de destaque “Hazeroth e Magog”, chefes dos partidos retilíneo e curvilíneo, resolvem se candidatar à vaga de magistrado (este apontado pelo narrador como “morto”), e são prejudicados por um oficial que retira letras registradas nas bolas, alterando a grafia dos nomes. Tal fato foi interpretado como uma simples “[...] eclipse; delito, se o era, puramente literário”<sup>303</sup>, não sendo necessário culpar ninguém. Logo, percebemos a facilidade com que o sistema instaurado era burlado e como a enganação se fazia presente, de forma que os demais eram ludibriados e os culpados sempre acabavam por sair impunes.

Logo, optou-se por outra mudança que consistia na criação de um saco em que se pudesse ver através dele, para que os candidatos e todo o público tivessem certeza da seriedade do sistema. Porém, as mudanças permanecem falhas ao se observar quando um habitante da comunidade das aranhas resolve se aliar a um oficial, que combinara de fazer sinais a ele se a bola com seu nome fosse sorteada. Com isso, chega ao fim o pequeno legado do saco transparente, voltando ao saco normal, e permitindo-se os erros de grafia, desde que “[...] cinco pessoas jurassem ser o nome inscrito o próprio nome do candidato”<sup>304</sup>. Vejamos o que o narrador fala a respeito sobre a postura do oficial e seu cúmplice:

---

<sup>301</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 159.

<sup>302</sup> *Ibidem*, p. 159.

<sup>303</sup> *Ibidem*, p. 160.

<sup>304</sup> *Ibidem*, p. 161.

Infelizmente, senhores, o comentário da lei é a eterna malícia. A mesma porta aberta à lealdade serviu à astúcia de um certo Nabiga, que se conchavou com o oficial das extrações, para haver um lugar na assembléia. A vaga era uma, os candidatos três; o oficial extraiu as bolas com os olhos no cômplice, que só deixou de abanar negativamente a cabeça, quando a bola pegada foi a sua<sup>305</sup>.

Através das diversas fraudes nas eleições percebemos que, embora haja a tentativa de modificações, o sistema continua se mostrando falho e a enganação acaba por se perpetuar lado a lado com a impunidade. Os envolvidos nas fraudes se utilizam de mecanismos ilícitos com o intuito de viciar o processo, corrompendo os oficiais, interpretando de forma equivocada os resultados, bem como se utilizando de discursos que acabam distorcendo a real intenção presente em suas atitudes, de forma que acabam por conseguir ludibriar os demais.

Após o novo estatuto instaurado, que contava com cinco testemunhas, caso faltasse alguma letra na grafia do nome do candidato sorteado, surge um novo episódio. Ocorre uma eleição para “coletor de espórtulas” (função voltada para a cobrança de rendas públicas), quando entre os candidatos encontramos Caneca e Nebraska. A bola sorteada acaba sendo a de Nebraska, porém, faltava a última letra de seu nome e, logo as testemunhas ficaram ao seu lado, jurando que em termos da lei ele era o candidato escolhido. Entretanto, Caneca discorda da decisão e resolve provar que, na verdade, o nome sorteado não era o de Nebraska, mas sim o dele, Caneca. Utilizando de sua retórica, Caneca questiona as eleições e se utiliza de palavras que, segundo ele, são provenientes de um grande filólogo da república, metafísico e matemático, com o intuito de legitimar o seu discurso. Vejamos os seus argumentos:

— Em primeiro lugar, disse ele, deveis notar que não é fortuita a ausência da última letra do nome de Nebraska. Por que motivo foi ele inscrito incompletamente? Não se pode dizer que por fadiga ou amor da brevidade, pois só falta a última letra, um simples *a*. Carência de espaço? Também não; vede: há ainda espaço para duas ou três sílabas. Logo, a falta é intencional, e a intenção não pode ser outra, senão chamar a atenção do leitor para a letra *k*, última escrita, desamparada, solteira, sem sentido. Ora, por um efeito mental, que nenhuma lei destruiu, a letra reproduz-se no cérebro de dois modos, a forma gráfica e a forma sônica: *k c ca*. O defeito, pois, no nome escrito,

<sup>305</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 160-161.



chamando os olhos para a letra final, incrusta desde logo no cérebro esta primeira sílaba: *Ca*. Isto posto, o movimento natural do espírito é ler o nome todo; volta-se ao princípio, à inicial *ne*, do nome *Nebrask*. — *Cané*. — Resta a sílaba do meio, *bras*, cuja redução a esta outra sílaba *ca*, última do nome *Caneca*, é a cousa mais demonstrável do mundo [...]”<sup>306</sup>.

Percebemos que assim como o cônego Vargas se destaca para seus espectadores através de sua retórica, na qual se baseia em sua descoberta proveniente de muitos estudos, bem como pauta-se em pesquisas já legitimadas sobre insetos na Europa, *Caneca* faz uso da mesma espécie de discurso com o intuito de convencer a plateia. Ao utilizar-se de argumentos filológicos, metafísicos e matemáticos, já consegue se destacar e chamar a atenção dos demais, uma vez que naquela comunidade possivelmente não haveria outros possuidores dos mesmos conhecimentos. Desta maneira, mesmo fazendo uso de argumentos sem sentido, não é questionado e consegue convencer a todos, de forma que a verdade e a essência cedem lugar às meras “aparências”.

Após tal acontecimento, cônego Vargas afirma que as fraudes eleitorais permaneceram, tendo sido o saco modificado por inúmeras vezes através de um “corte simultâneo de meia polegada na altura e outra meia na largura do saco [...], mudanças para forma cilíndrica; mais tarde deu-se-lhe o aspecto de uma ampulheta, cujo inconveniente se reconheceu ser igual ao triângulo, e então adotou-se a forma de um crescente, etc.”<sup>307</sup>. Logo, encontramos as possibilidades de mudanças satisfatórias um tanto distantes e o próprio cônego enfatiza que se trata de “[m]uitos abusos, descuidos e lacunas tendem a desaparecer, e o restante terá igual destino, não inteiramente, decerto, pois a perfeição não é deste mundo [...]”<sup>308</sup>.

Desta forma, percebemos todo o processo eleitoral falho presente na comunidade das aranhas, onde as mesmas apresentam certa resistência, embora esta não tenha sido suficiente, já que elas foram ludibriadas e convencidas pelas retóricas que são construídas pautando-se nas aparências enganosas. Assim, percebemos como Machado de Assis se utiliza do conto “A sereníssima República”: como forma de representar e questionar facetas de uma nação brasileira, cuja enganação em busca da idolatria em relação a conhecimentos que,

<sup>306</sup> ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000, p. 161.

<sup>307</sup> *Ibidem*, p. 162.

<sup>308</sup> *Ibidem*, p. 162.

na verdade, são falsos, se faz presente, sendo que tal prática se apresenta enquanto um dos mecanismos na busca pelo destaque em sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao voltarmos os olhos para a obra machadiana, percebemos a grandeza da mesma, bem como as diversas possibilidades de leitura que parecem nunca se esgotar, evidenciando o quanto se mostra desafiador estudá-la. O presente trabalho voltou-se para um estudo centrado na produção contística do autor, que contribuiu diretamente para a representação da sociedade brasileira da época, com enfoque na coletânea de contos *Papéis Avulsos* (1882), que aparece como um marco ao lado do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) na dita segunda fase do escritor.

Desta forma, se mostra relevante retomarmos as mudanças que ocorrem após a escrita de *Instinto de Nacionalidade*, em 1873, onde o escritor e crítico fala a respeito da narrativa curta no Brasil e suas características, da necessidade de uma crítica literária e da representação que se fazia da sociedade brasileira por meio do texto literário. A partir de 1880, encontramos uma nova forma de estruturação na produção do conto, que aparece na obra *Papéis Avulsos*, onde podemos destacar as narrativas selecionadas para análise neste estudo. Encontramos o conto “Teoria do medalhão” estruturado enquanto um diálogo que se revelará, no decorrer da narrativa, como um monólogo que tratará de uma teoria. De outro lado, temos “O espelho”, que também explorará uma espécie de teoria através de um diálogo. Em “O segredo do Bonzo” temos um capítulo inédito referente a uma obra já existente, *Peregrinações* (1614). E em “A sereníssima república” encontramos a representação de uma conferência. Assim, percebemos os novos procedimentos utilizados que caracterizam a riqueza estrutural presente no conto machadiano, que aparece como “um instrumento versátil e flexível, de prospecção e descoberta desse possível caráter nacional, e não nacionalista, que Machado de Assis tentava refletir [...]”<sup>309</sup>.

A pesquisa se voltou, então, para a forma com que Machado de Assis representa nos contos a “Teoria do medalhão”, “O espelho”, “O segredo do bonzo” e “A sereníssima república” as características humanas e sociais presentes na sociedade burguesa do Brasil no século XIX. Através dos personagens que compõem as narrativas temos evidenciado o contexto em que a busca pela

---

<sup>309</sup> CUNHA, Patrícia Lessa Flores da. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. Porto Alegre: IEL, 1998, p. 178.

ascensão social em detrimento da individualidade do homem se faz presente. Nesse ínterim, encontramos a forma irônica com que o escritor nos apresenta, através de suas narrativas, a importância da aprovação e do reconhecimento social, os quais sem eles o indivíduo se anula aos seus olhos e aos olhos dos demais. Assim, percebemos como Machado de Assis nos apresenta os comportamentos que um grupo, um povo, proporcionam a si próprios com o intuito de garantirem morada na ilusória segurança presente na ordem externa.

Em *Papéis Avulsos* (1882), Machado de Assis consegue penetrar e explorar as características de uma sociedade cujas aparências aparecem enquanto uma defesa necessária e inerente ao homem na busca pela fuga da obscuridade comum. Assim, percebemos que a vida em sociedade, ou seja, a alma exterior, na medida em que necessita de disfarces, participa diretamente do processo de anulação do sujeito, da alma interior. Em a “Teoria do Medalhão” encontramos o culto às aparências, bem como o uso de um discurso elaborado, como meio de se chegar ao único objetivo interessante em sociedade que trata da fuga do anonimato, a fim de se alcançar a notabilidade social, tornando-se um indivíduo completo, um medalhão e em “O Espelho” temos um medalhão já constituído que se vê tomado pelo caráter ilusório das aparências provenientes de seu cargo de alferes da guarda nacional que lhe confere toda a notoriedade desejada em sociedade. Assim, o sujeito só se vê constituído enquanto um indivíduo completo através da vestimenta que representa o cargo, a farda, e sua alma interior é tomada pela exterior, ou seja, a individualidade do homem é tomada pelos preceitos sociais.

Na narrativa “O segredo do Bonzo” percebemos a importância presente em um discurso enganoso, enquanto um dos mecanismos necessários para se convencer um público, uma vez que a plateia traz o sentido necessário à existência, ou seja, a exterioridade atua como elemento dominante. Desta forma, acaba por perpetuar o culto ao saber enganoso. Em “A sereníssima república” encontramos uma sociedade composta por aranhas, onde a utilização de uma retórica convincente, embora sem sentido, aparece como um mecanismo capaz de encobrir a corrupção presente nas eleições. Desta maneira, encontramos, mais uma vez, o falso saber como forma de ludibriar as pessoas e alcançar a aclamação necessária por parte de uma sociedade. Machado de Assis apresenta a certeza do quanto é ilusória a autonomia do sujeito, já que o mesmo se encontra tomado pela

exterioridade, de modo que se mostra de grande dificuldade sobreviver no cotidiano sem se agarrar às instituições.

Através de tamanha observação e olhar crítico, Machado de Assis aparece como um dos escritores mais perspicazes de seu tempo, evidenciando as inúmeras mazelas e o atraso presente na realidade brasileira. Explorou as características de uma sociedade em desenvolvimento e as representou através dos personagens e enredos presentes em suas narrativas, como ocorre nos contos que compõem *Papéis Avulsos* (1882). Retratou, por vezes, a impotência com que o sujeito se depara ao se ver distante do olhar de aprovação dos demais, do meio exterior, que, por vezes, se baseia em verdades fraudulentas que acabam por se perpetuar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, Antônio Soares. *História da Literatura Brasileira*. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 1973.

ANDRADE, Mário de. Contos e contistas. In: \_\_\_\_\_. *O empalhador de passarinho*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.

ASSIS, Machado de. Álvares de Azevedo: A nova geração. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. Álvares de Azevedo: Lira dos vinte anos. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. Eça de Queirós: O primo Basílio. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. José de Alencar: Iracema. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. In:

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. *O passado, o presente e o futuro da literatura*. Disponível em: [https://letras.cabaladada.org/letras/passado\\_presente\\_futuro\\_literatura.pdf](https://letras.cabaladada.org/letras/passado_presente_futuro_literatura.pdf) Acesso em: 17 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. *Papéis Avulsos*. Belo Horizonte: Garnier, 2000.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

AZEVEDO, Álvares de. *Noite na taverna*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

BAPTISTA, Abel Barros. A emenda de Sêneca — Machado de Assis e a forma do conto. *Teresa: revista de literatura brasileira*, São Paulo, nº6/7, 2006.

\_\_\_\_\_. *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 187.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. Esquema de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre azul, 2004.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARPEAUX, O. M. *História da Literatura Ocidental*. Brasília: Senado Federal, 2010.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4 Ed. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSTA LIMA, Luiz. O conto na modernidade brasileira. In: \_\_\_\_\_. *O livro do seminário ensaios Bienal Nestlé de Literatura Brasileira*. São Paulo: L R Editores Ltda, 1982.

COUTINHO, Afrânio. Realismo, Naturalismo, Parnasianismo. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs). *A Literatura no Brasil: Era Realista, era de Transição*. Volume 4. São Paulo: Global, 2002.

CUNHA, Patrícia Lessa Flores da. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. Porto Alegre: IEL, 1998.

CURTIUS, E. R. *A literatura Europeia e a Idade Média Latina*. São Paulo, Edusp/Hucitec, 2012.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Medalhão à brasileira. In: *Boletim/CESP*. v. 12, n. 14. jul/dez. 1992. p. 26-35.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queiroz e Simão Lopes Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

GLEDSON, John. A história do Brasil em Papéis Avulsos. In: \_\_\_\_\_. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: ficção e história*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, Herman. *Variações sobre o conto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

LOSSO, Eduardo Guerreiro Brito. *Nariz Metafísico em "O segredo do bonzo"*. Disponível em [http://www.eduardoguerreirolosso.com/nariz\\_metafisico.pdf](http://www.eduardoguerreirolosso.com/nariz_metafisico.pdf). Acesso em 01 jan. 2018.

LUCAS, Fábio. O conto no Brasil moderno. In: \_\_\_\_\_. *O livro do seminário ensaios Bienal Nestlé de Literatura Brasileira*. São Paulo: LR Editores Ltda, 1982.

MAGALHÃES, Belmira. História e representação literária: um caminho percorrido. In: *Revista brasileira de Literatura Comparada*, número 6. Belo Horizonte, 2002. p. 67-81.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Trad. Livio Xavier. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

MARINO, Adrian. *Comparatisme et théorie de la littérature*. Paris, PUF, 1988.

MATTHEWS, Brander. La filosofía del cuento. In: PACHECO, Carlos; LINARES, Luis. (orgs). *Del cuento y sus alrededores: aproximaciones a una teoría del cuento*. 2. ed. Caracas: Monte Avila Editores, 1997.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. Palavras do homenageado. *Anais do I Congresso ABRALIC*. Porto Alegre, UFRGS. 1988. p. 17-20.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Historia da Literatura Brasileira (Prosa de Ficção – de 1870 a Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis 1920)*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, literatura e cidades: diferentes narrativas para o campo do patrimônio. In: *Revista do Patrimônio*. Número 34, 2012.

POE, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

PRADO JR., Caio. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1965.

RIBEIRO, João. *Páginas de estética*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: \_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas*. 6 ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. Duas notas sobre Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Editora 34, 2000.

VAN TIEGHEM, Paul. *La Littérature comparée*. Paris : Armand Colin, 1931.